



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**ROGÉRIO MARTINS MARLIER**

**FÓRUM SOCIAL MUNDIAL:  
DA ESPONTANEIDADE À INSTITUCIONALIZAÇÃO**

---

Londrina  
2007

**ROGÉRIO MARTINS MARLIER**

**FÓRUM SOCIAL MUNDIAL:  
DA ESPONTANEIDADE À INSTITUCIONALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cleide Chiarotti Cesário.

Londrina  
2007

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

M348f Marlier, Rogério Martins.  
Fórum Social Mundial : da espontaneidade à institucionalização / Rogério Martins Marlier. – Londrina, 2007.  
116f. : il. + anexos no final da obra.

Orientador : Ana Cleide Chiarotti Cesário.  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007.  
Bibliografia : f. 112–116.

1. Fórum Social Mundial – Teses. 2. Espaço público (Ciências sociais) – Teses. 3. Fórum Social Mundial – Desenvolvimento institucional – Teses. I. Cesário, Ana Cleide Chiarotti. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 316.42

**ROGÉRIO MARTINS MARLIER**

**FÓRUM SOCIAL MUNDIAL:  
DA ESPONTANEIDADE À INSTITUCIONALIZAÇÃO**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ana Cleide Chiarotti Cesário  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Sperandio Lopes Adum  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Teresinha Bernardo  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Wanderley e Deize e ao meu irmão Saulo... grandes incentivadores desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cleide Chiarotti Cesário, pela amizade, dedicação, paciência e pelos conselhos precisos durante todas as etapas deste trabalho.

À minha família pela motivação, paciência e por todo apoio nessas horas.

À minha namorada Nilza, pelo carinho, suporte e exemplo de vida nessa jornada.

Aos amigos do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC) e do Grupo de Pesquisa Discurso e Memória, que propiciaram anos de aprendizado, conhecimento e troca de informações, principalmente a prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Chiarotti de Almeida que acompanhou de perto o presente trabalho.

Aos amigos, pelas discussões críticas e pelo eterno estímulo.

Aos professores e amigos do Curso de Mestrado, pela união e apoio, além de propiciarem debates fundamentais para a construção de nossa carreira.

À Central de Movimentos Populares do Paraná e a Associação Cultural do Rock de Londrina, pelo apoio na realização do trabalho de campo no Fórum Social Mundial de 2005.

À Digilaser pelo apoio técnico na elaboração desta pesquisa.

À todos que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida.

“[...] ‘se quer saber minha opinião, penso que o que fizermos não terá a menor importância política: a situação é abstrata e nós somos irresponsáveis. Aqueles dentre nós que se salvarem encontrarão uma sociedade organizada, com seus quadros e seus mitos. Nesse terreno, pelo menos. Porque, por outro lado, se conseguirmos infundir um pouco de coragem nos companheiros, impedi-los de desesperar, se lhes dermos uma razão para viver, ainda que ilusória, já valerá a pena tentar.’ ‘Pois bem, está perfeito’, diz Brunet... ‘Vamos’ [...]”.

Jean-Paul Sartre

MARLIER, Rogério Martins. **Fórum Social Mundial**: da espontaneidade à institucionalização. 2007. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

## RESUMO

Este trabalho interpreta o Fórum Social Mundial (FSM) através de seus documentos. É utilizado o método da Análise do Discurso (AD) de linha francesa juntamente com a teoria da ação para entender o processo que constitui este espaço público internacional e alternativo. Ele surge da mobilização de vários movimentos sociais que contestam a globalização neoliberal e constroem um espaço público para o debate de alternativas ao *status quo* vigente. A espontaneidade que se caracteriza pela pluralidade e articulação em rede dos movimentos sociais e entidades que compõem o Fórum, se confronta com a institucionalização desse processo que constrói um novo tipo de organização política internacional voltada para a elaboração e viabilização de propostas para a construção de um outro mundo possível. O Fórum Social Mundial surge no meio dessa tensão, e com a Carta de Princípios formula uma nova constituição que funda o seu espaço através de uma pluralidade radical, negando os princípios tradicionais de organização política. Para que esse espaço seja operacional são criadas instâncias dentro do FSM que obedecem aos princípios radicais de democracia originados na espontaneidade. A interpretação desse processo de institucionalização provoca o surgimento de relações de poder e de conflitos internos e externos que são constitutivos dessa nova forma de democracia que o Fórum inaugura.

**Palavras-chave:** Fórum Social Mundial. Discurso Político. Espontaneidade. Institucionalização. Espaço Público Internacional.

MARLIER, Rogério Martins Marlier. **World Social Forum: from the spontaneity to the institution.** 2007. 144f. Dissertation (Master's degree in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

### **ABSTRACT**

This work interprets the World Social Forum (WSF) through his documents. There is used the method of the Speeches Analysis of French line together with the theory of the action to understand the process that constitutes this public international and alternative space. The Forum comes from mobilization of several social movements that question the globalization neoliberal and build a public space for the discussion of alternatives to the status quo in force. The spontaneity that is characterized for the plurality and articulation in net of the social movements and entities that compose the Forum, it is confronted by the institutional process that builds a new type of political international organization turned to the preparation of proposal for the construction of another possible world. The World Social Forum appears in the middle of this tension, and with the Letter of Beginnings it formulates a new constitution that establishes his space through a radical plurality, denying the traditional beginnings of political organization. For this space be operational are committees created inside the FSM that obey to the radical beginnings of democracy given rise in the spontaneity. The interpretation of this institutional process provokes the appearance of relations of power and of internal and external conflicts that are constitutive in this new form of democracy that the Forum inaugurates.

**Keywords:** World Social Forum. Political speech. Spontaneity. Institutional Process. International Public-Space.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 CONDIÇÕES MATERIAIS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL .....</b>	<b>13</b>
2.1 A INOVAÇÃO POLÍTICA DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL .....	23
<b>3 O DISCURSO DO FSM ENQUANTO OBJETO DE ANÁLISE .....</b>	<b>31</b>
3.1 A PRODUÇÃO DO SENTIDO .....	36
3.2 O PROBLEMA DA AÇÃO NA TEORIA DO ASSUJEITAMENTO DA AD .....	41
3.3 AÇÃO E DISCURSO.....	49
<b>4 DO TEXTO PARA O DISCURSO: INTERPRETANDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS DO FSM .....</b>	<b>49</b>
4.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTORIA.....	55
4.2 O SENTIDO DO NÃO: A NEGATIVIDADE COMO CONDIÇÃO PARA A UTOPIA .....	63
4.3 AS TENSÕES NO DISCURSO E NA AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DO FSM.....	68
4.4 SOBRE ALTERNATIVAS, UTOPIA E DOCUMENTO FINAL .....	86
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um processo que teve início no ano de 1998 quando, no segundo ano da graduação em Ciências Sociais, tive a oportunidade de participar de um grupo de pesquisa denominado “Outras Palavras: sobre as formas de dizer e as formas de silenciar” que foi organizado pela professora Ana Cleide Chiarotti Cesário, desde então minha orientadora. Nesse projeto tive o primeiro contato com a Análise do Discurso (AD), um método que possibilita uma abordagem mais profunda sobre a realidade colocando o discurso como objeto de pesquisa. O método da AD, nesse aspecto não entende o texto por si mesmo, mas envolvido pela história e pelas relações sociais, isso facilitou o discernimento da AD como um método possível de ser utilizado pelas Ciências Sociais. No decorrer do curso, fiz minha monografia de bacharelado com o método da AD analisando uma matéria publicada no Jornal Paraná-Norte de 1935. Continuei participando do grupo depois de formado e fiz minha monografia de especialização analisando o discurso de um manifesto político que circulou na cidade de Londrina no ano de 1945.

O interesse pela Ciência Política, desde o começo da graduação me fez prestar atenção nas manifestações políticas, e em 1999 uma manifestação em específico chamou a atenção que foi a “Batalha de Seattle”, esse acontecimento junto com as aulas sobre movimentos sociais que tive no curso me fez tomar certa atenção pelo assunto. Acompanhei, dessa forma, toda a movimentação que fez surgir o Fórum Social Mundial (FSM), e todo o seu decorrente processo. A possibilidade de estudá-lo veio a tona depois de ter terminado a especialização e a chance de juntar o objeto do FSM com o método da AD. Mas uma coisa me inquietava, como analisar o discurso de um Fórum que é constituído pela ação de diversos movimentos sociais formando um espaço público internacional? A AD não consegue dar conta de resolver os problemas da ação no discurso, e as decorrentes teorias da ação não dão conta do discurso e o Fórum colocava ainda a estruturação de uma democracia radical. Dessa forma, resolvi aceitar esse desafio e iniciar o Mestrado para entender melhor essa “novidade”.

O Fórum Social Mundial (FSM) emerge como uma das grandes novidades políticas dos anos iniciais do século XXI. Ele surge contestando a ideologia dominante pós-queda do muro de Berlim, que definia a globalização neoliberal como a única saída, e consegue construir através do slogan “outro mundo é possível” um espaço público para o debate de alternativas ao *status quo* vigente. Esta novidade, que nasce da iniciativa de diversos movimentos sociais internacionais, é de natureza contra-hegemônica e instala a negação do neoli-

beralismo como o princípio de suas propostas, além de estabelecer uma forma de organização diferente das convencionais. Sendo assim, a presente pesquisa tenta contribuir com a interpretação desse fenômeno sob o ponto de vista da análise dos documentos sobre a estrutura organizativa do FSM. Analisar os documentos produzidos pelo FSM requer um método que privilegie o discurso enquanto objeto e, para tal, torna-se primordial a utilização do método da Análise do Discurso (AD) de linha francesa que encontra no texto o material bruto para interpretações que deslocam a produção dos sentidos até a exterioridade enfocando assim, a realidade material da constituição desses sentidos.

O desvendamento da materialidade do discurso do FSM traz à tona a ação como princípio norteador da prática política do Fórum, produzindo assim, a relação entre discurso e ação que vai além dos princípios da AD. Através dessa relação, é possível entender como se dá a tensão principal entre espontaneidade e institucionalização. A espontaneidade se caracteriza na origem do FSM que é fruto de um movimento antineoliberal que nos anos 90 se articulou e conseguiu realizar inúmeras manifestações contestando as principais instituições reguladoras internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) etc. A articulação de entidades e movimentos sociais dos mais variados que vai desde o Greenpeace até a Anistia Internacional produziu, assim, uma luta contra o neoliberalismo que não se caracteriza pela homogeneidade, mas sim pela articulação em rede mantendo a diversidade de cada movimento.

A partir dessa articulação foram realizadas diversas manifestações como a de Seattle contra a OMC em 1999 (também conhecida como “batalha de Seattle”), que é comumente designada de “acontecimento fundador do FSM”. Depois da organização do primeiro Fórum, a espontaneidade que o caracterizou prevaleceu na sua Carta de Princípios, tentando mantê-lo como um espaço que não é homogêneo, (não o configurando como um ator internacional), e que não é deliberativo (não o tornando porta-voz do movimento antineoliberal). Por outro lado, o primeiro Fórum trouxe à tona o desafio de manter a mesma estrutura para o futuro, para que assim, o movimento tivesse uma continuidade e que não perdesse suas conquistas, é daí que surge a institucionalização. Isso foi assegurado pela Carta de Princípios, o que materializou toda a estrutura do primeiro FSM, servindo como uma espécie de constituição. A partir disso, o Fórum se operacionalizou, desenvolvendo uma estrutura organizativa que tem como princípio integrar toda a diversidade dos movimentos e entidades que o compõem e ao mesmo tempo, manter a característica de rede sem hierarquizações, e se esquivar de disputas internas de poder. Os conflitos mesmo assim têm aflorado desse paradigma, pois se instalou um problema, isto é, como esse espaço público de âmbito internacional consegue

manter a espontaneidade de uma pluralidade de movimentos sociais e entidades do mundo todo sem que isso prejudique a coesão e a coerência do Fórum e, por outro lado, sem que a institucionalização operacionalize o FSM de tal forma que homogeneíze todos os movimentos?

Tendo isso como norte, o presente trabalho se estrutura da seguinte forma. No primeiro capítulo, tracei as condições materiais da produção do discurso do FSM, mostrando assim a historicidade que aflora dos interstícios de seus documentos. Assim, num primeiro momento explico o grande contraponto do Fórum, o neoliberalismo, definindo o seu desenvolvimento (da teoria de Hayek até a aplicação prática nos Estados), e alguns traços de sua estrutura, indicando como esse movimento do capitalismo gerou mais exclusão e possibilitou o aparecimento de novos movimentos sociais e a sua articulação contra as políticas neoliberais. Decorrente disso, defino as origens do movimento que propiciou a formação do Fórum Social Mundial ressaltando as raízes históricas do Fórum bem como seu caráter de inovação política.

No segundo capítulo são traçados os aspectos metodológicos para a análise dos documentos do FSM. Para compreender esses textos utilizo os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Ela define que a sua problemática fundamental é considerar a exterioridade dentro do texto. O analista do discurso relaciona a linguagem ao seu contexto histórico-social de produção. Os aspectos sociais e históricos são entendidos do ponto de vista da teoria do marxismo e a análise do discurso se propõe a empregar esta teoria para chegar ao funcionamento da ideologia na linguagem, ou seja, a linguagem é o lugar em que a ideologia se materializa. São definidos assim, alguns conceitos da AD que constituem o dispositivo analítico deste trabalho, como interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, efeito de sustentação e formações discursivas. Em seguida, são definidos – por meio da crítica que se faz ao assujeitamento presente na teoria da AD – alguns conceitos fundamentais para o entendimento da relação discurso/ação, apontando a importância do conceito de ação para a análise dos documentos do FSM. Dessa forma, busco em alguns autores como Possenti, Paiva, Arendt e Habermas, uma tentativa de definir o conceito de ação relacionado com o de discurso e a partir disso, se esboçam alguns conceitos como sujeito-ativo, ação comunicativa e intersubjetividade.

O terceiro capítulo trata da análise dos documentos do FSM. Primeiramente a Carta de Princípios é descrita, definindo assim, a sua estrutura textual e discursiva. Em seguida, ampliando o alcance do discurso com outros documentos, analisamos a autoria, o sentido da negatividade, as tensões na construção do espaço público e por último, o âmbito das

alternativas. O conceito de autoria, isto é, a função do sujeito que está na origem do texto produzindo sua coerência e homogeneidade, ajuda a compreender a formação do FSM como autor e ator, mostrando as raízes interdiscursivas e históricas que constroem o autor/ator. Na seqüência, surge a questão da negatividade, a partir do “não” existente nos documentos do FSM e principalmente na Carta, a organização do Fórum se mostra como uma novidade política: um fórum que não é fórum, pois não é um simples evento; que não é uma organização tradicional, pois não possui um corpo institucional que possibilite decisões e deliberações em nome de todos; e que se distancia das disputas internas por poder porque não é organizado de maneira hierarquizada. É através da negatividade que o Fórum surge no meio da tensão entre um espaço de antipoder e um espaço de contra-poder. As tensões internas e externas do Fórum surgem a partir disso, possibilitando o mapeamento dos conflitos de poder das instâncias do Fórum. Na última parte deste capítulo são discutidas as questões das propostas alternativas e da elaboração ou não de um documento final. Homogeneização e pluralidade, duas tendências que se chocam na tentativa de se construir um Fórum mais eficiente.

## 2 CONDIÇÕES MATERIAIS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Para se compreender a produção do discurso do Fórum Social Mundial é necessário buscar em seu texto a anterioridade e a exterioridade, analisando-o para encontrar as características históricas da produção material do sentido. O texto é o lugar onde se manifesta a discursividade, o jogo de sentidos e dos significados. Enquanto texto ele se encontra como material bruto, no qual, através da sua unidade e coerência, são verificados, por meio da análise, a discursividade e a materialidade do sentido. Neste trabalho os textos que utilizaremos para compreender a produção material do discurso são os documentos oficiais elaborados pelo FSM que estabelecem as suas principais diretrizes e mostram o seu planejamento e funcionamento. Dessa forma, analisando o texto da Carta de Princípios do FSM pode-se indicar o interdiscurso, aquilo que remete à anterioridade e à exterioridade do discurso, indicando os aspectos materiais e históricos da produção do sentido. O primeiro princípio<sup>1</sup> da carta aponta para um complexo histórico que antecede o Fórum:

**1.** O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra. (CARTA DE PRINCÍPIOS, 2001)

Com o primeiro princípio da carta podemos entender que o objetivo do Fórum é estabelecer uma articulação contra o neoliberalismo, com a intenção de contribuir na construção de uma alternativa global a este modelo sócio-econômico. Por isso, para a compreensão da produção material dos sentidos que se evidenciam no texto, temos que recorrer à análise da formação histórica desse processo que culminou na formação do FSM.

---

<sup>1</sup> Os princípios podem ser entendidos como orientações porque traçam os objetivos do FSM de maneira geral e específica e o próprio termo “orientações” aparece na “Nota de Informação” divulgada no final do FSM de 2001: “O Comitê Organizador do Fórum Social Mundial de Porto Alegre preparará até abril de 2001: – a carta de princípios e orientações para a realização dos Fóruns de 2002” [...] (NOTA DE INFORMAÇÃO DO COMITÊ ORGANIZADOR, 2001.).

Para Perry Anderson (2000), o neoliberalismo, enquanto teoria econômica e manifestação política nasceu logo após a Segunda Guerra Mundial com Friedrich Hayek:

“Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política.” (ANDERSON: 2000, p. 9).

Esta obra, segundo Moraes (1997), foi considerada excêntrica pelos economistas da época, porque criticava o Estado de Bem-Estar Social, a teoria keynesiana do controle estatal da economia e buscava a solução na volta da liberalização econômica, descentralização do Estado e desregulamentação dos direitos conquistados pelos trabalhadores com seus sindicatos. Os inimigos do neoliberalismo são explicitados por Moraes dessa forma,

“Um desses inimigos é o conjunto institucional composto por Estado de Bem-Estar, planificação, intervenção estatal na economia, tudo isso identificado com a doutrina keynesiana. O outro inimigo é localizado nas modernas corporações – os sindicatos e centrais sindicais, aliás também paulatinamente integrados (e esse é o problema...) no conjunto institucional anteriormente mencionado, já que além de sabotar as bases da acumulação privada, através de reivindicações salariais, os sindicatos teriam empurrado o Estado a um crescimento parasitário, através da imposição de despesas sociais e investimentos sem perspectiva de retorno.” (MORAES: 1997, p. 16-17).

Segundo Anderson, Hayek e mais alguns intelectuais defensores do neoliberalismo não descansaram em sua luta contra o Welfare State e fundaram a Sociedade de Mont Pèlerin que continuou militando nos longos anos de bonança que o modelo de Keynes possibilitou principalmente aos países desenvolvidos. Mas com a crise profunda do capitalismo nos anos 70, o modelo econômico proposto por Hayek se tornou uma possibilidade prática.

“As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse”. (ANDERSON, op. cit, p. 10).

Os argumentos neoliberais criticaram radicalmente os ideais do Estado de Bem-Estar, e com a sua falência o neoliberalismo teve espaço suficiente para se concretizar na realidade econômica de diversos países. No final dos anos 70 os programas do neoliberalismo começaram a ser implantados principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra com os governos de Reagan e Thatcher. Dessa forma,

“O que fizeram, na prática, os governos neoliberais deste período? O modelo inglês foi ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram a taxa de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais.” (id.ibid., p. 12).

Nos anos 80 os principais países desenvolvidos começaram a adotar, pelo menos em parte, as diretrizes neoliberais. Essas diretrizes tornaram-se a nova ideologia e a “única saída” depois do fim do comunismo soviético. Dessa forma, as políticas econômicas neoliberais se alastraram por muitos países nos anos seguintes, principalmente nos países americanos e europeus.

Göran Therborn (2000) acrescenta outra característica do neoliberalismo que é o aumento da esfera do mercado. A expansão do mercado financeiro mundial é ponto mais dramático do crescimento do mercado:

“Os Estados nacionais chegaram a ser muito menores do que este novo mercado financeiro mundial, ao mesmo tempo em que passaram a depender da confiança destes mercados para implementar grande parte das políticas estatais.” (THERBORN, 2000, p. 45)

O espaço tempo nacional perde a primazia segundo Boaventura de Souza Santos (2000), por causa da maior importância que é dada ao espaço-tempo global e local. O espaço-tempo nacional estatal é feito de ritmos e de temporalidades diferentes, mas compatíveis e articuláveis. A coerência entre elas é problemática na atualidade devido aos espaços-tempo global e local que competem com o espaço-tempo nacional estatal. A partir dessa competição crescem temporalidades totalmente incompatíveis com a temporalidade estatal nacional. Entre elas estão o tempo instantâneo do ciberespaço e o tempo glacial da degradação eco-

lógica, da questão indígena ou da biodiversidade. O tempo instantâneo dos mercados financeiros inviabiliza muitas das deliberações ou regulações por parte do Estado.

O quarto ponto da Carta de Princípios designa esse aspecto do neoliberalismo:

4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. (CARTA DE PRINCÍPIOS, loc. cit)

Dessa forma, a política de financeirização do capital no modelo neoliberal e sua institucionalização no aparelho estatal que é denunciada pela carta de princípios é chamada por Santos (2000) de fascismo financeiro. Para este autor é o fascismo da “economia de cassino” que comanda os mercados financeiros de valores e de moedas, a especulação financeira etc. Santos ressalta que o seu tempo-espço é refratário a qualquer ação estatal, pois é o mais pluralista dos fascismos, os seus movimentos financeiros são produzidos por pessoas ou instituições espalhadas pelo mundo. Para o autor, a sua virulência decorre do fato dele ser o mais internacional dos fascismos e servir de critério operacional para as novas instituições de regulação global.

Para Boaventura de Souza Santos, a ideologia do neoliberalismo legitima quatro formas de consenso.

Em primeiro lugar o consenso econômico liberal ou Consenso de Washington. O consenso econômico liberal restringe a regulamentação estatal, coloca novos direitos internacionais de propriedade para investidores e criadores intelectuais e subordina Estados nacionais a agências multilaterais, como o Banco Mundial o FMI e a OMC.

O segundo consenso é o do Estado fraco. Este tem relação com o consenso anterior, mas tem outras implicações fora do domínio econômico. “O Estado, mesmo o Estado formalmente democrático, é considerado inerentemente opressivo, ineficiente e predador, pelo que o seu enfraquecimento é condição para o fortalecimento da sociedade civil”. (SANTOS: 2000, 47). Sendo assim, o Estado é fraco e forte ao mesmo tempo porque ele sustenta essa fraqueza coerentemente e coercitivamente.

O consenso democrático liberal, como o terceiro consenso, consiste na promoção internacional de concepções minimalistas de democracia como condição de acesso dos Estados nacionais aos recursos financeiros internacionais.

O último consenso é o do primado do direito e dos tribunais. Para Santos, esse consenso é decorrente do modelo de desenvolvimento dos três consensos anteriores e prioriza a propriedade privada, as relações mercantis e o setor privado, garantindo transações seguras e previsíveis. É o que ele denomina de judicialização da política.

A exclusão social e a desigualdade são fatores preponderantes nas políticas econômicas neoliberais. Segundo Santos, em muitos países os trabalhadores são incluídos segundo uma lógica de exclusão, o que significa a entrada no mercado de trabalho desprovido de quaisquer direitos, como no caso da terceirização, da frente de trabalho e etc. Isso para quem consegue entrar no mercado de trabalho, porque para Boaventura se o desemprego é conjuntural e provisório, para muitos é estrutural e permanente. Dessa forma,

A estabilidade de que fala o consenso neoliberal é sempre a das expectativas dos mercados e dos investimentos, nunca a das expectativas das pessoas. Aliás, a estabilidade dos primeiros só pode ser obtida à custa da instabilidade das segundas. (id. *ibid.* 49-50).

Sendo assim, a discursividade do Fórum contida em seus documentos delinea uma historicidade que está no pré-construído do seu discurso. A condição histórica da formação do neoliberalismo traça a característica essencial para se entender materialmente a formação discursiva que alimenta os documentos do Fórum. Mas a formação dos sentidos está também atrelada historicamente ao movimento que surgiu mundialmente contestando e questionando as políticas excludentes do modelo neoliberal.

Mesmo a idéia neoliberal tendo se alastrado pela sociedade mundial como “a única saída”, suas conseqüências excludentes foram sentidas pela população mundial que desde as primeiras experiências neoliberais se mobilizaram e travaram embate.

Leite (2003) destaca que desde meados dos anos 1980 quando as políticas neoliberais ganhavam consistência, emergiram resistências sociais, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos por parte dos trabalhadores e sindicalistas. Quando em 1990 o neoliberalismo ganhou contornos globais as reações se intensificaram, o Eco-92<sup>2</sup>, segundo o autor, significou uma mudança considerável no engajamento da sociedade civil internacional. As reuniões do Banco Mundial, da OMC entre outras instituições representantes do capital internacional passaram a ser acompanhadas não só pelas ONGs lobistas, mas por protestos

---

<sup>2</sup> Eco-92 ou Rio-92 é a forma popular de como é conhecida a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD) que aconteceu em 1992 no Rio de Janeiro.

contra a sua própria forma de funcionamento. Entre essas entidades se destacavam o Greenpeace e a Anistia Internacional que há anos já vinham estabelecendo formas de lutas. O autor ressalta também o Exército Zapatista de Libertação Nacional que em 1996 realizou o “I Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo”, com a participação de vários movimentos e ONGs que compartilhavam da idéia. Para o autor, o que dá realmente um impulso ao movimento é a participação da juventude. Sendo assim,

É a inserção da juventude na luta que dará ao movimento global boa parte do seu dinamismo e, em diversos países, capacidade de catalisar antigos setores militantes e parcelas dos movimentos sociais. (...) Assim a mobilização de massas, a ação direta e a desobediência civil se apresentam como caminhos lógicos no protesto e na luta por alternativas, o que aumenta a distância entre a esquerda forjada antes dos anos 1990 e aquela que hoje se desenvolve. (LEITE, op. cit. p.36-37).

As mobilizações e o debate crítico ao neoliberalismo já faziam parte de diversas organizações e movimentos sociais, na segunda metade da década de 1990. Dessa forma, Leite afirma o seguinte:

E, por fim, mudaram significativamente as referências a partir das quais as oposições à globalização neoliberal compreendiam a si mesmas e articulavam suas iniciativas. Na segunda metade dos anos 1990, toda uma série de movimentos sociais, organizações não-governamentais e setores de esquerda já seguia uma discussão crítica sobre a globalização bastante distinta até então. (id. ibid. p.37)

Leite entende que esse movimento, que começava a discutir as premissas excludentes e contraditórias do neoliberalismo, tinha como base teórica as reflexões de uma parte considerável dos intelectuais de esquerda como David Harvey, Noam Chomsky, Susan George, Toni Negri, Naomi Klein, Pierre Bourdieu entre outros. Dentro de toda essa configuração, a partir de 1997 a resistência começou a se intensificar e no mesmo ano ocorreu mais uma iniciativa de mobilização mundial, o “II Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo” que foi realizado na Europa e culminou na Ação Global dos Povos.

Em 1998 foi lançada a proposta do Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) feita pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que segundo Whitaker (2001), possibilitou uma mobilização internacional contra o acordo:

Esse Acordo vinha sendo discutido em segredo no quadro da OCDE, com a pretensão de passar a ser uma espécie de Constituição mundial do capital, que lhe daria todos os direitos – especialmente no Terceiro Mundo, onde seriam feitos os “investimentos” - e quase nenhum dever. O jornal francês *Le Monde Diplomatique* repercutiu então amplamente uma primeira denúncia feita nos Estados Unidos pelo movimento “Public Citizens”, liderado por Ralph Nader, através de um artigo assinado por uma advogada desse movimento, Lori Wallach. A reação aos absurdos que esse Acordo continha fez surgir um movimento social de protesto que, no final de 1998, levou a França a se retirar das negociações, o que acabou por impedir que o Acordo fosse celebrado. (WHITAKER: 2001, p. 1)

No ano seguinte ocorreu o que é denominado por Leite de “acontecimento fundador”, uma das maiores manifestações contra o capitalismo neoliberal que foi realizada em Seattle na reunião da Organização Mundial do Comércio no final do ano de 1999.

Em 30 de novembro 50 mil manifestantes tomaram as ruas de Seattle, protestando contra a terceira reunião ministerial da OMC (...) a conferência deveria inaugurar a chamada Rodada do Milênio, um novo ciclo de negociações para a liberalização comercial, focado na agricultura e nos serviços (...) Produziram um evento midiático e um acontecimento político maior na conjuntura, que catalisou os mais distintos movimentos e organizações e possibilitou que daí em diante eles se vissem como parte de um mesmo processo. (LEITE: op. cit. P 44).

A partir de Seattle ocorreram diversas outras manifestações e protestos nas reuniões de outras instituições do capital internacional o que acabou consolidando o movimento global. Dessa forma, Leite considera que:

“Eles foram organizados horizontalmente por vastas coalizões e redes de entidades e movimentos espalhados pelo planeta. Ao mesmo tempo buscam construir uma identidade afirmativa, reunindo-se em muitos encontros e contracúpulas, até o Fórum Social Mundial congregá-los”. (id *ibid.*p. 43).

Segundo uma das cartas convocatórias assinadas pela maioria dos movimentos presentes depois do primeiro FSM, a manifestação de Seattle ganha o sentido de ser o acontecimento que fundou o FSM:

Somos parte de um movimento em crescimento a partir de Seattle. Desafiamos as elites e seus processos anti-democráticos representados no Fórum Econômico de Davos. Viemos compartilhar nossas lutas, trocar experiências, fortalecer nossa solidariedade e manifestar nosso rechaço absoluto às políticas neoliberais da atual globalização. (PORTO ALEGRE CONVOCA PARA AS MOBILIZAÇÕES, 2001).

Desse modo, o sentido atribuído no texto nos remete a essa discursividade implícita que se manifesta na superfície do texto de maneira homogênea. E partindo dessa discursividade desvendamos os interdiscursos que estão no seu interior. O aspecto da compreensão da historicidade no discurso do Fórum mostra materialmente como o discurso está articulado com a história e com os acontecimentos sócio-políticos. Assim, a compreensão do discurso do Fórum Social Mundial mostra um movimento que surge como um processo articulado internacionalmente por uma rede ampla de movimentos sociais e organizações que há anos já vinham se mobilizando em contraponto ao neoliberalismo.

Dessa forma, tendo em vista a possibilidade de contribuir para a união entre esses diversos movimentos, alguns brasileiros (ente eles Francisco Whitaker e Oded Grajew) formularam a idéia da construção de um Fórum Social Mundial, que diferente das iniciativas anteriores teria como parâmetro o Fórum Econômico Mundial de Davos, pois seria o seu contraponto em escala internacional. Depois da proposta ser discutida com Bernard Cassen diretor do jornal *Le Monde Diplomatique* e presidente da ATTAC francesa (Ação pela Tributação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos), a idéia do FSM foi divulgada para as entidades e organizações brasileiras que aceitaram organizar o Fórum. Em junho de 2000 uma comitiva brasileira foi a Genebra onde estava ocorrendo um encontro alternativo contra a Cúpula Social da ONU. Com a aceitação da proposta pelos movimentos ali reunidos instalou-se um comitê internacional de apoio ao Fórum. Dessa forma Whitaker ressalta que:

“Por sugestão de Cassen, em fins de Junho uma comitiva das entidades viajou a Genebra, onde estariam reunidas, numa “cúpula” alternativa à Cúpula Social da ONU<sup>3</sup> ‘Copenhagen + 5’, grande parte das organizações que estavam se articulando pelo mundo afora nas manifestações contra o neoliberalismo. Abriu-se espaço para apresentarmos nossa proposta, que foi muito bem aceita – o vice-governador do Rio Grande do Sul, Miguel Rossetto, viajou igualmente a Genebra para confirmar o acolhimento que o Rio Grande do Sul daria ao Fórum – e já se constituiu, nessa ocasião, um Comitê Internacional de Apoio ao Fórum”. (WHITAKER: loc cit.)

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas.

Dessa forma, o I FSM foi realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001 com cerca de 4 mil delegados representantes de diversas organizações e 16 mil participantes credenciados de 117 países e teve grande repercussão na mídia do mundo inteiro. Segundo Whitaker (2005), no encerramento do I FSM foi decidido que seriam organizadas novas edições do evento e para isso os organizadores “comprometeram-se então, na ‘nota de informação’, divulgada ao final da primeira edição, a elaborar uma ‘carta de princípios e orientações para a realização dos fóruns de 2002’”. (WHITAKER: 2005, p. 37).

A Carta de Princípios que sistematizava as experiências do Fórum foi então elaborada e adotada pelo Comitê Organizador Brasileiro nos primeiros meses que sucederam o Fórum, que convocou logo em seguida uma reunião com as organizações e movimentos internacionais mais atuantes no I FSM que definiria a criação de um comitê internacional que acabou se transformando em um conselho. Na reunião que constituiu o Conselho Internacional (CI) realizada em São Paulo em 10 e 11 de junho de 2001, também foi aprovada com alterações a Carta de Princípios, que define as diretrizes e serve como uma espécie de constituição do FSM, como mostra Leite:

“A Carta de Princípios funciona como ‘constituição’ e baliza política do processo Fórum Social Mundial. Os eventos que desde então passaram a ser promovidos em todo o mundo com o nome Fórum Social Mundial só podem ser assumidos como parte do processo avalizado pelo CI<sup>4</sup> se respeitam as definições nela estabelecidas (...) os termos da Carta de Princípios foram, até agora, sempre reafirmados. Ela permitiu que a mundialização do FSM não significasse, do ponto de vista político, sua fragmentação”. (LEITE: op. cit. p. 85).

Dessa forma, a Carta de Princípios é um dos principais documentos a serem analisados neste trabalho porque o seu papel foi decisivo para a manutenção da estrutura do FSM e da internacionalização desse processo. Sendo assim, segundo Whitaker (2005):

“... é ela que dá ao processo Fórum uma natureza diferente daquela dos demais instrumentos de luta por “um outro mundo”. Seu ponto de partida é a opção por organizá-lo como um “espaço aberto”, sem dirigentes nem dirigidos. E é essa opção que constitui a questão mais largamente discutida entre organizadores e entre participantes do Fórum...” (WHITAKER op. cit. p. 38)

---

<sup>4</sup> CI é entendido neste trabalho como Conselho Internacional

A Carta de Princípios reafirma o FSM enquanto um “espaço” não-deliberativo, não-governamental, não-partidário, plural, diversificado e como um “processo”. Este último pelo fato do FSM ter direcionado sua internacionalização para a realização de diversos fóruns regionais, temáticos e continentais realizados no mundo inteiro, mas com as mesmas premissas da Carta de Princípios. A internacionalização é salientada na Carta de Princípios definindo o sentido discursivo de processo, dessa forma:

8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo. (CARTA DE PRINCÍPIOS, loc. cit.)

Seguindo essas designações o FSM não pode ser considerado como uma simples reunião ou seminário. O Fórum foge também da noção comum de organização por que apesar de ter características rígidas organizativas e institucionais, ele não procura homogeneizar a diversidade de movimentos que o constituem, como afirmam Gupta e Purkayastha (2004) :

“Let us now turn to what the WSF is not. The WSF is not an organization. Because it is not an organization, it has no locus standi to declare itself to be party to a specific proposition or ideological position. The basic ideological position is laid down in the Charter. Beyond this the WSF itself takes no position. Does this mean that the WSF is a non-ideological space? No, what it means is that the space is not circumscribed by a specific ideological position, other than what is laid down in the Charter. This means that the space offers the freedom for all who wish to use the space, to take their individual ideological position. In other words, the space offers the opportunity for contending or dissimilar ideological positions to be debated, discussed or shared. The WSF takes no responsibility to homogenize these positions and push for a common position. But the very opportunity the space provides, may (and does), lead to common positions being forged between different groups or organizations who bring in vastly differing experiences”. (GUP-TA; PURKAYASTHA: 2004, p. 1)

Os autores mostram assim, seguindo a carta de princípios, que o Fórum Social Mundial não é uma organização, que não é um espaço onde se concentra uma ideologia específica e que não tenta homogeneizar a pluralidade das manifestações e dos movimentos sociais, sendo um espaço aberto e plural proporcionando diferentes experiências.

A compreensão discursiva do Fórum Social Mundial entendida pela análise de seus discursos através do texto enquanto material bruto, proporciona uma desvinculação do texto com sua homogeneidade e transparência, relacionando assim a linguagem (através do discurso) com a exterioridade (através da compreensão conjuntural sócio-histórica). O discurso do FSM denota em seu interior a interpretação do processo histórico que originou a mobilização internacional dos movimentos sociais e civis contra a mobilização governamental e estatal neoliberal. No discurso que é produzido pelo FSM, os sentidos, desnudados pela relativa transparência do texto, revelam que dentro de sua estrutura existe o acontecimento que move seus sentidos para fora, para aquilo que pré-existe, para o pré-construído, ou seja, o sentido que pré-existe antes do pensamento. O Fórum é um processo que produz sentidos, e estes sentidos estão articulados materialmente às ações que produzem um espaço público aberto, alternativo e internacional. Através da análise dos documentos do FSM, compreenderemos como estes discursos indicam questões que remetem a uma nova concepção de democracia que é construída no bojo de um processo histórico de articulação da sociedade civil internacional e se concretiza num novo tipo de organização política que não se enquadra nos padrões tradicionais de organização e mobilização política. Portanto, torna-se necessária agora uma referência mais completa sobre a estrutura do FSM e suas características organizacionais na análise de seus documentos.

## **2.1 A INOVAÇÃO POLÍTICA DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL**

Na Carta de Princípios podemos observar que a inovação do Fórum está na forma como ele se organiza horizontalmente mantendo a diversidade das manifestações dos movimentos sociais e evitando as disputas internas por poder:

**6.** Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instancia (sic) de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem. (CARTA DE PRINCÍPIOS, loc. cit.)

Sendo assim, para Whitaker a experiência do FSM é nova, mas suas idéias não. Whitaker relata que essas idéias passaram pela cabeça de diferentes intelectuais, mas foi com o movimento de maio de 68 que assolou a França e o mundo que ela tomou forma:

“Elas se concretizaram mais amplamente no final da década de 1960, quando a indignação e a revolta contra os diferentes tipos de autoritarismo – no Brasil na luta contra a ditadura – fez ir para as ruas, quase concomitantemente em diferentes países do mundo, grandes quantidades de jovens, cujos anseios poderiam ser sintetizados na frase surgida em maio de 68 na França: ‘É proibido proibir’”. (WHITAKER: op. cit. 213).

Na década de 1970 surgiram novos movimentos sociais que se basearam nas práticas de contestação surgidas no “maio de 68”, produzindo novas formas de organização política. Dessa forma, Whitaker destaca que:

“Esses acontecimentos levaram à descoberta, na década seguinte, da possibilidade de organizar-se politicamente – e ganhar muito mais eficácia – de uma forma diferente da que se utilizava até então. Isto é, passar da organização em pirâmide – vertical, baseada na disciplina, na obediência à ordem que vem de cima – à organização em rede – horizontal, baseada na coresponsabilidade”. (id. ibid. p. 213-214).

Segundo Whitaker, nos anos de 1980 e 1990 a crise dos movimentos políticos de esquerda tradicionais aumentou, afetando principalmente os partidos e os sindicatos. A partir dessa decadência, outras ações surgiram distanciando-se das práticas dos partidos políticos, sindicatos tradicionais e das lutas eleitorais. Portanto, essas lutas,

“... foram se tornando conhecidas nos países ricos como ‘movimentos cívicos’ – reivindicatórios, ecológicos, de luta por direitos, ou mobilizações pontuais e independentes de trabalhadores ou estudantes – ou como ‘movimentos populares’, nos países pobres. São formas de atuação que correspondem de fato a uma insurgência contra os instrumentos de ação política de que dispomos, por sua ineficiência em termos de transformação social efetiva”. (id. ibid. p. 214)

Scherer-Warren (1987) assinala que a novidade na organização política desses movimentos foi construída a partir de dois fatos: o *fato estrutural* que estimula os objetivos, os projetos ou as meras reivindicações dos movimentos sociais, ou seja, o reconhecimento

to de todo o processo de exploração e alienação ao qual o indivíduo reconhece suas estruturas. E o *fato da internacionalização* da cultura crítica, que é evidenciada pela insatisfação com o modo autoritário da política de exclusão capitalista.

“Estes novos movimentos se caracterizam por suas lutas para romper com os esquemas populistas do passado para a criação de formas comunitárias de participação direta das bases ao nível da reflexão, da decisão e da execução, diminuindo ao mínimo a distância entre direção e base do movimento. Defendem sua autonomia frente ao Estado e partidos, considerando a cidadania um direito do povo, uma situação de um capitalismo particular excludente.” (SCHERER-WARREN: 1987, p. 42).

A ação desses movimentos em redes ou *networks* junto com uma maior facilidade no transporte internacional e uma mundialização da cultura através da alta tecnologia dos meios de comunicação possibilitou a consciência internacional da cidadania. Dessa forma Whitaker afirma que a consciência internacional das desigualdades sociais se ampliou, pois: “As pessoas foram percebendo a necessidade e a possibilidade de pensar e agir como cidadãos e enquanto cidadãos, filiados ou não a partidos, sindicalizados ou não, sem precisarem ser pagas para isso”. (WHITAKER, 2005, op. cit p. 215).

Para Whitaker, este processo decorre também da desterritorialização do modo de produção dominante atual que traz consigo a internacionalização dos meios de informação cultural e de massa.

Portanto, o FSM é produto desse processo, pois segundo Whitaker,

“O Fórum Social Mundial surgiu quando, dentro desse processo, a mobilização contrária às opções neoliberais hegemônicas no mundo se ampliavam e suas redes se multiplicavam. Inserindo-se no claro posicionamento insurgente dessa mobilização, o Fórum deu também o passo que já vinha sendo experimentado pelos movimentos populares e cívicos, insurgindo-se contra a dominação da cultura política da ação comandada de cima pra baixo”. (i-bid.).

Segundo Gupta e Purkayastha (2004), vários movimentos sociais ao redor do mundo sentiram a necessidade de se articular mundialmente em rede pra uma ofensiva contra o capital global, e os embates nos encontros das instituições mundiais do capital serviram para que essas redes se desenvolvessem numa luta comum.

Various groups around the world were increasingly feeling the need that without global networks, it could not push back the offensive of global capital. Local actions, while extremely important, was not enough. Increasingly, groups used as occasions to come together in mass protests events connected to the institutions of imperialist globalisation: WTO, World Bank, IMF. G8. (GUPTA; PURKAYASTHA: 2004, loc sit.).

Dessa forma, foi por sua organização em rede e sem impor diretrizes finais, que o Fórum conseguiu evitar as velhas disputas de poder e centralização do discurso que norteiam as organizações públicas tradicionais. Segundo Whitaker, o melhor exemplo da proposta de organização horizontal do fórum são as oficinas:

“Elas são organizadas livremente por esses mesmos participantes, respeitada a Carta de Princípios do Fórum, paralelamente às atividades propostas por seus organizadores (...) Nelas se discute e se aprende sobre alternativas em todos os níveis, da vida cotidiana das pessoas à busca de novas estruturas internacionais, e se adensam as articulações horizontais, sem interferência dos responsáveis do Fórum”. (WHITAKER, op. cit. p. 216-217)

Para Boaventura de Souza Santos (2005) o agir em rede como uma nova tática política dos movimentos sociais, surgiu do próprio âmbito excludente do neoliberalismo:

“A globalização neoliberal veio mostrar, com acrescida e brutal clareza, que a exploração está ligada a muitas outras formas de opressão que afectam mulheres minorias étnicas (por vezes, maiorias), povos indígenas, camponeses, desempregados, trabalhadores do sector informal, imigrantes legais e ilegais, subclasses dos guetos urbanos, homossexuais e lésbicas, crianças e jovens sem futuro digno (...) Para responder essas condições e às flutuações, os movimentos e organizações devem dar prioridade às articulações entre si. Isto explica, em última instância, a novidade organizacional de um FSM sem líderes, a sua rejeição das hierarquias e a importância que atribui às redes possibilitadas pela internet”. (SANTOS: 2005, p. 37)

É através dessa articulação que, segundo Santos, se chega a um dos pontos principais da novidade política do Fórum que é a equivalência entre dois princípios, o da igualdade e o do respeito às diferenças. Ou seja, o FSM reabilita a pluralidade sem esquecer da igualdade enquanto justiça social.

A estruturação do FSM em rede através da amplitude dos movimentos sociais forma uma nova concepção de internacionalismo como nos mostra Santos:

“... o internacionalismo visado pelo FSM celebra a diversidade social, cultural e política dentro dos limites amplos definidos pela Carta de Princípios. Abrange muitos tipos diferentes de organizações, sendo concebido como um terreno de encontro onde organizações e movimentos podem interagir livremente, e como incubador de novas redes geradas por iniciativa exclusiva dos que nelas participam”. (id. *ibid.* p. 38-39)

Whitaker destaca que esse novo modo de se fazer política sofre resistência e é um processo que ainda está se construindo e se cristalizando na prática política de esquerda:

“Essas estratégias partidárias por assim dizer negativas se somam a pressões de militantes da luta contra o neoliberalismo, dentro e fora do Brasil, para que o processo do fórum passe a ter uma ‘direção’ (...) De um lado tenta-se ‘tomar’ as estruturas organizativas do Fórum (...) De outro, já que a Carta de Princípios do Fórum interdita ‘documentos finais’, tenta-se introduzi-los de forma ambígua, dando grande visibilidade, ao final dos encontros, a propostas e tomadas de posição de organizações poderosas que deles participam, como se correspondessem a um consenso de todos os delegados”. (WHITAKER, 2005, *op.cit.* p. 217)

Porém para Boaventura de Souza Santos essas dicotomias internas fazem parte da novidade do Fórum:

“A sua novidade política existe, de facto, mas como um campo de tensões e de dilemas onde o novo e o velho se confrontam mutuamente. A novidade política do FSM reside no modo como estas tensões têm sido geridas, evitadas e negociadas”. (SANTOS, 2005, *op. cit.* p. 35).

Esses conflitos emergem da própria prática política do Fórum que trabalha com a heterogeneidade e a pluralidade das ações políticas internacionais promovendo o diálogo dentro de um espaço público internacional e alternativo.

O FSM emerge desse conflito, mostrando assim, a construção de um espaço público que tenta, ao mesmo tempo, não homogeneizar a diversidade de vozes dos protagonistas do Fórum e servir de convergência ao movimento mundial contra as formas de exclusão provocadas pelo capitalismo global. A constituição do Fórum como um espaço público internacional mostra que esse conflito não está claro nos seus próprios documentos a exemplo da Carta de Princípios e dos relatórios do Conselho Internacional.

Dessa forma, compreenderemos os documentos oficiais do Fórum Social Mundial, interrogando se esse processo se constitui como uma forma alternativa de organização política, diferente das tradicionais.

### 3 O DISCURSO DO FSM ENQUANTO OBJETO DE ANÁLISE

Para entender o discurso de formação desse espaço público internacional alternativo e seus conflitos organizacionais utilizaremos o arcabouço teórico/metodológico da Análise do Discurso (AD), pois o discurso emerge neste trabalho como objeto teórico. O discurso enquanto objeto de análise nas Ciências Sociais é muito problemático e segundo Soto (1998), as Ciências Sociais têm mostrado pouco interesse em compreendê-lo como objeto de pesquisa:

“O que queremos enfatizar é que a sociologia não tem aproveitado, em profundidade, o discurso como objeto de estudo. De fato, acreditamos que a sociologia pode considerar o discurso como expressão do real e procurar as relações sociais que podem ser construídas a partir de determinadas formações discursivas” (SOTO: 1998, p. 161)

O discurso como objeto de pesquisa coloca novas questões para os pesquisadores em Ciências Sociais, mostrando a ligação entre língua, sociedade/história e ideologia. Existem diversas teorias que tratam da análise do discurso, mas a que será abordada aqui é a de influência francesa. Segundo Helena Nagamine Brandão (1998), a Análise do Discurso surgiu na França, na década de 1960. Essa teoria foi construída com o intuito de se fazer uma análise do texto voltada para a exterioridade, levando em consideração a sua opacidade, sem tomá-lo como evidência. Sendo assim, Orlandi (2000) a define com o objetivo de produzir um conhecimento a partir do próprio texto, tendo em vista a sua materialidade histórica e social e concebendo o texto em sua discursividade.

A problemática fundamental da análise do discurso é considerar a exterioridade dentro do texto. O analista do discurso, segundo Orlandi, relaciona a linguagem ao seu contexto histórico-social de produção. A AD não é simplesmente um estudo lingüístico, pois não se estuda a língua fechada nela mesma, mas sim o discurso, que é um objeto que provém de uma realidade histórica determinada. Por isso, os documentos do Fórum Social Mundial serão compreendidos pelo discurso inserido dentro de sua materialidade histórico-social. Dessa forma, a AD tem um princípio norteador que é definido por Orlandi dessa forma:

“Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descendo a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.” (ORLANDI: 2000, p.16)

Brandão (1998) explica que os aspectos sociais e históricos contidos no cerne do discurso são entendidos do ponto de vista da teoria do materialismo histórico. A análise do discurso se propõe a empregar esta teoria para chegar ao funcionamento da ideologia na linguagem, ou seja, “a linguagem é o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa” (BRANDÃO: 1998, p.20).

A análise do discurso reflete a maneira como a ideologia está materializada na linguagem, dessa forma Orlandi propõe que

“Partindo dessa idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa pelo fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, op. cit., p.17)

Segundo Brandão, Pêcheux foi pioneiro na vertente francesa da análise do discurso. Pêcheux faz uma releitura de Saussure, através da qual percebe que existe um funcionamento da língua com ela mesma e faz uma crítica à separação entre língua e exterioridade:

“... daí a necessidade de se pensar uma semântica que, partindo do funcionamento autônomo desses níveis leve em conta os processos discursivos: ‘o liame que liga as significações de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é secundário, mas constitutivo das próprias significações’”. (BRANDÃO, op. cit., p.22).

As condições sócio-históricas são a base que sustenta o sentido do texto e na Análise do Discurso que Pêcheux almeja, o processo de formação do sentido é atrelado à constituição do sujeito dentro do processo de reprodução capitalista e, dessa forma, recai na

teoria da ideologia de Althusser. Para a autora a questão que orienta o trabalho do marxismo althusseriano é a relação entre ciência e ideologia, princípio que está nos trabalhos de Pêcheux (1995), principalmente em “Semântica e Discurso”, no qual Pêcheux, através de Althusser, demonstra como o saber científico é permeado pela ideologia, contrastando assim, os saberes idealistas dos saberes materialistas. Segundo o autor é através do marxismo que se pode perceber a Ideologia e as ideologias<sup>5</sup>. Para Brandão, a teoria da ideologia de Althusser mostra que a distinção entre ideologia em geral e ideologias particulares exprimem sempre posições de classe.

Sendo assim, os três domínios do pensamento que nos anos 60 formaram a AD são a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Segundo Orlandi, a Lingüística, se constitui pela tese da não-transparência da linguagem. Já o materialismo histórico atravessa a AD mostrando as bases materiais da história e colocando o sujeito como produtor da história, mas ao mesmo tempo produzido pela ideologia. A terceira disciplina concorre, segundo Orlandi, para o deslocamento da noção de indivíduo para a de sujeito. A Psicanálise contribui na AD, mostrando que esse sujeito não é homogêneo e que possui um inconsciente para onde se materializam os “esquecimentos” produzidos pelo efeito da interpelação ideológica. Sendo assim, Orlandi esclarece que,

“... para a Análise de Discurso: a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (...) a história tem seu real afetado pelo simbólico (...) e o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.” (id. *ibid.*, p. 19-20)

Portanto, a AD se constitui pela convergência de três correntes teóricas focando o discurso como objeto de análise. A relação entre sujeito e sentido produzida pela AD é essencial para compreendermos a discursividade produzida nos documentos do Fórum Social Mundial. A produção dos sentidos se evidencia na relação entre linguagem e sociedade. O sujeito atua na realidade sócio-histórica produzindo sentidos, porém ele também é um produto dessa realidade através do efeito de interpelação ideológica. Por isso para a compreensão do discurso produzido pelo FSM é necessário um maior entendimento da relação entre sujeito e sentido para a AD.

<sup>5</sup> A ideologia geral, para Althusser, é omni-histórica, sempre irá existir independentemente do percurso histórico, enquanto que as ideologias particulares, tem seu caráter fundado na história e estão submetidas à Ideologia Geral

### 3.1 A PRODUÇÃO DO SENTIDO

As condições de produção do discurso do FSM compreendem num sentido amplo, o contexto social, histórico e ideológico. Contudo, Orlandi (2000) mostra que as condições de produção também se encontram no sentido estrito, que é o contexto imediato, ou as circunstâncias da enunciação. O *contexto imediato* é aquele que é mais evidente materialmente na produção do discurso, como por exemplo os documentos que permeiam a organização do Fórum Social Mundial. O *contexto amplo* mostra elementos da sociedade e da história, exteriores e produtores do discurso.

É nesse sentido que se percebe o conceito de história para a AD, a memória está relacionada ao discurso, isto é, o interdiscurso:

“... nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de *pré-construído*, o *já-dito* que está na base do dizível sustentando cada tomada de palavra. O Interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 2000, p. 31)

O interdiscurso para Pêcheux é a exterioridade ocultada pela ideologia, dessa forma: “... propomos chamar de interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas.” (Pêcheux, op. cit., p. 162). O “interdiscurso”, para Pêcheux, determina as formações discursivas, pois a sua dominação é exercida pelo complexo das formações ideológicas. Assim, o efeito do pré-construído e o efeito da articulação (processo de sustentação) são determinados materialmente na estrutura do interdiscurso.

O *pré-construído*, indica a presença histórica no interdiscurso, é aquilo que foi dito anteriormente e que ocasiona um feito sobre o discurso estudado. Assim, podemos observar no documento o pré-construído quando ele nos remete a concepções exteriores ao enunciado do texto. Quando no texto temos:

A criação do CI expressa a concepção do FSM como um processo permanente, de longo prazo, que visa construir um movimento internacional aglutinador de alternativas ao neoliberalismo e por uma nova ordem social, e que proporciona o encontro da multiplicidade e diversidade de propostas. (CI - CARÁTER, RESPONSABILIDADES, COMPOSIÇÃO E FUNCIONAMENTO, 2006).

O pré-construído se evidencia quando a expressão “alternativas ao neoliberalismo” remete às concepções que mostram o neoliberalismo enquanto um sistema sócio-econômico e como uma face do capitalismo que está sendo contestada por diversos movimentos sociais e cívicos no mundo.

Para Pêcheux (1995) o pré-construído foi trabalhado primeiramente por Paul Henry, e é considerado por ele como independente e em oposição ao que é construído pelo enunciado. É importante ressaltar na questão do *pré-construído*, que a sua característica fundamental é a separação entre pensamento e objeto de pensamento, e que a pré-existência do objeto de pensamento implica numa “... discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado de seu pensamento, impensado este que, necessariamente pré-existe ao sujeito.” (PÊCHEUX, op. cit., p.102).

Pêcheux ressalta que a noção de pré-construído mostra a discrepância na qual os elementos são pensados anteriormente, em outro lugar ou independentemente. A discrepância se dá entre o elemento que é pensado antes e o sujeito autônomo que “dá conta de seus atos”. Assim o efeito do pré-construído ganha um novo significado através da tese da interpelação:

“Podemos de agora em diante, tendo em conta o que acabamos de expor, considerar o efeito do pré construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é 'sempre-já sujeito', destacando que essa discrepância funciona por contradição...” (id. *ibid.*, p. 156).

Mas o interdiscurso não é somente o pré-construído, para Orlandi, ele é também sustentação, ou como diria Pêcheux, “*efeito de sustentação*”, porque sob o que é dito anteriormente é que se sustentam os sentidos do discurso, ou seja, isso proporciona a articulação necessária para que entendamos o discurso.

Dentro do processo de sustentação, Pêcheux explica que a mudança de sentido das palavras, possibilitada pela substituição dos elementos dentro de uma formação dis-

cursiva dada e explicada anteriormente, é a concepção de “efeito de sentido”. O “efeito de sentido”, ou a possibilidade de substituição entre os elementos pode tomar duas formas para Pêcheux, a *equivalência* e a *implicação*. Portanto, no documento do Fórum, a articulação no enunciado se manifesta depois da expressão “alternativas ao neoliberalismo” quando temos em seguida “uma nova ordem social”, dando o sentido de que a luta contra o neoliberalismo é por uma nova ordem social. A *equivalência* é a possibilidade de substituição simétrica, onde dois elementos diferentes e substituíveis, A e B, por exemplo, possuem o mesmo sentido dentro de uma formação discursiva. Da mesma maneira, a *implicação* é a possibilidade de substituição orientada, de modo, “... tal que a relação substituição A→B não seja a mesma que a relação de substituição B→A.” (id. *ibid.*, p. 164.). Sendo assim, a articulação que leva a expressão “uma nova ordem social” estabelece uma relação de implicação, pois confere sentido estando “naquele lugar” o que de outra forma implicaria em outro sentido.

Assim a compreensão do discurso na sua produção material, permite identificar a historicidade, a ideologia e forças políticas que estão em sua composição. Dessa forma, “O fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.” (ORLANDI, 2000, *op. cit.*, p. 32).

Para uma melhor compreensão dos processos de sustentação e da historicidade do discurso, Orlandi coloca que é necessário entender a relação entre o *intradiscurso* e o *interdiscurso*. Os dois processos são colocados pela autora em dois eixos, o intradiscurso, que produz a sustentação, no eixo horizontal e o interdiscurso, que é aquilo que já foi dito e esquecido, ou seja, a base histórica material da constituição do sentido, no eixo vertical. Assim temos que, o eixo vertical é o eixo da constituição do sentido e o eixo horizontal é o da formulação, sendo a formulação aquilo que se diz no momento. Por isso, “A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo, dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos (...) E é desse jogo que tiram seus sentidos. (id. *ibid.*, p., 33). Assim, os documentos do Fórum Social Mundial têm seus sentidos produzidos na confluência entre os dois eixos, mas que é esquecida dentro do próprio funcionamento da evidência e transparência do texto. O interdiscurso, nesse contexto, determina o processo de sustentação, dizendo o que é relevante ou não para a constituição do discurso.

“Pelo funcionamento do interdiscurso, suprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-la no interior da textualidade (...) O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. (ibid.).

Para compreender o processo de produção dos sentidos, Orlandi (1987) entende que é necessário compreender a formação discursiva. A produção dos sentidos se estabelece na relação direta com a ideologia, por isso a formação discursiva se insere numa formação ideológica específica. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 1987, p. 43). Assim, os sentidos são ideologicamente determinados e o discurso se constitui neles, é dessa forma que a AD reforça a compreensão da relação entre língua e ideologia. Para Orlandi, as palavras têm o seu sentido produzido pelas formações discursivas inseridas dentro de uma formação ideológica, é daí que a autora compreende a formação discursiva como uma regionalização do interdiscurso, pois a formação discursiva é para ela uma “posição”, configurações específicas das relações dos discursos. O entendimento do pré-construído (o já-dito) no interdiscurso, é definido na relação de uma formação discursiva com outras, por isso, “Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória”. (id. ibid., p. 44).

A formação discursiva é aquilo que delimita o que pode ser dito dentro de uma formação ideológica devido ao estado da luta de classes. Assim, para Pêcheux:

"Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima (...) diremos que os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos do seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes." (PÊCHEUX, 1995, op. cit., p. 161).

Pêcheux mostra com isso que as palavras, proposições e expressões não possuem um sentido próprio, ou uma literalidade, seu sentido, porém, se constitui em cada formação discursiva, nas relações com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva dentro de uma formação ideológica correspondente. As expressões, palavras ou proposições que são iguais numa formação discursiva mudam de sentido quando passam para outra formação discursiva. Mas se os elementos são literalmente diferentes, podem

ter o mesmo sentido dentro de uma mesma formação discursiva. Assim, Pêcheux define o *processo discursivo* que compreende as diversas relações que acontecem dentro das formações discursivas. "A partir de então, a expressão 'processo discursivo' passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada." (ibid.). Sendo assim, Pêcheux entende que a formação discursiva é o lugar de constituição do sentido, porque é nela que se relacionam todos os elementos lingüísticos, é a partir da formação discursiva que cada elemento adquire sentido pelo processo discursivo.

As formações discursivas, segundo Orlandi, não podem ser consideradas homogeneamente. Na relação constante entre as formações discursivas, o que determina o seu caráter heterogêneo é o princípio da metáfora. Para a AD, a metáfora tem um caráter de transferência, ela não é simplesmente uma figura de linguagem, na transferência, os elementos significantes se confrontam e formam os sentidos, sendo assim, "... o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório". (ibid.).

A formação discursiva propicia a compreensão de diferentes sentidos. Uma palavra pode ter vários sentidos, dependendo da formação discursiva à qual está inscrita. No Fórum Social Mundial cada movimento e entidade produz sua discursividade inserida numa formação discursiva específica que está inscrita na diversidade de formações ideológicas. Os movimentos e entidades que participam do FSM inscrevem seus discursos nessas formações discursivas na medida em que combatem a forma específica de opressão que cada segmento sofre. Porém, todos os movimentos e entidades que participam do FSM reagem criticamente à ideologia neoliberal, portanto na multiplicidade de formações discursivas que forma o processo do FSM, emerge a formação ideológica fundamental que serve de contraponto para a luta de quem participa desse processo. Apesar dessa formação ideológica pairar sobre todas as formações discursivas, o FSM não se assume enquanto um sujeito/ator, o que impede que ele assumira uma formação discursiva específica dada a variedade de discursos que circulam nele. Dessa forma: "Embora se apresente enquanto agente da transformação social, o FSM rejeita a noção de um sujeito histórico e não atribui prioridade a qualquer actor social específico nesse processo de transformação social". (SANTOS: 2005, op. cit., p. 11)

Dessa forma, quando o texto for compreendido inserido no limiar entre o eixo do interdiscurso com o do intradiscurso, o discurso aparecerá não mais ligado a sua evidência e como algo dado, mas como parte de um processo histórico que constitui o Fórum

Social Mundial. A AD é fundamental para o entendimento do discurso enquanto parte de um processo para buscar nos entremeios da textualidade os conflitos, as disputas, e entender a sua novidade enquanto organização política. Porém, o discurso do Fórum remete a um processo que vai além dos domínios da AD. O discurso produzido pelo FSM é produto de um processo que ultrapassa a concepção de sujeito e assujeitamento da análise do discurso<sup>6</sup>. Ele é fruto de um processo que é constituído pela luta de diversos movimentos que se articulam mundialmente, esses movimentos são agentes políticos, portanto a ação é uma relação intrínseca a todo o processo que culmina na formação do discurso através de seus documentos. O discurso do Fórum é o discurso de um novo tipo de organização política e para a compreensão desse discurso é necessário, o aprofundamento na análise do discurso com a finalidade de discutir o problema da ação e a forma como se pode dialogar ação e discurso.

### **3.2 O PROBLEMA DA AÇÃO NA TEORIA DO ASSUJEITAMENTO DA AD.**

A compreensão dos sentidos produzidos pelo FSM, entendido como o discurso de um espaço público internacional que se funda na diversidade e pluralidade de ações políticas de movimentos sociais, nos mostra que a possibilidade de entender o seu discurso remete a questões que a pura aplicação da teoria do assujeitamento empreendida pela AD não se mostra eficiente para realizar a análise. Dessa forma, é necessário compreender o problema da relação sujeito e ação na AD.

Sírio Possenti (2002) é um dos principais críticos da teoria do assujeitamento na AD, para o autor não existe sujeitos assujeitados, nem tampouco sujeitos livres, ele busca um “meio termo” que designa como “sujeitos ativos”. E através disso ele mostra que:

“O objetivo é colaborar modestamente com a destruição das teses estruturalistas em AD, o que significa basicamente postular que nem só o discurso de arquivo é discurso, por um lado, e que a atuação do sujeito é possivelmente diversa da que o estruturalismo prevê, certamente fora do arquivo – quem sabe mesmo em seu interior”. (POSSENTI, 2002, p. 91).

<sup>6</sup> O assujeitamento é a noção que leva o indivíduo a se reconhecer como um sujeito e a reconhecer o seu lugar no processo de divisão social do trabalho. A autonomia do sujeito se torna ilusória, e pelo processo ideológico é concebida como evidência, ou seja, é naturalizada pelo sujeito como algo indispensável. Dessa forma, "... o indivíduo 'é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão' (...) Os sujeitos se constituem pela sua sujeição. Por isso que 'caminham por si mesmos.'" (Althusser, 1983, p. 104). O assujeitamento na AD se dá pela evidência dos sentidos no discurso, mostrando que a linguagem não é transparente, mas sim fruto de um processo ideológico.

Para Possenti, uma das teses mais caras para a AD é a do assujeitamento. Vários autores contribuíram para essa tese, entre eles Lacan, Foucault e Althusser. O sujeito fica impossibilitado de se mover, ele não sabe o que diz e não sabe o que é, não tem autonomia. Esses autores, segundo Possenti, afirmam um repúdio ao sujeito psicológico, ativo e responsável, sujeito cartesiano e que é central entre quem trabalha com a lingüística pragmática. Possenti afirma que:

Há, a meu ver, um esforço exagerado para evitar que o sujeito cartesiano, sujeito de consciência, volte pelas frinchas deixadas abertas por eventuais defeitos estruturais dos construtos teóricos e dos fechamentos de espaço produzidos por criteriosas seleções de dados para análise. Em suma, prefere-se excluir a enfrentar o problema do sujeito psicológico. (id. *ibid.*, p. 93)

Como a intenção de Possenti é problematizar a tese clássica da AD sem provocar uma ruptura com a noção do sujeito psicológico, sua contribuição é importante para a reflexão sobre os discursos produzidos nos documentos do Fórum Social Mundial. Dessa forma, para Possenti:

[...] é necessário interrogar-se sobre se a descoberta do inconsciente exclui radicalmente qualquer manobra consciente dos sujeitos (...) se o sujeito precisa saber o que é para saber o que diz (...) se a existência de condições anula qualquer opção ou ação de sujeitos (...) e multiplicar os *corpora* e métodos de análise, saindo do ‘arquivo’, cujo funcionamento tende a apagar processos discursivos, enquanto que ‘fora do arquivo’ os sujeitos claramente trabalham. (id *ibid.*, p. 94).

Possenti afirma que a AD foi prejudicada por um certo radicalismo reducionista inerente à pelo menos duas concepções centrais: a dependência da AD às teses de Althusser com relação a sua leitura feita de Lacan, o que segundo Possenti, resulta numa negação total de qualquer estudo psicológico entendendo essas disciplinas como psicologismos. O outro reducionismo da AD diz respeito à recusa e negação dos estudos positivistas e formalistas da língua: “Como se aquela origem impedisse o lingüista de ser objetivo, pelo menos em parte, ou como se todos os ‘níveis’ lingüísticos fossem susceptíveis de um tratamento ideológico do mesmo quilate” (Id *ibid.*, p. 95).

Para Possenti a AD atribuiu continuamente, aos seus adversários das teorias formalistas e positivistas da linguagem, teses que não se aplicam a essas teorias, como a ques-

tão do falante ser a fonte do sentido, da língua ser transparente e de que as palavras falam diretamente das coisas. Essas formulações constituem reducionismo para Possenti:

Ora, os lingüistas chamados formalistas e positivistas estiveram em geral muito longe de defender tais teses. Vê-se isso em qualquer dos seus textos, pois dedicam boa parte do seu tempo e do espaço de seus escritos para tentar, a seu modo, elucidar exatamente os mesmos problemas que preocupam os analistas do discurso, só que com outras armas... (id. *ibid.*, p. 97).

Possenti mostra que a AD evoluiu muito de suas concepções originárias, mas que precisa evoluir mais. Ele cita dois autores que reformularam os conceitos da AD, o primeiro é Maingueneau, que com sua tese mostra que existe uma dualidade na linguagem que a define de um lado extremamente formal e de outro atravessada por questões sociais e do sujeito:

“penso que esta afirmação de Maingueneau pode funcionar como matriz para postular a inclusão na AD de outros fatos, hipóteses ou postulados mais ou menos da mesma natureza, o que permitiria fazer avançar as pesquisas e permitir a explicação mais acurada de certos fatos discursivos, retirando a AD de seu ninho original”. (id. *ibid.* p. 98)

O segundo autor que Possenti mostra é o próprio Pêcheux quando este num dos seus últimos escritos discerne que a estrutura e o acontecimento são intrinsecamente ligados. Possenti entende o conceito de Pêcheux dentro da dualidade que mostra um discurso integralmente como um acontecimento e da mesma forma integralmente como uma estrutura. Dessa forma, ele compara essa dualidade à de Maingueneau e assim postula quatro princípios:

1- os sujeitos são integralmente sociais e históricos e integralmente individuais (...) 2- cada discurso é integralmente histórico e social e integralmente pessoal e circunstancial (...) 3- cada discurso é integralmente interdiscurso e integralmente relativo a um mundo exterior (...) 4- cada discurso é integralmente ideológico e/ou inconsciente e integralmente cooperativo e interpessoal. (id. *ibid.*, p. 99)

Os quatro princípios de Possenti são cortados por uma dualidade, mas essa dualidade não é negativa, porque ele entende que as questões podem ser utilizadas de forma análoga, para Possenti, a análise em um ou no outro termo de cada dualidade não equivale a

negar a realidade, é mais uma questão de preferência. Para ele, a existência das duas partes de maneira análoga não implica na exclusão de uma pela outra.

A partir disso Possenti critica a concepção de sujeito assujeitado dominado pela ideologia e pelo inconsciente. Ele mostra que até no esquecimento nº 2 de Pêcheux<sup>7</sup> é concebível que um sujeito possa penetrá-lo conscientemente. Através da “consciência” do sujeito, Possenti designa outro conceito que é muito negligenciado pela AD, o conceito de “ação”:

Para que o sujeito possa ser concebido como algo mais que um lugar onde o discurso passa, vindo das estruturas, é necessário fazer a hipótese mínima de que ele age. Que, por exemplo, para compreender textos, não basta que ele ocupe um lugar, é necessário *também* que ele produza uma atividade. (id. *ibid.*, p. 100).

Para Possenti, a ação é algo inerente aos sujeitos e estes não podem somente ser compreendidos enquanto sujeitos desprovidos de ação dentro de uma estrutura ideológica, sendo apenas sujeitos assujeitados. Os sujeitos também são conscientes daquilo que falam e conseqüentemente na produção dos sentidos:

O texto só é possível, e só é possível compreendê-lo, porque *simultaneamente* pertence a uma série histórica (...) e porque sujeitos que têm uma certa experiência podem estabelecer – ativamente – conexões que são mais que efeitos do significante. (id. *ibid.*, p. 100).

Os sentidos evidenciados nos documentos do Fórum Social Mundial são produzidos por sujeitos que são suscetíveis ao assujeitamento, mas que, sobretudo agem fora da ação ideológica constituidora de sujeitos assujeitados. Isso não implica em dizer que o sujeito é plenamente consciente, mas que ele pode agir fora das estruturas em determinados momentos e que as estruturas ideológicas e inconscientes não o tornam somente um objeto à mercê dos desígnios do processo histórico-social.

O sujeito ativo de Possenti precisa de uma teoria da ação mais precisa para a compreensão do discurso produzido nos documentos do FSM, porque ele define apenas um

<sup>7</sup> O *esquecimento número dois* é, da ordem da enunciação, é o esquecimento que produz a ilusão idealista da realidade do pensamento, esse esquecimento produz a evidência de que o que foi dito é tão claro e verdadeiro que só pode ser dito daquela forma, segundo Orlandi é uma naturalização entre palavra e coisa. (cf. ORLANDI, Eni P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2000, p. 35)

caminho e para o presente trabalho é necessário um aprofundamento maior sobre a teoria da ação delineando-a de uma maneira que não implique em uma negação das teorias da AD, mas num esclarecimento de como um processo de ação política (do qual o seu fruto é o Fórum Social Mundial) tem condições de ser explicitado dentro da análise do discurso.

Sendo assim, a nova prática política empregada pelo Fórum produz uma nova noção de sujeito, um sujeito que está situado entre a linguagem e a ação política. O discurso produzido pelo Fórum revela o sujeito que age e que se reproduz tanto em suas práticas como em seus discursos. Para Paiva (1999) esse novo sujeito ativo provém dos movimentos sociais:

“Enquanto forma inovadora de ação coletiva, os movimentos sociais reintroduziram no cenário político e social o ator que traz prerrogativas diversas sobre as várias formas de subjetividade. Estas o delineiam como portador de modificações que se verificam fundamentalmente no desenrolar de sua própria ação e no sentido que atribui a ela.” (PAIVA: 1999, p. 83).

O sujeito ativo surge como um novo agente que tem uma identidade discursiva diferenciada. Esse novo agente é capaz de recriar espaços públicos como o Fórum Social Mundial e da mesma forma recriar sua própria identidade discursiva. Dessa forma, o sujeito ativo é politizado, pois:

“Ele age, cria, inventa. Não está impassivelmente à mercê das instituições. Destarte, a notificação do discurso do agente social leva-nos a refletir uma provável repolitização do espaço social, sobretudo se a acepção aqui utilizada associar-se à personificação da mundanidade que toma forma no espaço público através da ação criativa e inovadora”. (id. *ibid.* p. 84-85)

O sujeito quando age de maneira politizada, não está simplesmente sob o comando de estruturas ideológicas, ele cria e recria processos de luta política e estruturas de consenso. Por isso a relação entre discurso e ação é primordial para entender o processo que funda o discurso presente nos documentos do Fórum Social Mundial. Dessa forma, a análise do discurso empregada para compreender o processo discursivo do FSM precisa se abrir para o conceito de ação. Essa abertura se dá no sentido da contribuição entre dois conceitos que se implicam e que podem ser trabalhados de maneira análoga. Podemos assim, aproveitar os pontos no qual a contribuição do conceito de ação para a análise do discurso pode ser pertinente para a presente pesquisa.

### 3.3 AÇÃO E DISCURSO

Para Arendt (1997), a pluralidade que tem em seu âmago os aspectos da igualdade e da diferença, é a condição necessária da ação e do discurso. As diferenças é que fazem os homens terem a necessidade de se entenderem e de agirem. Portanto:

“Essa distinção singular vem à tona no discurso e na ação. Através deles, os homens podem distinguir-se, ao invés de permanecerem apenas diferentes; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens.” (ARENDR: 1997, p. 189).

É através das palavras e dos atos que as pessoas se inserem no mundo. A relação entre ação e discurso é primordial para Arendt: “Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras.” (id. *ibid.* p. 191).

Para Macedo (1994), Hannah Arendt entende que para existir comunicação entre os homens é preciso que o abismo que existe entre a experiência concreta da sensação e a sua intenção de comunicação seja ultrapassada, e é por via da representação que isso acontece:

... é preciso que aquilo que captamos por meio de nosso aparato sensitivo seja transformado pela imaginação em uma ‘representação’, sobre a qual refletimos. Assim, para que eu julgue algo como belo, isto é, para que possa comunicar a sensação que me advém por ocasião da contemplação estética, é preciso que a ‘imaginação’ transforme-o numa ‘representação’... (MACE-DO, 1994, p. 158)

Arendt define a capacidade de discurso como comunicação, ou seja, o critério que faz com que as coisas sejam julgadas. Dessa forma:

E, segundo Arendt, o ‘critério’ que leva a decidir sobre a aprovação ou desaprovação do prazer sentido seria a ‘comunicabilidade’ ou a ‘publicidade’ da sensação experimentada (...) se na reflexão o critério de decisão acerca do que agrada é o aprovar a declaração pública do sentimento experimentado, isto traz implícito uma referência aos outros, a ‘intersubjetividade’. (id *ibid.*, p. 158)

A intersubjetividade é o evento próprio da ação política dos sujeitos, ela acontece no processo de comunicação que acarreta na relação discurso e ação. Quando se trabalha com a ação se evidencia a possibilidade de trabalhar com o conceito de intersubjetividade o que significa dizer que os sujeitos se comunicam e produzem ação da mesma forma que produzem sentidos. Dessa maneira, o discurso produzido pelo processo Fórum Social Mundial é constituído pelas próprias práticas políticas da diversidade de movimentos que o compõem. A ação política é para o sujeito o papel fundante de uma prática discursiva que está além de uma interpelação ideológica constituidora de sujeitos. O sujeito ativo é um sujeito que age politicamente, a ação política não é meramente uma ação teleológica e narcisista, é uma ação comunicativa que produz consenso.

Nesse sentido, Arendt entende o discurso como ação e como forma de consenso dentro da comunicação intersubjetiva, influenciando Habermas na construção da ação comunicativa, pois para ele, o consenso pressupõe o apoio integral da comunidade. Habermas (2001) entende que a comunicabilidade é a forma de poder delineada por Arendt, o que contrasta com o entendimento teleológico: “O fenômeno fundamental do poder não consiste na instrumentalização de uma vontade alheia para os próprios fins, mas na formação de uma vontade comum, numa comunicação orientada para o entendimento”. (HABERMAS, 2001, p. 101).

O poder para Hannah Arendt é distinto da violência, segundo Habermas, esse poder significa o assentimento dos participantes através de fins coletivos. Sendo assim:

A efetividade de um consenso obtido numa comunicação livre de violência não se avalia pelo êxito, seja este qual for, mas na aspiração à validade razoável, imanente à fala (...) O poder se constitui na ação comunicativa, é um efeito coletivo da fala, na qual o entendimento mútuo é um fim em si para todos os participantes (id. *ibid.* p. 102-103)

A ação comunicativa se constitui como a forma fundamental da luta política dos movimentos emancipatórios, e dessa forma:

“O que lhe interessa nos movimentos emancipatórios é o poder da convicção comum: a desobediência com relação a instituições que perderam sua força legitimatória; a confrontação do poder, gerado pela livre união dos indivíduos, com os instrumentos coercitivos de um aparelho estatal violento mas impotente; o surgimento de uma nova ordem política e a tentativa de estabilizar o novo começo, a situação revolucionária original, e de perpetuar institucionalmente a gestão comunicativa do poder.” (id. *ibid.* p. 107).

A convicção comum que faz parte da luta dos movimentos emancipatórios delinea uma forma diferente de poder, um poder que é comunicativo e que é fruto da ação. A produção material do sentido pressupõe intrinsecamente a ação discursiva quando, dessa forma, entendemos a comunicabilidade como parte do discurso e a construção intersubjetiva do sentido como elemento fundante do sentido produzido na relação comunicativa estabelecida entre sujeitos ativos que agem politicamente na produção de consenso. O discurso produzido pelo Fórum é assim entendido como fruto de um processo que produz ação e discurso.

Sendo assim, a comunicabilidade é a maneira pela qual a ação produz consenso e na qual pode ser verificada na análise dos discursos do FSM. O conceito de ação comunicativa de Habermas (2003) é importante para o entendimento de que existe uma racionalidade profunda embutida nas estruturas da linguagem, independentemente do que dizemos, fornecendo, assim, a base crítica de nossas práticas verbais efetivas. Portanto, é através das práticas de argumentação que se passa do conflito para o consenso, ou seja, a ação comunicativa assume o papel preponderante do consenso porque a ação estratégica não consegue resolver os conflitos com o emprego direto do poder.

La racionalidad inmanente a la práctica cotidiana remite, pues, a la práctica de la argumentación como instancia e apelación que permite proseguir la acción comunicativa con otros medios cuando se produce un desacuerdo que ya no puede ser absorbido por las rutinas cotidianas y que, sin embargo, tampoco puede ser decidido por el empleo directo, o por el uso estratégico, del poder. (HABERMAS, 2003, tomo I, p. 36).

Dessa forma, para Ingram (1994), a análise da racionalidade das relações entre linguagem e ação está ligada à argumentação:

“Apelando para a nossa compreensão implícita da ação racional como comportamento guiado pelo conhecimento, Habermas argumenta que a função da razão prática é fornecer argumentos que apoiem as crenças subjacentes às decisões de agir”. (INGRAM, 1994, p. 39).

A ação racional para Habermas é uma ação orientada para um determinado objetivo e que tenha uma crença racionalmente justificável, sendo assim, a ação “... não será considerada racional se não for justificada em termos de crenças sobre meios e fins baseados em regularidades causais verificáveis”. (id. *ibid*).

A experiência pública e objetiva para Habermas significa o ambiente que é moldado pelo universo lingüisticamente articulado. Desenvolvendo a teoria da ação Habermas entende que as ações não são meramente factuais, elas para serem racionais precisam estar envoltas pela moral, elas precisam exprimir os desejos do agente e da mesma forma orientar-se pelos valores que são compartilhados pela comunidade.

Habermas (2003) define quatro tipos de ação social: ação social teleológica, ação social normativa, ação social dramaturgica e ação social comunicativa. Mas é somente na ação comunicativa que a linguagem vai exercer o papel de ser o meio eficaz para o entendimento.

“Sólo el concepto de acción comunicativa presupone el lenguaje como un medio de entendimiento sin más abreviaturas, en que hablantes y oyentes se refieren, desde el horizonte preinterpretado que su mundo de la vida representa, simultáneamente a algo en el mundo objetivo, en el mundo social, y en el mundo subjetivo, para negociar definiciones de la situación que puedan ser compartidas por todos”. (HABERMAS, 2003, op. cit. p. 137-138).

Para Habermas a linguagem dentro da ação comunicativa serve como garantia da democracia, uma vez que a própria democracia pressupõe a compreensão de interesses mútuos e o alcance de um consenso. Dessa forma:

Finalmente, el concepto de acción comunicativa se refiere a la interacción de a lo menos dos sujetos capaces de lenguaje y de acción que (ya sea con medios verbales o con medios extra-verbales) entablan una relación interpersonal. Los actores buscan entenderse sobre una situación de acción para poder así coordinar de común acuerdo sus planes de acción y con ello sus acciones. El concepto aquí central, el de interpretación, se refiere primordialmente a la negociación de definiciones de la situación susceptibles de consenso. En este modelo de acción el lenguaje ocupa, como veremos, un puesto prominente”. (id. ibid. p. 124).

Para Ingram esse tipo de ação se dá quando duas ou mais pessoas procuram chegar a um acordo voluntário que crie uma situação de cooperação. A ação comunicativa age sobre todo o espectro dos outros tipos de ações com o objetivo de alcançar acordo e mais ainda, ela “... transcende os outros tipos, mais limitados e menos reflexivos. Como ‘estabilidade e univocidade constituem... exceções na prática quotidiana’, a ação comunicativa é sempre uma possibilidade imanente” (INGRAM, op. cit, p. 53).

A ação comunicativa só acontece quando os sujeitos dialogam contraindo relação com o mundo através da linguagem de maneira reflexiva e crítica:

[...] al hacer uso de oraciones orentándose al entendimiento, contraen relaciones con el mundo, y ello no sólo directamente, como en la acción teleológica, en lá acción regida por normas o en la acción dramatórgica, sino de um modelo reflexivo”. (HABERMAS, 2003, op. cit, p. 143)

O discurso produzido pelo FSM parte desse pressuposto de interação entre sujeitos porque é articulado por uma diversidade de movimentos sociais e cívicos que dialogam entre si internacionalmente de maneira crítica e reflexiva. Assim, a busca pelo entendimento realça a característica da produção do discurso. E a ação comunicativa se manifesta quando os planos dos atores implicados se coordenam mediante atos de entendimento e não simplesmente por um cálculo egocêntrico. A ação comunicativa se orienta ao entendimento:

“En este sentido se distingue de una *coincidencia* puramente *fáctica*. Los procesos de entendimiento tienen como meta un acuerdo que satisfaga las condiciones de un asentimiento, racionalmente motivado, al contenido de una emisión”. (id.ibid. p. 368)

A compreensão do processo de produção discursiva do Fórum Social Mundial envolve a ação comunicativa porque ela define a intersubjetividade como o seu foco central, facilitando assim, a análise de um processo heterogêneo e democrático. Porém, para Habermas, a intersubjetividade está envolta pela linguagem técnica e instrumental dentro da sociedade moderna. A ideologia se manifesta numa forma de comunicação sistematicamente distorcida pelo poder, ou seja, um discurso que se tornou um meio de dominação e que serve para legitimar relações de força organizadas. Habermas mostra que o sistema discursivo inteiro está deformado. Ou seja, a interferência das instituições na linguagem gera a compreensão sistematicamente distorcida, produzindo a dominação entre os homens. Sendo assim, o que falseia o discurso é o impacto sobre ele de forças que estão fora do discurso, dessa forma Eagleton (1997) afirma que:

“a ideologia marca o ponto em que a linguagem tem sua forma comunicativa distorcida pelos interesses de poder impingidos a ela. Mas esse cerco da linguagem pelo poder não é apenas uma questão externa: pelo contrário, tal domínio inscreve-se no interior de nossa linguagem, de modo que a ideologia se torna um conjunto de efeitos internos aos próprios discursos particulares”. (EAGLETON, 1997, p.118)

Para Eagleton (1997), Habermas entende que a rede de comunicação sistematicamente distorcida tende a ocultar ou erradicar as próprias normas pelas quais se poderia dizer que é deformada e, portanto, acaba se tornando invulnerável à crítica. Habermas discerne que, nessa situação, os sujeitos ficam impossibilitados de levantar dentro da rede as condições de seu funcionamento, porque ela confiscou essas investigações logo no início.

“No caso de uma ideologia ‘bem-sucedida’, um corpo de idéias não é percebido como mais poderoso, legítimo ou persuasivo que outro, mas os próprios fundamentos para escolher racionalmente entre eles foram habilmente removidos, de modo que se torna impossível pensar ou desejar fora dos termos do próprio sistema”. (id. *ibid.*)

Dessa forma, Habermas tem de extrair das práticas lingüísticas da sociedade moderna a estrutura de alguma racionalidade comunicativa subjacente, mostrando assim, uma situação “ideal” de discurso fornecendo uma norma ou modelo regulador para a avaliação crítica dos discursos degradados pelo sistema. Sendo assim Eagleton mostra que:

A situação ideal de discurso seria uma situação inteiramente livre de dominação, na qual todos os participantes teriam chances simetricamente iguais de selecionar e exibir atos discursivos. A persuasão dependeria apenas da força do melhor argumento, não de retórica, autoridade, sanções coercitivas etc. esse modelo nada mais é que um dispositivo heurístico ou ficção necessária, mas está implícito, em certo sentido, mesmo em nossos trâmites verbais comuns e irregenerados. Na visão de Habermas, toda linguagem, mesmo as de tipo dominador está inerentemente voltada para a comunicação e, assim, tacitamente, para o consenso humano. (id. *ibid.*, p. 119)

Para que a linguagem assuma um papel democrático é necessário que a comunicação seja clara. Para Habermas, a distorção de palavras e de sua compreensão impede uma interação efetiva, o consenso e, portanto, a prática efetiva da democracia.

Mesmo a ação comunicativa sendo obstruída na vida cotidiana pela razão instrumental ela pode vir à tona, pois se torna uma possibilidade inscrita dentro de um processo histórico, assim para Habermas a transformação acontece dentro dessa realidade abrindo frestas dentro de sua estrutura:

A utopia realizada é a posse do instante (...) Mas para Habermas a posse do instante não está prefigurada no Ser: ela é uma conquista, e essa conquista exige a ação imediata, num presente que não corresponde necessariamente à descrição marxista, e onde o 'instante vivido' não é somente o momento da 'stasis' e da contemplação, mas também o da luta, mesmo reformista, aprofundando contradições que não se reduzem necessariamente à contradição entre as forças produtivas e as relações de produção (FREITAG; ROUAINET, 2001, p. 56) (tradução nossa).

Assim, o processo que produz os discursos do Fórum Social Mundial, é comunicativo e intersubjetivo porque mesmo não estando numa realidade livre da distorção das palavras, ele se funda nas frestas de sua estrutura como um movimento crítico e antagônico à ideologia dominante.

A teoria da ação comunicativa delinea alguns elementos que podem ser aproveitados na Análise do Discurso para a compreensão do discurso do FSM. O discurso que surge de seus documentos abre a AD para o problema da ação. A produção material do sentido pressupõe a ação discursiva quando a comunicabilidade é entendida como parte do discurso e a construção intersubjetiva do sentido como elemento fundante da relação comunicativa estabelecida entre sujeitos ativos que agem politicamente na produção de consenso. Quando se trabalha com a ação na AD se evidencia a possibilidade de trabalhar com o conceito de intersubjetividade o que significa dizer que esses sujeitos se comunicam e produzem ação da mesma forma que produzem sentidos. O sujeito ativo é fruto de um processo ideológico que os constitui enquanto sujeitos, mas também é consciente e produz ação quando age politicamente se relacionando com outros sujeitos. A intersubjetividade é característica do processo de ação comunicativa e ela só é alcançada nos poucos espaços que estão livres das formas de coerção da fala. Dessa forma o sujeito além de ser suscetível ao assujeitamento, constrói sentidos comunicando-se ativamente e produzindo consensos. A ideologia é entendida como constituidora de sujeitos e sentidos, mas também é entendida como um obstáculo sistemático e estrutural para a construção da comunicação livre, mas que ao mesmo tempo abre frestas onde essa comunicação pode existir. A linguagem é entendida como um fim na medida em que está relacionada às estruturas mais intrínsecas da sociedade humana que são o inconscien-

te e a ideologia, porém ela pode ser entendida também como um meio na medida em que serve de instrumento não apenas para a manipulação ideológica, mas como instrumento para a emancipação política. Dessa forma, a análise do discurso do Fórum Social Mundial suscita questões que vão além das colocadas por Possenti. Trazem à cena o espaço público, a produção do discurso e a formação de consensos, processos que envolvem a intersubjetividade.

#### 4 DO TEXTO PARA O DISCURSO: INTERPRETANDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS DO FSM

A Carta de Princípios do FSM é a principal referência que regulamenta as formas de organização do processo Fórum Social Mundial. Ela pode ser entendida como um “modo de existir” do Fórum porque o seu papel é estabelecer um referencial para a organização de todo o processo do FSM: “A Carta de Princípios do Fórum Social Mundial é, como já foi várias vezes dito, seu documento básico de referência, uma espécie de Constituição do processo do Fórum”. (WHITAKER, 2005 op. cit, p. 94). A Carta de Princípios foi redigida e adotada pelo Comitê Organizador do primeiro FSM em 9 de abril de 2001 e em seguida foi aprovada com modificações no Conselho Internacional do FSM em 10 de junho de 2001: “Eles a redigiram nos primeiros meses de 2001, reafirmando os objetivos e as principais opções organizativas no Fórum de 2001, que traduziam as intuições políticas básicas da proposta”. (id. *ibid.*, p. 38). Como se observa, a Carta de Princípios traduziu as práticas iniciais, as primeiras formas de organização do Fórum fundador de 2001. Foi, portanto, com a idéia de garantir uma continuidade do processo ocorrido na realização do primeiro FSM que surgiu a iniciativa de organizar um documento:

Uma vez decidido, ao final do primeiro Fórum Social Mundial, em 2001, que seriam organizadas novas edições desse evento, seus organizadores consideraram que, para assegurar seu sucesso, era preciso dar a mesma configuração às edições seguintes e aos Fóruns que fossem organizados em outros lugares do mundo. (id. *ibid.*, p. 37).

A Carta tem 14 princípios que regulamentam as formas de organização que todos os Fóruns devem seguir. Contém um preâmbulo e uma nota informativa com as datas de aprovação no final do documento. O primeiro princípio indica que o FSM é um espaço aberto para o encontro, debate e reflexão das entidades e movimentos que se opõem ao neoliberalismo, imperialismo e domínio do mundo pelo capital, e que estão empenhadas na construção de uma outra sociedade internacional que mantenha uma relação justa e humana. O segundo princípio define o FSM como um processo permanente porque não depende de lugar nem de tempo para ocorrer e não se reduz aos eventos que realiza. O terceiro princípio vem realçar o segundo dizendo que o FSM é um processo de cunho internacional. O quarto princípio diz respeito às alternativas propostas no FSM indicando que estas são em contraponto à globali-

zação capitalista e a favor de uma globalização solidária apoiada na democratização de sistemas e instituições internacionais. Em seguida estão os princípios da não representatividade e do caráter não-deliberativo do FSM, mostrando que, apesar de articular entidades e movimentos da sociedade civil, o Fórum não os representa e, portanto não delibera, evitando assim, as disputas internas de poder. O sétimo princípio assegura que mesmo não deliberando o FSM assegura a liberdade que as entidades participantes têm de articular declarações e ações e se compromete a difundir amplamente tais decisões. O oitavo princípio define o FSM como um espaço não-governamental e não-partidário, que articula em rede e de modo descentralizado, movimentos e entidades da sociedade civil. O nono princípio acrescenta que não poderão participar do FSM partidos e organizações militares, mas que governantes e parlamentares poderão ser convidados a participar em caráter pessoal, desde que estes assumam os compromissos da Carta de Princípios. O próximo princípio opõe o FSM ao totalitarismo e ao uso da violência para o controle estatal, zelando pelos Direitos Humanos e condenando assim, todas as formas de dominação. O décimo primeiro princípio expressa que o FSM, como um espaço aberto e democrático, é um “movimento de idéias” que estimula o debate crítico sobre os mecanismos de dominação da “globalização capitalista” e dissemina transparentemente alternativas. Os dois próximos princípios mostram que o FSM valoriza a troca de experiência e o reconhecimento recíproco entre os movimentos e entidades fortalecendo e criando novas articulações nacionais e internacionais. E por último, o princípio que trata do estímulo que o FSM dá aos movimentos e entidades que dele participam para situarem suas ações políticas nos níveis local, nacional e internacional formando assim uma “cidadania planetária”.

Pode-se observar na Carta uma coerência de sentidos que de maneira resumida se exerce assim: os três primeiros princípios conceituam o Fórum nas suas generalidades, definindo-o afirmativamente; do 4º ao 7º trata do seu funcionamento que se evidencia principalmente na negação de características tradicionais de organização política como a deliberação e espaço de poder representativo; o 8º e 9º princípios delimitam o Fórum a partir do que ele não pode ser, e o conceituam como uma instituição nova diferente das tradicionais; o 10º e 11º tratam da organização como contra-poder e contra-hegemonia, uma nova instituição democrática que se caracteriza na luta pelos direitos e na afirmação de uma nova cidadania; e por último, do 12º ao 14º, o FSM se posiciona como um espaço de articulação entre os movimentos e entidades que o compõem, instruindo a troca de experiências em alguns aspectos principalmente no que condiz a nacionalização e internacionalização das ações de resistência contra-hegemônica.

O preâmbulo define claramente que as entidades brasileiras idealizaram e organizaram o primeiro FSM, e redigiram a Carta de Princípios com base na experiência do primeiro evento para garantir sua continuidade, assegurando algumas conquistas. Assim, se define o local e a posição do discurso, indicando sua autoria.

O primeiro princípio aparece como um resumo e uma apresentação de todos os outros. Qualifica o FSM como um espaço aberto, democrático, plural, que incentiva a articulação para “ações eficazes” contra o neoliberalismo, o capitalismo e o imperialismo. Assim, no jogo do interdiscurso, este espaço público se abre para entidades e movimentos contra-hegemônicos, mas deixa implícito no interdiscurso que se fecha para outros tipos de organizações que venham a defender os princípios dos quais estão lutando contra. Dessa forma, é na negação ao capitalismo que o espaço público se delimita, e a partir disso expõe os outros princípios.

No segundo e terceiro princípios, a Carta acrescenta a noção de tempo/espaço para definir o FSM como um “processo permanente”. A expressão “construção de alternativas” aparece pela primeira vez no texto, enfatizando que este espaço público construído na negatividade e na confrontação com sociedade capitalista se coloca na condição de propor alternativas ao status quo vigente num caráter permanente. O princípio anterior define a alternativa, mas a coloca de maneira mais geral não relacionando diretamente o espaço do FSM à construção de alternativas, e sim definindo o perfil dos movimentos emancipatórios que participam do Fórum: “[...] e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra”. Dessa forma, o princípio 2 define melhor o caráter das alternativas relacionando-as diretamente ao espaço do FSM: “ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie”. Assim, o espaço do Fórum se define pela internacionalização e as suas alternativas se colocam nessa perspectiva. Neste princípio as propostas se solidificam além da dimensão territorial dos eventos e locais onde se realizam os FSM.

A introdução da palavra “processo” reflete uma reconstrução do espaço/tempo da formação do Fórum. Enquanto processo, o FSM redefine o espaço, pois se coloca numa amplitude internacional independentemente de território para existir. Esse discurso também redimensiona a questão da temporalidade, ampliando o “acontecimento FSM” para fora do efeito imediato de um evento, deixando implícito no interdiscurso o caráter que o funda na anterioridade e na constituição de um movimento global. O “processo” amplia a noção de temporalidade e repensa a noção de devir e utopia desse movimento. O “processo permanen-

te” é em busca de “um outro mundo possível”. O deslocamento de sentidos de ambos os termos no segundo princípio aproxima o interdiscurso da instabilidade da utopia com o da continuidade de um processo. Quando voltamos essa aproximação de sentidos para o interdiscurso vemos que aquilo que é espontâneo e instável se estabiliza na institucionalização de um novo espaço público, e isso ocorre numa tensão que está na origem dos conflitos do Fórum.

Do quarto ao sétimo princípio se entrelaçam os sentidos que qualificam o FSM. O significado das “alternativas” é reforçado no quarto tópico junto com a negatividade inerente da contraposição à “globalização” neoliberal. Assim, as alternativas negam todo um sistema de globalização compreendido desde as instituições internacionais até os governos nacionais. O sentido de negação das alternativas propostas no Fórum define o campo da positividade prática da utopia invertendo dialeticamente o sentido de globalização neoliberal para uma *globalização solidária*. E pela primeira vez aparecem as expressões *direitos humanos, cidadania, democracia, justiça social, igualdade e soberania dos povos*. Esses conceitos são redefinidos a partir do momento que o deslocamento de sentidos se volta para o princípio de *globalização solidária* que norteia os demais. Essa noção de globalização solidária força os outros termos a serem repensados fora do conceito espacial e estatal. Assim, os sentidos clássicos da ciência política, são redefinidos no âmbito global como alternativas de antipoder que ultrapassam a noção de estado.

No quinto princípio, o Fórum é qualificado como um espaço de reunião e articulação de movimentos e entidades do mundo todo, mas que não pretende ser uma instância representativa desses movimentos. O termo “sociedade civil mundial” aparece num deslocamento de sentido representando os movimentos sociais do mundo todo. Segundo Virgínia Vargas tanto o termo sociedade civil internacional como cidadania global são novos e começam a ser repensados a partir da globalização:

Los cambios en las dinámicas mundiales desplegadas en el último cuarto de siglo XX están generando nuevas dinámicas de exclusión-inclusión y un nuevo terreno para el surgimiento de nuevos derechos. La posibilidad de una ciudadanía global y el desarrollo de sociedades civiles globales se inscriben dentro de estas dinámicas que abren los cambios globales. Es una tendencia en formación, que ha comenzado a extenderse significativamente en las últimas décadas, a partir básicamente de la incursión de una multiplicidad de movimientos sociales en la arena global. (VARGAS, 2006).

O Fórum assume um compromisso com os movimentos sociais, mas tenta se eximir do papel de representante da “sociedade civil mundial”. O que reitera esse caráter não-

representativo é o princípio 6 que nega ao Fórum o caráter deliberativo. Os sentidos do texto apontam que o Fórum não pode ser visto como um sujeito e, portanto não pode exprimir opiniões, assim como não autoriza as pessoas e entidades a falarem em nome do Fórum. O sentido de não-deliberação se desloca e justifica o sentido de antipoder: “Ele não se constitui, portanto, em instancia de poder a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem”. (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM, 2001).

Porém os sentidos de antipoder não impedem de imprimir características que apontam o Fórum enquanto um ator/sujeito: “os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial” (id. *ibid.*), o Fórum assim age enquanto Fórum, mas não se representa enquanto tal, como podemos ver em outro trecho, “(...) Fórum enquanto Fórum” (id. *ibid.*), esse excesso de justificativa denota as características de um sujeito/ator antipoder que se materializa nas ações da pluralidade de movimentos que o constituem.

O fato de não deliberar enquanto sujeito não impede de deixar o espaço do Fórum livre para deliberações dos movimentos e entidades que dele participam e o FSM enquanto ator “se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance [...]” (id. *ibid.*)

Nos princípios 8 à 14 a qualificação do FSM vai para a questão da estruturação do espaço público que se sustenta pela negação e pela articulação em rede formando um espaço que é, plural, aberto a debates e troca de idéias, serve para articulação e é contra todas as formas de violência, e lutas armadas, pela paz e respeito aos direitos humanos. Os princípios 8 e 9 qualificam o espaço público do Fórum pela pluralidade negativa, pois no princípio 8, ele não é religioso, governamental, partidário e muito menos centralizador, e é completado com o princípio 9 que acrescenta as organizações militares, mas abre a ressalva de que, “Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta”. A participação “pessoal” de governantes e parlamentares no FSM abre brechas para a articulação partidária paralelamente ao FSM e por vezes junto à estrutura organizativa, visto que os três primeiros Fóruns em Porto Alegre tiveram o apoio fundamental do governo estadual do Rio Grande do Sul e da prefeitura de Porto Alegre. Esse financiamento foi tão fundamental para a organização dos FSM que o último ocorrido em 2005 – já sem o apoio estatal por causa das derrotas do Partido dos Trabalhadores (PT) no

âmbito estadual e municipal – foi crucial para a acumulação de uma dívida na realização do FSM de 2005 que até hoje não foi paga por completo<sup>8</sup>.

O princípio 10 destoa desses últimos princípios, pelo fato de ressaltar a noção de contra-poder. Ele mantém a negação, mas a coloca de maneira mais geral e aberta: “O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária [...] e ao uso da violência [...] condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro”. Os contra-poderes surgem na medida que realçam as lutas contra todos os tipos de dominação e colocam o “respeito pelos Direitos Humanos” como o elo principal dessa oposição. A palavra “democracia” aparece ao lado de “verdadeira e participativa”, deslocando o sentido de noções como igualdade, solidariedade e paz para o princípio de uma democracia participativa. Assim, dentro desses sentidos, o FSM luta pela construção de uma democracia mais ampla e universal, amparada pelos Direitos Humanos e realizada na ação, como podemos notar na proposição, “pela *prática* de uma democracia verdadeira”. A democracia tem como base uma ação amparada nos Direitos Humanos que surge em oposição à dominação, ao totalitarismo e à violência. Esse princípio manifesta com uma amplitude maior a negação do poder de maneira geral.

Nos princípios seguintes o FSM é tratado como um espaço que estimula a pluralidade, sendo concebido como “espaço de debates”, “espaço de troca de experiências” e “espaço de articulação”. Os princípios 11, 12, 13 e 14, enfatizam que o Fórum é um espaço para o intercâmbio dos movimentos e entidades que o constituem. Os sentidos que aparecem mostram que essa “articulação” é principalmente de “resistência social [superação] não violenta” à “dominação” e “desumanização”. A palavra desumanização aparece no princípio 13 como um dos princípios da “dominação do capital” e remete ao princípio 10 que embasa as ações da “democracia verdadeira” na carta dos Direitos Humanos. Dessa forma, na seqüência ao “processo de desumanização” vem a expressão “iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades”.

O último princípio não trata essa articulação dos movimentos sociais apenas como parte do espaço propiciado pelo fórum e acrescenta a noção de processo para “situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões da cidadania planetária”. A articulação dos movimentos sociais é colocada sob o ponto de vista do processo e o jogo de sentidos varia do “movimento de idéias” no 11º princípio para as “ações, do nível local ao nacional” e “práticas transformadoras”.

---

<sup>8</sup> No site do FSM, consta que houve uma campanha de doações e que a dívida foi reduzida em 2006, cf. [http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias\\_01.php?cd\\_news=2165&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=2165&cd_language=1)

Assim, temos no deslizamento de sentidos a noção de articulação pelo “debate de idéias” que acontece no *espaço do Fórum* e “as práticas transformadoras” que ocorrem no *processo do Fórum*.

#### 4.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTORIA

Os autores da Carta se manifestam no início indicando que foi o comitê das entidades brasileiras o responsável pelo documento e estabelecem que ela deve ser respeitada por todos que participam do processo FSM:

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por tod@s que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial [...] (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM).

O Comitê Organizador (CO) do FSM foi composto para o primeiro Fórum, mas continua até hoje com a mesma estrutura. Segundo Santos (2005) ele é composto pelas seguintes entidades: Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG); Ação pela Taxação das Transações Financeiras em apoio aos Cidadãos (ATTAC Brasil); Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP); Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania (CIVES); Central Única dos Trabalhadores (CUT); Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômica (IBASE); Centro de Justiça Global (CJG); e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). (SANTOS, 2005, op. cit., p. 43). Por ser o CO brasileiro, a Carta de Princípios expressa questões políticas do neoliberalismo que se manifestam exacerbadas no Brasil e, da mesma forma, uma tendência do pensamento político nacional. Assim, segundo a nota de informação no final do texto da Carta de Princípios, consta que primeiramente ela foi elaborada em 9 de abril de 2001 pelo Comitê Organizador e, em seguida, aprovada na primei-

ra reunião do Conselho Internacional<sup>9</sup> em 10 de Junho do mesmo ano. Portanto, a Carta foi construída por entidades e movimentos sociais brasileiros e a importância disso é afirmada por Santos (2005) da seguinte maneira:

[...] O FSM nasceu no Sul, na América Latina, valendo-se da cultura política híbrida que emerge dos movimentos de base, das experiências com a democracia participativa, da teologia da libertação, das lutas contra a ditadura, bem como da política de esquerda (velha e nova) da tradição ocidental. (id. *ibid.* p. 39)

Desse modo, segundo a AD, para sair da descrição e iniciar a interpretação é necessário entender como funciona o processo enunciativo e a constituição dos sentidos no discurso da Carta. Mesmo o FSM não sendo deliberativo ele produz discurso e, se por um lado ele se esquia de ser um “ator”, por outro, não consegue se esquivar do fato de, para a AD, ser considerado um “autor”. Segundo Orlandi (1996) o autor é o princípio, a unidade e a origem do sentido:

Para nós, a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim (...) O autor responde pelo que diz ou escreve, pois é suposto estar em sua origem. (ORLANDI, 1996, p. 69).

Para Orlandi, a autoria é uma função da noção de sujeito, porque a noção de autor é encarregada de dar sentido e coerência produzindo a unidade do texto. Enquanto o sujeito é um lugar, uma posição discursiva, a noção de autoria inscreve a coerência e o sentido dando o efeito de continuidade do sujeito. Dessa forma:

[...] A posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor) (...) O autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação que lhe corresponde e que vem ‘de fora’. O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação (id. *ibid.*, p. 74-75).

<sup>9</sup> Segundo Leite (2003), a designação de Conselho Internacional “Foi uma definição parcial porque não ficou claro, em um primeiro momento, se a instância formada era um Comitê ou um Conselho (...) Na prática, desenvolveu-se um processo gradual em que esta instância se via como um Conselho” [...] (op. cit., p. 79).

Apesar da Carta de Princípios ter sido produzida pelo Comitê Organizador e depois aprovada pelo Conselho Internacional ela indica que o Fórum é, sobretudo, um autor. Ele é entendido enquanto tal devido ao fato de seus comitês e conselhos se pronunciarem por ele. A coerência que é produzida no texto e no discurso é reproduzida nas ações do Fórum, a Carta legitima assim, um determinado tipo de ação. O princípio de autoria define o Fórum enquanto um autor, por produzir coerência e unidade do discurso no texto, mas a coerência e a unidade são frutos da exterioridade sócio-histórica. Assim, “O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer”. (id. *ibid.*, p. 70).

A análise da autoria na Carta de Princípios aponta assim, para a investigação de quem escreveu a Carta. Os autores da Carta foram as entidades e movimentos sociais que formaram o Comitê Organizador do primeiro FSM, este comitê é brasileiro, o que nos leva à possibilidade de seu conteúdo expressar uma concepção latino-americana de luta política, que influencia a estrutura organizativa do Fórum. A influência do Brasil na organização dos primeiros Fóruns foi grande, teve a participação intensa das entidades brasileiras, apoio de governos municipal, estadual e federal, foi realizado em Porto Alegre nas três primeiras edições (2001, 2002, 2003) e depois na quinta (2005), tudo isso gerou não só uma forte influência brasileira na sua organização e nos seus ideais, mas um sério questionamento a respeito da real internacionalização do Fórum. Desde o primeiro Fórum estabeleceu-se a possibilidade dele ser realizado em outros países para construir uma maior mundialização, mas pela facilidade da estrutura, optou-se por realizá-lo no Brasil, pelo menos até a quarta edição que foi na Índia. O princípio de autoria, dessa forma, está ligado a uma prática política, e ajuda a desnudar a construção dos sentidos na Carta de Princípios. Sendo assim, a relação autor/ator, é necessária porque para Arendt: “[...] o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras”. (ARENDR: 1997, p. 191). Dessa forma, o autor pode ser considerado um ator, mesmo que o Fórum não tenha a intenção de ser uma instância representativa ou de exprimir, enquanto tal, ações e decisões em nome de todos os movimentos que o compõem.

Com a questão autor/ator, começamos agora a traçar os indícios da construção de uma interdiscursividade na construção do discurso do Fórum. Na Carta de Princípios, o FSM é definido como um processo, “o Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial”. A palavra processo nos remete ao movimento, e este à temporalidade, por isso é necessário traçar a construção da relação autor/ator no interdiscurso, lugar da memória do dizer. Dessa forma, desvendando a autoria, tentamos desnudar a influência das formações ideológi-

cas e discursivas latino-americanas na construção do discurso do FSM. O movimento mexicano “Exército Zapatista de Libertação Nacional” (EZLN) se destaca na América Latina como um dos primeiros a contestar o processo de exploração neoliberal e dessa forma traça indícios da construção de formações ideológicas que ajudam na compreensão da ação/autoria no processo do FSM. Existem muitos outros movimentos sociais na América Latina e no mundo que poderíamos utilizar como referência para o mapeamento da instalação da unidade no discurso do FSM e sua organização prática, mas preferimos o EZLN pelo fato de manter algumas similaridades no seu discurso e na sua estrutura organizativa.

Segundo Silvestre Neto (2003), o EZLN iniciou sua ofensiva numa data emblemática, em 1 de janeiro de 1994, data que marcou a entrada do México no Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) que conta também com os Estados Unidos e Canadá. Na madrugada de comemoração da virada de ano o EZLN tomou 7 cidades da região de Chiapas no México:

Em primeiro de janeiro de 1994 o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI) – Comando Geral do EZLN – lança a primeira Declaração da Selva Lacandona solicitando a participação do povo mexicano para a instituição de um sistema político livre e democrático no México. (SILVESTRE NETO, 2003, p. 61).

Esse acontecimento emblemático tornou o EZLN conhecido como um movimento antineoliberal que conseguiu declarar guerra contra o NAFTA. Logo em seguida da tomada das cidades o EZLN lança a Primeira Declaração da Selva de Lacandona. “A declaração visa a transição para a democracia condicionada na realização de suas necessidades listadas em onze pontos: casa, terra, trabalho, pão, saúde, educação, autonomia, liberdade, justiça, democracia e paz”. (id. *ibid.*, p. 57). A proposta deles é dirigida a um mundo novo e a sua luta é pela democracia:

O EZLN revela-se ao mundo com a Primeira Declaração. Não impõe um programa que deverá ser aceito por quem quer que seja que não queira estar em oposição a ele. Coloca em discussão suas propostas acerca do sistema social e regime político ao qual toda sociedade está submetida, sem impô-las. Não buscam tomar o poder, apenas querem exercer o direito de confrontar idéias e propostas num novo espaço político, diferente do que chamam de ‘Partido de Estado’. (id. *ibid.*, p. 58)

Apesar do EZLN focar a luta na ação pela dignidade dos povos indígenas de Chiapas esse movimento se coloca numa contestação mundial contra o neoliberalismo. Dessa forma, para Silvestre Neto:

“[...] o EZLN é o primeiro movimento armado a convocar a resistência global contra o neoliberalismo e que por isto é difícil até mesmo avaliar seu impacto, não só no México e na América Latina, mas também na Europa e demais países do mundo (...) a grande contribuição do EZLN está na concepção de um projeto de ‘Democracia Universal’, pautada no pluralismo da estrutura de poder das comunidades indígenas, destacando o caráter civilizatório do ‘zapatismo’ por meio do valor universal da dignidade”. (id. *ibid.* p. 101-102).

O internacionalismo é uma formação ideológica que se desenvolve no próprio FSM. A luta pautada na ação conjunta entre diversos movimentos sociais em caráter internacional e contra o neoliberalismo se mostra como um embrião do que viria a ser a questão da constituição em rede de um movimento global. É um embrião porque essa articulação em rede se desenvolveu com uma força maior nos protestos pós-Seattle.

A forte presença do movimento zapatista como protagonista de uma das primeiras lutas contra o neoliberalismo, o fez concretizar o “Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo” que foi realizado entre os dias 27 de julho e 3 de agosto de 1996. Esse encontro, segundo Silvestre Neto, ficou conhecido como “Reunião Intergaláctica” e contou com a presença de 4 mil pessoas de 41 países.

“O EZLN superou as fronteiras mexicanas e tornou-se um símbolo de luta contra a miséria e a desigualdade social. Neste encontro foi discutida (sic) a política, a cultura, as formas de comunicação e as estratégias da economia ‘neoliberal’, além de focalizar os povos indígenas e outros segmentos excluídos em todo mundo”. (id. *ibid.*, p. 94-95).

Esse encontro foi um dos pilares da constituição do movimento antineoliberal e um ponto de referência para o FSM. Mas a diferença está na predominância do EZLN no encontro, mesmo com várias entidades e movimentos do mundo participando, o protagonismo do movimento zapatista é que molda a reunião. A articulação e a organização do evento ficaram com o EZLN. Porém, as bases para a formação de um interdiscurso foram lançadas nesse evento, possibilitando uma agregação de diversos movimentos sociais lutando contra o *status*

*quo*, numa época muito marcada pelo discurso panfletário do neoliberalismo como a única salvação.

A pluralidade do EZLN também se mostra como uma formação ideológica recorrente nesse processo que ajudou na construção do processo ação/autor do FSM:

“A aceitação de idéias diferentes, quaisquer que sejam, desde que oriundas do povo, negando as posturas dogmáticas tradicionalmente conhecidas e principalmente a ausência da ânsia pela tomada do poder, parece estar presente desde a forma de contato ocorrida entre o grupo guerrilheiro urbano e as comunidades indígenas” (id. *ibid.*, p. 71-72).

Os zapatistas deixam claro que as suas reivindicações envolvem toda a sociedade civil mexicana, eles procuram compartilhar sua luta com a sua população mobilizando diversos tipos de movimento sociais. A partir do momento que eles aceitam a agregação da pluralidade isso propicia uma desterritorialização da causa zapatista, enfocando assim, a luta por uma sociedade mais justa, nos alicerces morais da sociedade civil. O zapatismo garante assim o processo de inclusão de diversos discursos-ação formando um espaço público moldado pela intersubjetividade. A pluralidade conquistada foi “provocada” pelo EZLN, esse movimento através de várias convocatórias chama os movimentos sociais e a sociedade civil para participar em um esforço unindo forças contra um sistema que é global, mas que atinge a vida nacional e cotidiana das pessoas.

Nesse aspecto, a luta antineoliberal do movimento zapatista se evidencia como uma antecipação de formações ideológicas que ajudam na constituição das formações discursivas do Fórum Social Mundial. Quando o EZLN chama a sociedade civil para compor uma luta conjunta contra o neoliberalismo ele se torna uma espécie de símbolo para os movimentos que resistem a esse sistema: “Logo, o EZLN tornou-se uma espécie de símbolo da luta de resistência ao poder imperialista desta fase do capitalismo, o neoliberalismo. Em um universo político globalizado o símbolo se espalhou rapidamente”. (id. *ibid.* p. 93). A luta que o movimento zapatista promove contra o neoliberalismo é uma luta contra as explorações oriundas desse sistema e a resistência armada que se desenvolve numa região extremamente pobre do México, consegue servir de esperança para os movimentos sociais espalhados pelo mundo, pois:

“ [...] en un aparato rincón de América, el neoliberalismo era resistido con las armas en la mano. A esta altura de los acontecimientos es ocioso subrayar la importancia que rápidamente adquirieron el movimiento chiapanesco como fuente de inspiración para la creación de otras fuerzas contestatorias en todo el mundo”. (BORON apud SILVESTRE NETO, 2003, p.45).

Assim a luta contra o neoliberalismo por parte do EZLN mostra ao mundo o seu carácter excludente:

Al empobrecimiento, marginación y exclusión que en los años ochenta se ha acentuado con las políticas neoliberales fuertemente articuladas (...) Para vencerla, se plantea una lucha defensiva democrática, una revolución defensiva democrática cuya única posibilidad de ganar es que se transforme en una gran lucha política y social, capaz de cambiar la correlación del poder y el mercado en un proyecto local, nacional y eventualmente global. (CASANOVA, 2001, p. 1).

A luta antineoliberal se constitui numa formação ideológica que norteia o interdiscurso do movimento global. A luta democrática é uma das características das ações e dos discursos dos movimentos sociais contra o neoliberalismo Este princípio é uma formação ideológica que também se enquadra na constituição do autor/ator FSM. A luta por uma democracia mais abrangente é também uma luta contra o neoliberalismo, contra a discriminação e contra a exclusão e a exploração. Segundo Casanova (2001), o movimento zapatista se empenha assim em construir através de uma luta armada um novo tipo de sociedade que se espelha na democratização de todos os pilares da sociedade:

Al mismo tiempo programan una democracia nueva entre los revolucionarios; una democracia plural en las ideologías, las religiones y las políticas, que no es necesariamente camino para el socialismo, y en que no se acepta que la democracia "formal" sea sólo "mediatización", en que incluso se exige aplicarla efectiva y honestamente, sin trampas (...) O viceversa. Hacen suya la idea de un régimen que no sea presidencialista y de una federación que sea real, en que haya un cierto equilibrio de poderes soberanos. Plantean el problema de la justicia para los "hombres de la sombra" y con ellos. Exigen la democratización en todos los niveles del gobierno, la sociedad civil y el Estado. (ibid)

A luta por uma democracia sem precedentes no movimento zapatista é outro traço da memória do dizer do FSM que se estabelece na construção das formações ideológicas

e discursivas. O modelo formado pelas comunidades zapatistas serve como base para suas reivindicações de democratização. A democracia, assim, surge na formação de um espaço público pelas comunidades zapatistas e transborda para suas reivindicações, ela se encontra nas próprias práticas cotidianas do movimento: “É preciso lembrar também que as comunidades, em suas assembléias, é que decidem sobre a participação no movimento e formam o ‘Comitê Clandestino Revolucionário Indígena’, assumindo o Comando Geral do EZLN de maneira coletiva”. (SILVESTRE NETO, op. cit., p. 67). Dessa forma, o movimento zapatista promove a democracia sem participar do processo político-partidário e forma um novo tipo de espaço público buscando na internacionalização e na luta contra o neoliberalismo um foco para construir uma alternativa sócio-política ao sistema vigente. Assim, temos que o processo de constituição das formações ideológicas que propiciam a construção do discurso-ação do FSM aflora de vários princípios das formações discursivas do movimento zapatista, mas que se diferenciam quando o movimento global atinge uma pluralidade maior e uma organização em rede mais internacional capaz de configurar protestos em qualquer canto do mundo e possibilitando o aparecimento do Fórum Social Mundial como um espaço público internacional, inaugurando uma fase propositiva do movimento, diferente do EZLN que admite o uso da violência.

O movimento zapatista, assim como o protesto de Seattle, fornece as bases das formações ideológicas que possibilitam a construção do FSM, porém o caráter de violência característico de um movimento guerrilheiro, não aparece no discurso e na ação do FSM. A Carta de Princípios nega a participação de organizações militares no nono princípio: “Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares”. O Fórum se separa dos movimentos guerrilheiros de esquerda, e assim tira a violência do campo das lutas estratégicas contra o neoliberalismo.

O fato do movimento zapatista se manter como um grupo guerrilheiro mostra uma ambigüidade a qual não consegue manter uma formação ideológica que encontre eco no FSM. A guerrilha do EZLN é diferente das guerrilhas tradicionais:

“O objetivo político da guerrilha do EZLN não é a tomada do poder do Estado. Procura antes que tudo (sic) dialogar na esfera da sociedade civil e propor algumas alterações no sistema social, no entanto não se pode afirmar que o ‘foquismo’ ou as experiências de guerrilha não façam parte do universo político do movimento.”(id. ibid, p. 95).

Outra característica desse movimento que o diferencia dos demais é a renúncia da organização hierarquizada e piramidal, desvinculando-se do autoritarismo inerente a essa estrutura. Assim, a violência é utilizada para manter uma esfera de negociação com o Estado, como mostra Silvestre Neto:

“Outra característica peculiar da guerrilha dos ‘zapatistas’ é a utilização da violência armada para abrir vias de comunicação com o Estado mexicano, objetivando estrategicamente o diálogo. Em janeiro de 1994, com apenas 10 dias de resistência, o EZLN conquistou o reconhecimento da sociedade civil e do Estado, forçando a abertura para negociações com as autoridades, conquista que as guerrilhas de El Salvador e da Guatemala levaram anos para conseguir”. (id. *ibid*, p. 97).

Mesmo possuindo características muito fortes que o diferencia de movimentos guerrilheiros tradicionais o EZLN busca na violência uma predominância muito forte da sua luta. A violência é uma formação ideológica que se repetiu nos protestos de Seattle e em outros, mas não da maneira militarizada como ocorre com os zapatistas. A formação discursiva da violência sai de foco quando o FSM surge, porque para se tornar um espaço público propositivo é necessário que essa ambigüidade seja deixada de lado, para que assim os espaços de luta contra o poder e contra a coerção (propiciados principalmente pelos movimentos de luta pelos direitos humanos e pacifistas) viessem à tona com maior coerência, como pode ser verificado no décimo princípio da Carta: “O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado[...]” (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM, 2001). Ou então no princípio 13 quando diz que o Fórum visa fortalecer “resistência social **não violenta** ao processo de desumanização” (id. *ibid*.) Assim, o Fórum se opõe a todos os tipos de violência, porque além de se pronunciar contra a violência do Estado, ele mostra que não compactua com movimentos guerrilheiros.

#### **4.2 O SENTIDO DO NÃO: A NEGATIVIDADE COMO CONDIÇÃO PARA A UTOPIA**

A Carta de Princípios é um documento produzido pelo FSM que indica e orienta a sua forma de organização, define sua existência e suas características. Os sentidos

produzidos pela Carta identificam-na como uma constituição diferente das demais “constituições”, porque não se caracteriza como um conjunto de normas e preceitos. A Carta proporciona um formato de existência para o FSM, e essa existência o define também pela negação enquadrando-o como “não deliberativo”, “não confessional”, “não governamental”, “não partidário” e “contra o neoliberalismo”. O sentido dessa nova forma de constituição se define pela discursividade que qualifica positivamente e negativamente regulamentando o FSM como um espaço-tempo contra-hegemônico que se estabelece em contradição ao neoliberalismo e às suas entidades e organizações internacionais. Para Santos (2005) a negatividade é uma maneira de defesa da utopia, dessa forma:

A dimensão utópica do FSM consiste em afirmar a possibilidade de uma globalização contra-hegemônica. Por outras palavras, a utopia do FSM afirma-se mais como negatividade (a definição daquilo que critica) do que como positividade (a definição daquilo a que aspira). (Santos, 2005, op. cit. p. 16).

Desse modo, os sentidos produzidos no discurso da Carta se referem a uma Constituição contra-hegemônica diferenciando-se, assim das características clássicas das cartas constitucionais que delimitam o Estado-Nação.

A negação é um princípio que se estabelece nesse documento indicando um rumo a ser tomado em direção contrária ao neoliberalismo, às políticas tradicionais e a centralização organizacional. Por isso, o Fórum se declara “antineoliberal”, “não deliberativo”, “não confessional”, “não governamental” e “não partidário”. A partir da negatividade existente na Carta, a organização do Fórum se mostra como uma novidade política: um fórum que não é fórum, pois não é um simples evento; que não é uma organização tradicional, pois não possui um corpo institucional que possibilite decisões e deliberações em nome de todos; e que se distancia das disputas internas por poder, pois não é organizado de maneira hierarquizada, ou seja, os conflitos se constroem numa forma mais democrática de organização em rede.

Se por um lado nas Constituições nacionais o espaço de ação do corpo orgânico do Estado é bem delimitado, na Carta de Princípios este espaço se fixa apenas nas ações organizadas em rede dos movimentos e entidades que participam do FSM. O novo espaço que é construído no FSM não possui limites geográficos, pois é formado por uma rede internacional de organizações contra-hegemônicas. O efeito de sentido que possibilita o entendimento do FSM como “espaço aberto”, indica a formação de um espaço público estruturado por uma forma de organização contra-hegemônica que estimula a existência de contra-poderes articu-

lados num novo tipo de democracia. Dessa forma é na incerteza que se constrói este novo tipo de espaço público:

“Par leur action, les différentes associations et les différents groupements qui composent le ‘mouvement anti-mondialiste’ ont commencé à créer entre elles, ce que des politologues ont commencé à nommer un ‘espace public international alternatif’. Des centaines de milliers de femmes et d’hommes de par le monde se tournent vers l’entité aux contours encore incertains, mais aux buts si vitaux, que constituent le mouvement” (CHESNAIS; SERFATI e UDRY: 2001, p.1)

A incerteza que se constrói pela negatividade é, para Santos (2003) uma “qualidade ausente” porque para ele, o socialismo enquanto proposta para o futuro:

[...] será um princípio que regula a transformação emancipatória do que existe sem, contudo, nunca se transformar em algo existente. Dada a acumulação de riscos insocializáveis e inseguráveis, da catástrofe nuclear à catástrofe ecológica, a transformação emancipatória será cada vez mais investida de negatividade. Sabemos melhor o que não queremos do que o que queremos. (SANTOS, 2003, p. 277).

A negatividade é a condição da utopia na Carta de Princípios. Essa condição aparece no documento, negando a globalização, o neoliberalismo, o imperialismo e o capital. O primeiro e o quarto princípios definem mais abertamente esse “não”: “O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de [...] articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo [...]”. No quarto princípio o deslizamento de sentidos acontece da negação para as propostas alternativas: “As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais”. Enquanto por um lado a Carta define o Fórum como um espaço público composto por movimentos que negam o capital de forma geral, do outro lado, o espaço público que é formado se destina à elaboração de propostas alternativas. Nesse jogo de sentidos entre os efeitos-de-sustentação e o pré-construído, que ocorre nos dois princípios, temos o interdiscurso do Fórum que dá o sentido de positividade para a negação, porque, na medida que as alternativas são construídas no “não”, é pela negação que se

estrutura o espaço público internacional do Fórum. As “propostas alternativas” que são vinculadas com a “negação do capital” produzem um sentido que também é afirmativo. A afirmação da utopia é a própria negação. Essa transferência de sentidos se produz diretamente na prática, tornando-se assim, um efeito-utópico-prático, pois mesmo com a incerteza decorrente das utopias, as “propostas alternativas” se colocam no campo da ação e não somente no das palavras.

Segundo Holloway (2003) a negação é um grito, uma explosão da tensão entre duas dimensões, a da realidade concreta com a da realidade que não existe e que poderia existir:

“Nós somos, mas existimos em tensão com aquilo que não somos, o que não somos ainda. A sociedade é, mas existe em tensão com a não-identidade. A bidimensionalidade é a presença antagônica (isto é, o movimento) do que ainda não é com o que é, da não identidade com a identidade”. (HOLLOWAY, 2003, p.18)

No Fórum Social Mundial essa tensão bidimensional se concretiza, mas se traduz em “movimento permanente”, num processo que traduz o NÃO para alternativas práticas moldadas pela pluralidade de movimentos que o constitui, construindo, nessas bases, um espaço público internacional alternativo. O grito do Fórum se aprofunda na alteridade, a proposição “outro mundo é possível” está na negação, mas também na possibilidade. Só pode existir outro mundo na negação do mundo concreto. A possibilidade é presente e não futuro, por isso está alinhada não somente à realidade, mas também à ação e ao espaço, ao “processo permanente”. Para Holloway (2003), a negação se exprime na bidimensionalidade da realidade concreta com a utopia, a negação da realidade com a afirmação da utopia, portanto:

Nosso grito é de horror-e-esperança. Se se separam suas duas partes, se converte em algo banal. O horror surge da ‘amargura da história’, mas se não transcende essa amargura, o horror unidimensional leva apenas à depressão política e ao encerro teórico. De forma similar, se a esperança não está firmemente assentada na própria amargura da história, converte-se em apenas uma tola expressão unidimensional do otimismo. (id. Ibid. p. 19).

A bidimensionalidade dialética do NÃO de Holloway se mostra além da posição entre horror/esperança no Fórum. Ela se instaura no objetivo central de produzir alternativas para a construção de “outro mundo”. Assim, a possibilidade da utopia no Fórum Social

Mundial se transforma em ação. A negação transforma o “local da possibilidade”, num espaço de contra-poderes. A criação de contra-poderes é a outra face da negação e está alinhada à construção do espaço público do Fórum.

Holloway (2003) trabalha com a noção de antipoder, mostrando que o poder não pode ser combatido com mais poder, e sim com sua negação. Portanto, ele ressalta que o antipoder é diferente do contra-poder:

O antipoder, então, não é um contra-poder, mas algo muito mais radical: é a dissolução do poder-sobre, a emancipação do poder-fazer. Este é o grande, absurdo e inevitável desafio do sonho comunista: criar uma sociedade livre de relações de poder. (Holloway, op. cit. p. 61).

Na Carta de Princípios a negação salienta esse caráter de antipoder do Fórum Social Mundial quando afirma perante a negativa a construção de um espaço público alternativo. Assim: “O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro (...) de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo[...]”. Ele não representa as entidades e movimentos que o compõem: “O Fórum Social Mundial (...) não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial”. E, portanto, não delibera: “Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial”. No mesmo ponto volta ao tema da representação: “Ele não se constitui portanto (sic) em instância de poder”. Esses temas abordados nessas citações qualificam e modelam o projeto de organização do FSM. Os sentidos que mostram a negação plena do poder modelando a organização do Fórum, exercem uma característica de afirmação, de positividade, na medida que promovem a construção discursiva do FSM sob o paradigma da negatividade.

A negação evidenciada na Carta de Princípios traz à luz um Fórum com características de antipoder na medida que visa negar os poderes existentes. Porém a construção da democracia e a institucionalização organizacional não repercutem como um antipoder, mas colocam o Fórum Social Mundial como um contra-poder radical, na medida em que não nega na prática o poder como um todo quando constrói sua estrutura de funcionamento.

### 4.3 AS TENSÕES NO DISCURSO E NA AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DO FSM

O efeito de sentido que sustenta a formação de um “espaço aberto”, incerto e aparentemente frágil por não ser um espaço fixo, se desloca para um “processo permanente” definindo a continuidade como o elemento central para consolidar o FSM. O deslocamento produzido entre “um outro mundo possível” e “processo permanente” mostra a formação de um espaço público internacional e alternativo que necessita organizar uma estrutura com conselhos, comitês e secretarias, gerando assim tensões que se evidenciam na Carta de Princípios: entre “espontaneidade” e “institucionalização”, entre “fragilidade” e “permanência”, entre “articulação livre” e “operacionalidade organizacional”.

Dessa forma, no documento que relatou a constituição e primeira reunião do Conselho Internacional, são mostradas as características deste enquanto parte decisiva do “processo permanente”: “A criação do CI expressa a concepção do FSM como um processo permanente, de longo prazo, que visa construir um movimento internacional aglutinador de alternativas ao neoliberalismo e por uma nova ordem social, que proporciona o encontro da multiplicidade e diversidade de propostas. Para tal, o CI será uma instância permanente [...]” (CI – CARÁTER, RESPONSABILIDADES, COMPOSIÇÃO E FUNCIONAMENTO, 2001). O CI emerge como o alicerce que irá estruturar de forma permanente a construção de “um outro mundo possível”. Segundo esse relatório, o Conselho Internacional se institucionaliza e se legitima como uma instância permanente “central” na concepção do FSM: “O CI terá um papel protagonista na orientação das diretrizes políticas e na definição dos rumos estratégicos do FSM. Os Comitês Organizadores nacionais terão atribuições organizativas e de facilitação, estando articulados com o CI” (id. *ibid.*). Assim, no relatório, os Comitês Organizadores nacionais ficam subordinados em suas ações ao CI. O relatório também apresenta como sua característica o fato de ser uma instância de contra-poder: “O CI não será uma instância de poder e nele não haverá mecanismos de disputa de representação, nem de votos” (id. *ibid.*). No deslocamento de sentidos, o CI se torna instância política e estratégica, mas não instância de poder. Quando comparamos os sentidos das proposições “O CI terá um papel protagonista” com “O CI não será uma instância de poder” temos um equívoco de sentidos que não livra o Conselho Internacional de todas as disputas de poder internas, ele se molda como protagonista perante as outras instâncias, como os Comitês Organizadores Nacionais, em especial o brasileiro. O sentido de “protagonista” evidencia a luta pela centralidade nas estruturas políticas do FSM. Santos (2005) afirma, assim que: “1 – O FSM é um espaço de poder. Pretender o con-

trário e defender a ideia (sic) de que o FSM é um espaço totalmente aberto, sem centro, sem hierarquias e potencialmente inclusivo para todos (dentro dos limites da Carta de Princípios) parece um pouco forçado”. (SANTOS, 2005 op. cit., p. 71).

O equívoco na produção dos sentidos espelha as disputas internas que podem ser verificadas na historicidade das práticas políticas e organizativas destes conselhos.

O Conselho Internacional do FSM surgiu após a realização do primeiro FSM, segundo Leite (2003) a primeira reunião do CI ocorreu em São Paulo nos dias 10 e 11 de Junho de 2001 e contou com a participação de mais de 60 representantes de entidades e movimentos das Américas, Europa, Ásia e África<sup>10</sup> (p. 79). Na reunião, além de aprovar com alterações a Carta de Princípios, foi elaborado um documento especificando o seu funcionamento. Nesse documento o CI aparece como uma entidade que assegura ao FSM funcionar como processo cuja duração transcende os seus eventos.

Nesse documento o CI se diferencia do CO se estabelecendo como uma instância política, “O CI terá um papel protagonista na orientação das diretrizes políticas e na definição dos rumos estratégicos do FSM”. (CI – CARÁTER, RESPONSABILIDADES, COMPOSIÇÃO E FUNCIONAMENTO, 2001) e deixa para os Comitês Organizadores as atividades mais práticas e organizativas do processo FSM: “Os Comitês Organizadores nacionais terão atribuições organizativas e de facilitação, estando articulados com o CI”. (id. *ibid.*). Enquanto o discurso do documento mostra que o CI tem o papel de protagonista nas questões de orientação política, na Carta de Princípios temos que, “O Fórum Social Mundial (...) não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial”. Dessa forma, tanto o CI como as outras instâncias já nasceram com essa característica representativa. O efeito de sustentação nesses dois documentos se transfere da articulação “não representação” para a articulação “protagonista político” o que indica o deslizamento do efeito de sentido nos discursos. Quando o CI assume o papel de principal orientador das questões políticas e estratégicas ele assume um papel de representação.

Para Leite (2003), a criação do CI resultou num primeiro conflito, pois até então o CO era o responsável pelas propostas de diretrizes políticas e pela parte operacional: “[...] O Comitê Organizador Brasileiro mantinha-se como instância de definições políticas e não só organizativas”. (LEITE, 2003, p. 79). Dessa forma, o CO foi o verdadeiro protagonista,

---

<sup>10</sup> Segundo Santos (2005), o Conselho Internacional tem sua composição estabelecida por cooptação, ou seja, os membros são admitidos de uma maneira que exclui os processos tradicionais de eleição ou seleção: “Quer o CO, quer o CI, foram estabelecidos por cooptação. A sua legitimidade resulta do facto de terem organizado o FSM com relativo sucesso. Os seus membros não são eleitos e não são considerados responsáveis perante qualquer jurisdição”. (op. cit. p. 45).

pois centralizou as ações políticas e organizativas no decorrer dos três primeiros Fóruns. A luta pela centralização modificou a produção de sentidos dos documentos do Fórum indicando, assim, um deslocamento da tensão protagonismo/não-protagonismo, para um pragmatismo, tirando o CI do seu papel e deslocando-o para o CO. Segundo Santos (2005), o Comitê Organizador (ainda com as organizações brasileiras), que exerceu o protagonismo e a centralidade funcional nos três primeiros Fóruns, exerceu também o papel de Secretariado Internacional (SI): “O CO manteve a sua formação desde o início até o encontro de Mumbai, funcionou ao mesmo tempo como comitê organizador do FSM no Brasil e como Secretariado Internacional”. (SANTOS: 2005, op. cit, p. 45).

A opção de voltar a estrutura do FSM para um pragmatismo resultou numa ação política que tirou o CI do seu lugar e anulou a tensão antes constituída na Carta de Princípios e no documento de funcionamento do Conselho Internacional. O protagonismo que nos documentos é do CI se transfere para o Comitê Organizador Brasileiro quando este se constitui em Secretariado Internacional. Esse processo ocorreu na reunião de Barcelona do Conselho Internacional de 28 a 30 de abril de 2002. Segundo o relatório da reunião: “De acordo com o proposto nesse documento, o CO assume a condição e denominação de ‘Secretaria do FSM’” (CI – DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE BARCELONA, 2002). Logo em seguida é colocada a possibilidade de transformar o Conselho em Comitê Internacional, criando assim, Grupos de Trabalho mais complexos e específicos. Os apontamentos mostram a debilidade do CI e a necessidade de mudar isso com regras de funcionamento mais precisas:

Algumas falas foram colocadas no sentido da ampliação do poder do CI. Essa ampliação passaria pelo estabelecimento de critérios claros de participação, de regras claras de funcionamento e pela atribuição de responsabilidades ao CI. 3) Outras visões apontaram a fragilidade do CI, principalmente no que se refere a sua composição desbalanceada regionalmente. Outro ponto de fragilidade refere-se a seu curto período de existência, e a mudança de participantes a cada reunião, sendo ainda arriscada a sua passagem de Conselho para a forma de Comitê (conforme apontada no documento de estrutura). (id. *ibid.*).

O sentido dessas proposições mostra que se por um lado as atribuições do Conselho Internacional são questionadas junto com o seu caráter de *protagonista*, as atribuições do Comitê Organizador/Secretaria do FSM são aprimoradas, legitimando assim sua crescente centralidade no processo do FSM: “O Comitê Organizador/Secretaria do FSM, junto com o CI, tem um compromisso com a mais ampla mundialização do processo do FSM. Neste

sentido (sic) pode apoiar iniciativas de fóruns continentais e temáticos, sem a pretensão de dirigi-los” (id. *ibid.*). Dessa forma, a Secretaria do FSM (que depois se chamaria Secretariado Internacional), dividiu as atribuições do Conselho Internacional e assim conseguiu sua predominância no processo do FSM pelo menos até o FSM de 2003 em Porto Alegre. A formação do Secretariado Internacional aponta a mudança de sentidos do “processo permanente” que tem um caráter político no documento de constituição do CI, para o “processo permanente” de caráter burocrático e pragmático na legitimação do protagonismo do Secretariado Internacional.

O efeito prático do Secretariado Internacional se deve à facilidade de encontros entre as 8 entidades brasileiras que o compõem. Segundo Whitaker (2005), os representantes dessas entidades são fixos e giram entre 12 a 15 pessoas que se encontram com uma frequência maior que a do CI. As tensões e as clivagens são ainda maiores no Conselho Internacional porque, ele comporta mais de 100 entidades que se reúnem poucas vezes ao ano. O processo de reunião do Conselho Internacional tem como regra básica a decisão por consenso o que torna as reuniões mais demoradas, mas porém é uma forma alternativa de legitimação e que possui o poder de esmiuçar as questões abordadas:

Na decisão por consenso, por sua vez, um único participante pode bloquear toda a discussão, usando o poder do veto, e aqueles que têm mais força tendem a usar esse poder. Usar esse poder sem, no entanto, prejudicar a continuidade da discussão exige transparência e capacidade de aceitação de decisões com as quais não se concorda mas que podem ser consideradas melhores numa visão de conjunto. (WHITAKER, 2005, *op. cit.* p. 143)

As decisões são alcançadas por um longo período de reflexão que, segundo Whitaker (2005), extrapolam a regra do voto, ou seja, da democracia como vontade da maioria, que pode ser uma forma muito mais rápida de se tomar decisões, mas que podem chegar a tomadas de decisões inaceitáveis do ponto de vista duma análise aprofundada da questão. (id. *ibid.*). Essa lentidão facilitou a “tomada de posição” do Secretariado Internacional pelos próprios membros do Conselho que na reunião de Barcelona o legitimaram enquanto instância central no processo do FSM. Mas nessa mesma reunião foram criados os elementos que viriam a dinamizar o Conselho Internacional. Foram criados 3 grupos de trabalho:

4) Foram constituídos três GTs que deverão trabalhar até Bangkok. Estes Grupos de Trabalho não tem caráter permanente, são grupos ad hoc sobre temas precisos e se desfazem tão logo suas tarefas estejam terminadas. Na reunião em Barcelona foram listadas as organizações interessadas em compô-los, mas continuam abertos à participação de outras entidades do CI. Esses GTs não deliberam, eles farão o debate sobre seus temas específicos e sistematizarão propostas nas suas respectivas áreas para que sejam discutidas finalmente na próxima reunião do CI em Bangkok. Os três Grupos de Trabalho são: • Comunicação • Regimento interno e Critérios de participação do CI • Metodologia e Temário. (CI – DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE BARCELONA, 2002)

O grupo de trabalho sobre o regimento interno elaborou um projeto que foi discutido nas reuniões do Conselho Internacional chegando-se a um consenso somente na reunião de Miami que ocorreu entre os dias 23 e 26 de Junho de 2003. A aprovação de algumas cláusulas do regimento interno serviu para dinamizar as reuniões do CI e otimizar suas decisões, tornando-o mais eficiente. Essa reunião foi emblemática porque tirou a centralidade do Secretariado Internacional e fez o Conselho Internacional assumir essa responsabilidade de maneira mais prática. O documento que foi redigido se denomina, “Regras de Funcionamento do CI do FSM”. Assim, é definido que “o CI passará a trabalhar organizado em seis Comissões que são as seguintes”:

a. **ESTRATÉGIAS:** aprofundar as análises das estratégias, das iniciativas e das ações dos agentes do neoliberalismo, bem como das iniciativas dos que se contrapõem à dominação neoliberal (movimento mundial anti ou alter mundialista), visando a facilitar o debate de estratégias de resistência e de construção do "outro mundo possível"; b. **CONTEÚDOS:** coleta (memória), sistematização (análise e organização temática) e divulgação entre os participantes do processo do Fórum (por meios eletrônicos, publicações escritas e organização de seminários de discussão) de análises e propostas de novas iniciativas e alternativas para a resistência ao neoliberalismo e a construção do "outro mundo possível", surgidas em fóruns já realizados, bem como o estímulo para intensificarem-se as relações e as iniciativas dos participantes do processo em torno de tais propostas, avaliando-se a pertinência de realização de fóruns temáticos de aprofundamento de questões específicas; c. **METODOLOGIA:** sistematização e consolidação da metodologia de organização dos fóruns, com base na Carta de Princípios e a partir da experiência dos fóruns realizados, uma vez que essa metodologia assegura o caráter de espaço aberto que respeita a diversidade e a pluralidade e se constitui na principal força; d. **EXPANSÃO:** apoiar o desenvolvimento de fóruns sociais regionais, nacionais ou locais com base nessa metodologia, assim como a expansão do processo às áreas geográficas do mundo em que as organizações da sociedade civil ainda não o conheçam suficientemente, para que tomem a iniciativa de promover fóruns ou participem dos que se realizem nessas áreas, ajudando igualmente que esta expansão se reflita na composição do CI; e. **COMUNICAÇÃO:** construção de sistemas de informação do pro-

cesso FSM para além de sua esfera e entre seus participantes, identificando métodos de trabalho à distância para o CI e as Comissões; f. **FINANÇAS**: construção de um sistema solidário internacional de financiamento das atividades do processo do FSM. (REGRAS DE FUNCIONAMENTO DO CI DO FSM, 2003).

E também foi registrado no documento o caráter das atribuições do Secretariado Internacional deslocando-o de sua centralidade: “No que se refere às funções do Secretariado do FSM e suas relações com o CI, o primeiro princípio determina que as decisões políticas do processo FSM são tomadas pelo CI, toda vez que se reunir em assembléia”. Dessa forma, a afirmação repetida da centralidade política é um reconhecimento das tensões existentes entre os dois órgãos. O efeito de sentido de reconhecimento da clivagem acontece quando a proposição “as funções do Secretariado” se delimita pelas “relações com o CI” no que tange às decisões políticas. O efeito de sustentação que torna o sentido evidente, se compara com o pré-construído que indica o passado das disputas pelo protagonismo político, construindo assim, o interdiscurso que indica no texto o caráter conflituoso da disputa pelo poder político entre SI e CI. Um Conselho que precisa repetir pelo menos em dois documentos que é “o protagonista político” se reconhece, numa relação especular, indicando que até o momento o poder lhe escapou das mãos. Portanto, a distância que separa os sentidos do documento da primeira reunião do CI em 2001 para a reunião de Miami em 2003, pode ser observada nas seguintes proposições:

“O CI terá um papel protagonista na orientação das diretrizes políticas e na definição dos rumos estratégicos do FSM [...] No que se refere às funções do Secretariado do FSM e suas relações com o CI, o primeiro princípio determina que as decisões políticas do processo FSM são tomadas pelo CI, toda vez que se reunir em assembléia” (CI – Caráter, Responsabilidade e Funcionamento: 2001).

A singularidade dos sentidos de ambas resoluções simboliza que a ação política alterou o sentido das palavras tornando necessária a repetição como forma de legitimar a centralidade do CI. Mas essa repetição não é simétrica, pois, a ação construiu uma luta pela hegemonia política no Fórum na qual o Secretariado surgiu como seu real protagonista. O documento da reunião de Miami reconhece isso ao propor o distanciamento do SI das “decisões políticas”. A frase começa com as “funções do Secretariado”, mas na verdade determina as funções do CI quanto às decisões políticas, o afastamento do SI da sua centralidade fica

claro. No entanto, fica implícito no âmbito das *ações* e do *interdiscurso*, o processo de ações políticas que viabilizaram num momento (e inviabilizaram no outro) a tomada do poder político pelo SI. A luta pelo poder no processo de institucionalização do Fórum é assim evidenciada por essa clivagem. E ao assumir o poder político no FSM o Conselho Internacional teve que passar por um processo de reformulação organizacional, unida a uma conjuntura desfavorável quanto à permanência do CO/SI no centro.

O que tornou o Conselho Internacional mais prático a ponto de assumir o centro das decisões do FSM foi o fato dele ter criado comissões permanentes, ou seja, o corpo de atuação definido em 6 comissões implica numa descentralização burocrática que, segundo Whitaker (2005) facilitou nas decisões mais práticas:

Esse esquema de trabalho tem se mostrado bem mais eficaz, tornando desnecessária a convocação de muitas reuniões extraordinárias do Conselho. Suas várias comissões – bem maiores do que os grupos de trabalho constituídos em Barcelona – reúnem-se em torno das temáticas a elas atribuídas, segundo as necessidades e possibilidades. (WHITAKER, op. cit. p. 146).

Outro aspecto que alterou essa correlação de forças entre o SI e o CI foram as condições conjunturais na questão do financiamento do FSM, segundo Santos (2005):

O Partido dos Trabalhadores (PT), desde sempre um firme apoiante do FSM em Porto Alegre, tanto a nível organizativo como a nível financeiro, perdeu as eleições no Rio Grande do Sul [...] este facto não só provocou uma crise financeira posteriormente resolvida, mas também perturbou o aparelho administrativo, que tanto havia contribuído para o sucesso dos dois fóruns anteriores. (SANTOS, op. cit. p. 46-47).

Essa “perturbação” foi visível no Fórum de 2003. Realizado em Porto Alegre entre os dias 23 e 28 de janeiro de 2003, atraiu cerca de 100 mil pessoas do mundo inteiro. Cerca de 20 mil delegados, de um total de 123 países participaram do evento. A esse número devem ser acrescentados ainda os participantes do Acampamento da Juventude (cerca de 25 mil), jornalistas da mídia nacional e internacional (mais de 4.000) e participantes individuais. Segundo Leite (2003) ocorreram diversos problemas pela grandeza do evento e pela falta de operacionalidade do Secretariado Internacional devido à quebra do patrocínio do governo estadual e municipal:

Com o enorme crescimento do Fórum e a redução do apoio governamental em função da derrota eleitoral do PT no Rio Grande do Sul, as condições de gestão do evento se tornaram mais precárias. Ocorreram problemas organizativos importantes, particularmente na alocação das oficinas e no alojamento dos participantes em Porto Alegre”. (LEITE, 2003, op. cit. p. 105)

Com os problemas que ocorreram no III FSM, a reunião do Conselho Internacional no final do evento nos dias 21 e 22 de janeiro de 2003 foi muito tensa, e o protagonismo político organizacional do Secretariado Internacional foi repensado na reunião e posteriormente consumado na reunião de Miami onde foram aprovadas as modificações mais estruturais no CI. Nas resoluções aprovadas nessa reunião do Conselho Internacional chama a atenção as que dizem respeito a internacionalização do SI:

Dar continuidade às funções da atual Secretaria do Conselho Internacional, internacionalizando-a progressivamente, com as funções de: - estimular e apoiar os fóruns regionais e temáticos; - facilitar a realização das reuniões do CI e seus grupos de trabalho; - assegurar o processo de comunicação do FSM; - assegurar a sistematização da memória do processo; - apoiar a busca de fundos para o processo FSM. (REGRAS DE FUNCIONAMENTO DO CI DO FSM, 2003).

O processo de internacionalização do Fórum provocou um distanciamento da centralidade de atuações do SI, que foi sacramentado na reunião de Miami em junho do mesmo ano: “O Secretariado do FSM é [...] formado pelo antigo Comitê de Organização brasileiro juntamente com o Comitê de Organização do lugar em que seja realizado o Fórum Social Mundial” (id. *ibid.*). A perda da centralidade do CO/SI também se deve ao fato da escolha do IV FSM para Mumbai na Índia. Isso possibilitou uma maior perspectiva na representatividade internacional do FSM. Dessa forma, foi constituído um Comitê Organizador Indiano que preparou o IV FSM, contando com a ajuda do CO/SI brasileiro, quando solicitada.

Durante 2003, houve a constituição de diversas instâncias indianas responsáveis pela preparação local do FSM 2004: Conselho Geral Indiano (IGC), Comitê Indiano de Trabalho (IWC), Comitê Organizador Indiano (IOC), Comitê de Organização de Mumbai (MOC). O FSM 2004 contou com a presença de 74.126 participantes, representados por 1653 organizações de 117 países. Do total, 60.224 eram indianos. Segundo Santos (2005, op. cit. p. 81-82), o Conselho Geral Indiano foi constituído por 140 organizações com a função de definir as orientações gerais do FSM de 2004, o Comitê Indiano de Trabalho, teve 60 organiza-

ções com o objetivo de supervisionar as atividades preparatórias, o Comitê Organizador Indiano, foi composto por 45 entidades com a função executiva de todo o processo. E o Comitê de Organização de Mumbai teve a característica mais localizada da organização do processo. Isso ocasionou uma ruptura profunda com a centralidade do SI, e conseqüentemente uma internacionalização de igual proporção. As funções de organização que ficavam a cargo do SI composto principalmente por entidades brasileiras, foram compartilhadas com as entidades indianas. Essa descentralização da organização do processo teve um maior êxito por acontecer no Fórum da Índia, que além de ampliar a sua representação e internacionalidade, tirando assim, a possibilidade geográfica da eficiência do Secretariado na organização. Dessa forma, o SI teve a prevalência no processo do FSM, enquanto este foi realizado em território brasileiro, enquanto o evento teve apoio estatal e governamental, e principalmente enquanto não teve sua centralidade discutida e revisada no âmbito das instituições do FSM.

Um dos problemas que também foi enfrentado na reunião de Miami diz respeito à transparência na organização do FSM: “O Secretariado deverá apresentar, em cada reunião do CI, um informe sobre suas atividades e um informe financeiro depois da realização de cada Fórum Social Mundial. Ambos informes deverão ser enviados a todos os membros do CI pelo menos 15 dias antes de sua reunião” (id. *ibid.*). A ação pela transparência no SI burocratiza e conseqüentemente, democratiza as suas atribuições na ânsia de evitar a repetição dos problemas administrativos e financeiros do III FSM. Os sentidos expressos no documento da reunião de Miami mostram uma tomada de posição mais firme do CI sobre sua centralidade e protagonismo no processo. O fato de tirar certas autonomias do SI, o coloca numa posição superior na burocracia interna, ou seja, transforma o Secretariado Internacional numa *Secretaria do Conselho Internacional*, como é exposto no documento sobre a reunião de Porto Alegre de janeiro de 2003. Os efeitos de sentidos que por ora colocam o SI, como *Secretaria do CI*, ou como *Secretaria do FSM*, indicam as suas vinculações e hierarquizações entre os órgãos em si.

Segundo Santos (2005) o problema da falta de transparência se deve ao fato de muitos movimentos e entidades que participam do Fórum não terem o mínimo de controle sobre as suas atividades financeiras e organizativas:

Ao longo dos anos, tem crescido a crítica de que importantes decisões na vida do FSM são tomadas por um grupo muito restrito, sem o mínimo de controle por parte dos movimentos e organizações participantes no Fórum. Tais decisões podem, por exemplo, incluir a rejeição ou marginalização, sem justificção explícita, de propostas entregues por movimentos e organizações. Daí que algumas organizações ou movimentos, se considerem marginalizados pela organização do FSM. (SANTOS, 2005, op. cit. p. 48).

A falta de transparência resulta de uma falta de controle dos movimentos e entidades que participam do Fórum. A transparência reflete a questão da hierarquização interna e externa. A interna mostra a centralização na tomada de decisão, o que acarretou inúmeros problemas quando a centralidade ficou a cargo do órgão menos representativo do Fórum que é o SI. A hierarquização externa ocorre nos dias do FSM e é apontada por Santos na distinção entre as atividades organizadas que são de competência do CO e do CI e as que são de competência livre das entidades e movimentos:

“Por um lado, enquanto os que participam no primeiro tipo de sessões são convidados pelo FSM e têm, por vezes, a sua participação financiada, os que participam no segundo tipo de sessões devem contar apenas com os financiamentos gerados pelos próprios movimentos e organizações. Por outro lado, as sessões promovidas directamente pela organização são encaradas como as mais importantes e recebem condições de tempo e de espaço que as outras não possuem”. (id. idid. p. 49).

Esse tipo de hierarquia apontado por Santos prevaleceu até o Fórum de 2003, e foi resolvida com a ampliação da horizontalidade, aumentando a importância dos eventos construídos pelos próprios movimentos e entidades e a co-responsabilidade. Mas o segundo tipo de hierarquização, a interna que não é colocada por Santos, continuou após 2003, com a inversão de posição entre SI e CI. Quando foi definido que o Conselho Internacional voltaria ao seu papel de protagonista no processo do FSM, deu-se o poder para a instituição com melhor representação do Fórum e cuja internacionalidade é bem distribuída. A hierarquização interna que resultou da reunião de Miami possibilitou um maior controle sobre os recursos financeiros e administrativos implicando numa transparência nas relações entre os órgãos. Porém, a transparência na realização das atividades do Fórum só foi resolvida aumentando a horizontalidade e auto-gestão. Desse processo resultou algumas modificações na estrutura que foram experimentadas a partir do fórum de 2004 e tendo uma maior abrangência no Fórum de 2005.

O documento sobre a reunião do Conselho Internacional que ocorreu entre os dias 4 e 7 abril de 2004, aprovou uma nova metodologia que teve como primeiro passo prático a realização de uma Consulta Temática, um questionário amplamente divulgado que buscou identificar quais lutas, questões, problemas, propostas e desafios as diversas organizações que participam do processo FSM consideraram importante discutir no FSM 2005.

Entre outros pontos, a metodologia prevê a construção da grade temática de maneira participativa, a partir de uma ampla consulta a ser realizada nos próximos meses. Além disso, a proposta também visa facilitar o encontro entre os que querem desenvolver planos de ações e permitir um amplo diálogo não apenas por tema, como inter-setorialmente e transversalmente. (REUNIÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL NA ITÁLIA, 2004)

Da análise das respostas pelas comissões de Metodologia e Conteúdo do Conselho Internacional resultaram 11 espaços temáticos que organizaram todas as atividades propostas para o FSM 2005:

01. Afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos - Como alternativa à mercantilização e ao controle das transnacionais
02. Arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos
03. Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas
04. Defendendo as diversidades, pluralidade e identidades
05. Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário
06. Economias soberanas pelos e para os povos - Contra o capitalismo neoliberal
07. Ética, cosmovisões e espiritualidades - Resistências e desafios para um novo mundo
08. Lutas sociais e alternativas democráticas - Contra a dominação neoliberal
09. Paz e desmilitarização - Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida
10. Pensamento autônomo, reapropriação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias
11. Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e integração dos povos. (METODOLOGIA DO FSM 2005).

Estes espaços foram articulados com 5 eixos transversais: emancipação social e dimensão política das lutas; luta contra o capitalismo patriarcal; luta contra o racismo; gênero; diversidade.

Estive presente neste Fórum realizando um trabalho de campo na forma de observação participativa. Em quase uma semana pude presenciar a dimensão gigantesca do evento e a participação ativa dos militantes de vários movimentos. Isso ocorreu por causa da

forma nova do FSM de 2005, onde todas as atividades foram desenvolvidas pelos movimentos e entidades que participaram, inclusive as atividades maiores que antes eram organizadas pelo CI. Observando os dados fornecidos pelo “Histórico do Processo FSM” de 2006, no total, foram 155 mil participantes cadastrados, sendo 35 mil integrantes do Acampamento da Juventude e 6.823 comunicadores. Cerca de 6.872 organizações de 151 países estiveram envolvidas em 2.500 atividades. 500 mil pessoas circularam no território onde ocorreram os eventos do FSM, de acordo com estimativas da Brigada Militar. Diante de tal magnitude fica difícil ter uma visão geral de um evento com diversas atividades sendo exercidas ao mesmo tempo dentro de cada espaço temático. Estive presente na maioria das vezes na Tenda da Reforma Urbana dentro do espaço H “Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e integração dos povos”, porque o movimento social do qual participei, a Central de Movimentos Populares (CMP) está ligado mais estreitamente a movimentos sociais urbanos e de luta por moradia. Um dos problemas que um evento desses proporciona está na impossibilidade de se acompanhar todo o processo ou de ter pelo menos uma idéia dos outros eventos que acontecem simultaneamente, isso pode ocasionar uma “setorização” dos movimentos que participam do Fórum. Muitas pessoas passaram a semana inteira participando somente do que o seu eixo proporcionava em termos de discussões, sem compartilhar e articular com outros movimentos ou entidades. Mas a liberdade dada aos movimentos e entidades em organizarem as discussões foi tanta que muitos movimentos aproveitaram para realizar suas assembléias, definir calendários de atividades e chamar reuniões, sem que isso estivesse nas atividades do programa distribuído oficialmente.

Com um Fórum Social Mundial mais horizontal, a partir de 2005, a sua estrutura passou a ter um controle maior das organizações proporcionando uma maior transparência. Esse modelo foi seguido nos fóruns seguintes, mostrando uma maior eficiência, principalmente no trabalho de integração e co-responsabilidade entre as diversas entidades que participantes.

Segundo Santos (2005), a relação de forças entre o SI/CO e o CI se estabilizou originando uma complementaridade funcional na medida em que o CI começou a ser mais operacional:

Entre 2001 e 2003, o que ocorreu não foi propriamente uma luta pelo protagonismo entre o SI e o CI, mas o facto de o SI ter um protagonismo inevitável dada a falta de operacionalidade do CI. Ora, na reunião de Miami tomaram-se medidas para aumentar a operacionalidade do CI. Assim que esse processo ficou pronto, começou a ser evidente a complementaridade funcional, em vez da rivalidade política ou funcional entre o SI e o CI". (id. *ibid.*, p. 48).

Porém, a complementaridade que Santos diz é meramente burocrática e a estrutura do FSM ainda é instável o suficiente para se tirar conclusões de que isso vai impedir a prevalência ou o surgimento de conflitos internos, sejam eles políticos ou funcionais. Quando o espaço aberto se torna permanente, ele abre as portas também para o conflito político e a luta pelo poder. Dessa forma, é difícil imaginar que, com tal tamanho, a estrutura do Fórum evite a luta por poder, como afirma Vargas (2003):

Sin embargo, con su propio éxito y crecimiento han venido también los desencuentros y dificultades. Y es que un espacio-proceso de tal envergadura sería impensable –salvo idealización – sin tensiones, búsquedas diferentes, desconciertos, dinámicas de poder. (VARGAS, 2003)

As tensões e lutas por poder não são reconhecidas pela Carta de princípios que num momento diz que o FSM é um “espaço aberto”, e no outro mostra que o Fórum, “... não se constitui portanto (*sic*) em instancia de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros”. O Fórum como um espaço onde não existe luta por poder se tornou não só um ideário, mas uma formação ideológica que não permite o reconhecimento da “luta pelo poder” nas instâncias do FSM. Segundo Teivainen (2004), existem no Fórum, elementos de despolitização que implicam no bloqueio de procedimentos mais democráticos e transparentes e um desses elementos é a formação ideológica da leitura do fórum como um espaço aberto onde não entram relações de poder:

Pretending that there are no relations of power that should be made visible within the WSF process is the most harmful of these depoliticizing elements. Even if it is often presented as "not a locus of power", "not an organization", and "only a neutral space", the WSF does have relations of power. (TEIVAINEN, 2004).

Segundo Teivainen, essa formação ideológica é uma “dissimulação” que está na Carta de Princípios norteando todos os demais Fóruns. Portanto é uma pretensão na medida em que não assume a condição de um espaço de poder. Mas tratar isso como um simples fingimento seria leviano demais. O que pode ser considerado “dissimulação” está além disso, porque estabelece um espaço de contra-poder/antipoder na medida que nega o poder. A negação é a do poder tradicional, da luta pela hegemonia. O que acontece no espaço do Fórum não é simplesmente uma luta por poder tradicional, porque ele se constitui num processo onde as hierarquias para acomodação do poder são relativas e horizontais. A luta pelo poder é de outro tipo, é uma luta de instâncias que são compostas por movimentos sociais internacionais que buscam um maior protagonismo no processo. É uma luta por representatividade, por democracia e por transparência. As relações de poder e hierarquia são partes da construção de um espaço de contra-poder que nega os poderes tradicionais, mas não nega a construção de um espaço de luta e articulação por outro tipo de poder. A “dissimulação” é na verdade uma formação ideológica, produto da ambigüidade que se dá no processo de institucionalização do Fórum. O discurso, dessa forma, nega o poder, mas a ação afirma a construção de um *poder contra-hegemônico* juntamente com seus espaços de disputa e conflitos. Dessa forma, os efeitos de sentidos que se produzem negam o “poder tradicional” e afirmam uma outra forma de poder. Portanto, o fingimento não é somente negativo como mostra Teivainen, mas é fruto do próprio processo de tensão na construção do FSM, é um fingimento que afirma um processo e nega outro, é um fingimento que constitui e que está agregado à ação e ao discurso. Portanto, é o limiar entre um espaço-público de antipoder e um espaço-público de contra-poder.

O poder não pode ser pensado apenas como uma característica negativa e opressiva de se exercer o controle sobre uma instituição. Ele mantém a existência do espaço público do Fórum Social Mundial como um local onde a pluralidade dos movimentos sociais se manifesta através das palavras e das ações porque:

O poder é sempre, como diríamos hoje, um potencial de poder, não uma entidade imutável, mensurável e confiável como a força. Enquanto a força é uma qualidade natural de um indivíduo isolado, o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam. (ARENDR, 1997, p. 212).

O Fórum Social Mundial constrói outros tipos de relações de poder, e conseqüentemente a luta pela “predominância política” entre as instâncias do FSM, é por outro tipo de poder. A negação das formas tradicionais de poder conduz a novas perspectivas e, a

um poder que se constitui conforme a pluralidade dos movimentos sociais. O poder que emana da pluralidade não se dispersa mantendo, assim a forma de processo, pois para Arendt, “O que mantém unidas as pessoas depois que passa o momento fugaz da ação (aquilo que hoje chamamos de ‘organização’) e o que elas, por sua vez, mantêm vivo ao permanecerem unidas é o poder”. (id. *ibid.*, p. 213).

Esse poder dá coerência aos sentidos e, operacionalidade às ações. É um poder que se manifesta pela negação das formas de poder tradicionais que se exercem homogeneamente, portanto constrói na pluralidade o princípio de uma democracia agregada na ação, pois:

[...] o poder, como a ação, é ilimitado; ao contrário da força, não encontra limitação física na natureza humana, na existência corpórea do homem. Sua única limitação é a existência de outras pessoas, limitação que não é acidental, pois o poder humano corresponde, antes de mais nada, à condição humana da pluralidade. (ARENDDT, *loc. cit.*).

A pluralidade é a condição humana que possibilita a construção do FSM e o poder só pode ser pensado se comparado com a potencialidade que existe no discurso e na ação dos movimentos sociais que compõem o Fórum. Os conflitos que nascem no seio do FSM são frutos das disputas que envolvem a pluralidade. A disputa entre o Conselho Internacional e o Comitê Organizador/Secretariado Internacional, é uma luta por uma maior representação da pluralidade. Os conflitos pelo poder que emana do FSM têm um cunho diferente dos conflitos pelo poder tradicional. Portanto, o FSM não é isento de poder, se formos pensar no poder como parte de uma nova forma de democracia, tampouco o Fórum pode ser considerado um reduto de poder tradicional, homogêneo e altamente hierarquizado. Esse poder contra-hegemônico que nasce no FSM é fruto do discurso e da ação, pois para Arendt a ação significa tomar iniciativa, imprimir movimento e:

De qualquer modo, desacompanhada do discurso, a ação perderia não só o seu caráter revelador como, e pelo mesmo motivo, o seu sujeito, por assim dizer [...] Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator [...] A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras [...] (id. *ibid.*, p. 191).

A ação e o discurso estão ligados intrinsecamente à condição humana da pluralidade que gera o processo intersubjetivo da ação comunicativa. O reconhecimento mú-

tuo da diferença propicia uma igualdade radical: “Na ação comunicativa os indivíduos aparecem ativamente como seres únicos, revelando-se em sua subjetividade. Ao mesmo tempo, devem reconhecer-se reciprocamente como seres responsáveis, isto é, capazes de entendimento intersubjetivo [...]” (HABERMAS, 2001, op. cit. p. 104).

O caráter inovador da ação torna-a frágil e intangível, visto que esse fenômeno só pode ocorrer no espaço do FSM. O espaço que é formado protege as estruturas intersubjetivas contra deformações: “nenhuma liderança política pode substituir impunemente o poder pela violência; e só pode obter o poder através de um espaço público (Oeffentlichkeit) não-deformado.” (id. *ibid*, p. 105).

Somente no espaço público a ação e o discurso podem se manifestar plenamente. O espaço que se forma no FSM não está ligado a um local, e sim, aos movimentos sociais, entidades e as pessoas que o compõem. A busca pelo “processo permanente” se concretiza na fundação do FSM, pois somente assim, a fragilidade da ação, dos protestos e manifestações, pode se concretizar. A partir disso se constrói uma *polis internacional*, onde sua função é permitir que os homens façam permanentemente, aquilo que era possível somente de modo extraordinário e infreqüente. A ação comunicativa produz uma rede de relações intersubjetivas que transforma o espaço do FSM num processo permanente constituído duplamente pela ação e discurso:

A rigor, a polis não é a cidade-estado em sua localização física; é a organização da comunidade que resulta do agir e falar em conjunto, e o seu verdadeiro espaço situa-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam. ‘Onde quer que vás, serás uma polis’: estas famosas palavras não só vieram a ser a senha da colonização grega, mas exprimiam a convicção de que a ação e o discurso criam entre as partes um espaço capaz de situar-se adequadamente em qualquer tempo e lugar”. (ARENDDT, 1997 op. cit., p. 211)

O espaço do Fórum suscita a possibilidade de falar e ser ouvido sem estar sujeito a uma autoridade maior arbitrária, assim ele leva ao extremo a possibilidade de se realizar fora de uma localização específica situando-se além do tempo e do espaço. O FSM consegue realizar seu processo, instituir suas instâncias, organizar seus eventos a partir de uma rede intersubjetiva de ações em âmbito internacional. Assim o efeito universal do Fórum cria a *cidadania global*, que se exerce dentro de uma *sociedade civil internacional* e possibilita a construção de um *espaço público internacional alternativo*. A cidadania global se compõe de uma heterogeneidade constitutiva na esfera internacional, e segundo Vargas (2006), ela é

formada a partir das lutas por direitos que conforme as dinâmicas do processo de globalização se inserem em espaços onde ultrapassa o estado-nação tradicional:

Este particular orden espacial y temporal de experiencias, según Falk, da un contenido específico a la naturaleza de la ciudadanía, abriendo nuevos contenidos, multiplicando derechos antes no considerados ni en los horizontes referenciales nacionales, y que van mas allá de los límites del estado-nación. (VARGAS, 2006).

A *ciudadania global* é um conceito novo que nasce com a globalização e que, por isso mesmo, tem muitas contradições, ao mesmo tempo em que as relações de poder e hierarquia no sistema global provocam exclusões sociais ela, “[...]también abre la posibilidad que los grupos excluidos, subordinados, de ciudadanía restringidas, se organicen a nivel transnacional en defensa de sus intereses” (VARGAS, id. ibid.). Dessa forma, a intersubjetividade decorrente do discurso e da ação é possível às margens do sistema capitalista, o Fórum é assim organizado nas brechas que o sistema abre e que possibilita essa articulação.

Vargas (2006) defende que a atuação da cidadania global tem dois lados, pois ela pode ser exercida nos espaços transnacionais oficiais (ONU, OMC, Fórum Econômico Mundial, etc.), como pode ocorrer decorrente da ação em rede dos movimentos sociais que surgem nos espaços transnacionais:

Dos vertientes alimentan el impulso a la formación de ciudadanía globales actuando desde sociedades civiles globales. La vertiente de los espacios transnacionales oficiales, a nivel político y la vertiente alimentada por la acción de los movimientos sociales de perspectiva global. Ambas vertientes corren paralelas, pero con permanentes puntos de intersección, de coincidencia y de "disputa" contestataria, no solo por obedecer a diferentes lógicas y dinámicas de actuación sino también por las perspectivas e intereses diferenciados de las que se parte. (VARGAS, id. Ibid.)

Vargas (2006), defende que existe uma normatividade internacional que é baseada nos Direitos Humanos e que, segundo a autora, é a grande baliza que possibilita a construção da cidadania global:

Los derechos humanos, sustento y muchas veces expresión de los derechos ciudadanos, han pasado a ser uno de los ejes más significativos en este espacio de sociedad civil global. Y es alrededor de ellos que se ha ido generando una nueva institucionalidad global, que permite el uso complementario de la ley internacional de derechos humanos en relación a violaciones que no logran sanción en los espacios nacionales [...] Pero también el reconocimiento de la existencia de derechos humanos fuera del ámbito estatal es otra de las posibilidades que legitima la ciudadanía global. Por ejemplo, el interés de Amnesty International de asumir no solo la defensa de los derechos humanos violados por los estados sino también las violaciones que ocurren dentro de la sociedad - por ejemplo, por parte de los grupos terroristas - es una muestra de ello. (VARGAS, 2006 op. cit.).

O Fórum Social Mundial é constituído e fortalecido pela trama de ações que são desencadeadas pela cidadania global formada pelos movimentos sociais. O processo permanente que dá início à institucionalização do Fórum é feito por esse fluxo de ações internacionais decorrentes dos assuntos globais. A *sociedade civil internacional* é, portanto, constituída pela ação em conjunto dos movimentos sociais no nível mundial, mas para Vargas ela também é constituída por forças repressoras:

Esta esfera no es por si misma democrática, ni todos los movimientos sociales actuando en esta esfera son de signo democrático [...] La sociedad civil global no es un paraíso no territorial de libertad, igualdad, solidaridad, cuidado ecológico y tolerancia política, dice Waterman. Pero si puede ser un espacio privilegiado para la superación de estructuras, procesos, ideologías capitalistas, estatistas y tecnocracias. Por ello mismo, debe mas bien ser concebida como un hábitat a ser continuamente y conjuntamente construido. (VARGAS, id. ibid.)

A sociedade civil internacional, que é a base do FSM, é formada por entidades e movimentos sociais contra-hegemônicos, mas isso não implica que o conceito de sociedade civil internacional seja cunhado apenas por esses movimentos. O *espaço público internacional alternativo* se origina da ação comunicativa que é fruto da ação e do discurso dos movimentos sociais contra-hegemônicos é, portanto, uma ação específica, não-oficial, que se estabelece às margens do sistema, construindo ali, o seu espaço de articulação que é o FSM. Mesmo a ação comunicativa sendo obstruída na vida cotidiana pela razão instrumental pode vir à tona, pois se torna uma possibilidade inscrita dentro de um processo histórico, assim para Habermas a transformação acontece dentro dessa realidade abrindo frestas dentro de sua estrutura: "A utopia realizada é a posse do instante [...] Mas para Habermas a posse do instante

não está prefigurada no Ser: ela é uma conquista, e essa conquista exige a ação imediata [...]”. (FREITAG; ROUANET, 2001, p. 56). Assim, o processo que produz os discursos do Fórum Social Mundial, é comunicativo e intersubjetivo porque mesmo não estando numa realidade livre da distorção das palavras, ele se funda nas frestas de sua estrutura como um movimento crítico e antagônico à ideologia dominante, produzindo um espaço público sem local, sem rosto e indeterminado, mas que conquista sua força no caráter intangível da ação e do discurso.

Estes conceitos novos que surgem e que são radicalizados com a concretização do FSM precisam ser aprofundados, principalmente porque dizem respeito à renomeação de conceitos que foram cunhados no âmbito do Estado-Nação. Falar em cidadania, sociedade civil e espaço público se referindo apenas à ação e ao discurso como suporte de um lado, e os Direitos Humanos e sociais transnacionais como suporte de outro lado, ainda deixa algumas interrogações que só serão respondidas no decorrer do tempo e das experiências e alternativas concretizadas no decorrer desse processo. A construção das alternativas e a possibilidade de sua concretização formam a base do potencial utópico e inovador do Fórum.

#### **4.4 SOBRE ALTERNATIVAS, UTOPIA E DOCUMENTO FINAL**

As alternativas formam um dos pilares do FSM e impulsionam o processo internacional na trama das relações intersubjetivas tecendo a rede que forma o seu processo. A Carta de Princípios exprime duas condições para nortear a elaboração de alternativas, a primeira delas é a recusa das propostas, elaboradas no Fórum, serem expressas num documento final: “Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes” (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM, 2001). A “não-deliberação” tem a finalidade de não se homogeneizar as deliberações de toda a pluralidade dos movimentos sociais que é construída no Fórum e as suas articulações. A segunda condição é baseada na possibilidade dos movimentos sociais elaborarem alternativas e divulgá-las evitando que o Fórum expresse a vontade de todos num documento que homogeneizaria todas as propostas e articulações:

Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido. (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FSM, 2001).

A possibilidade de deliberar fica assim atribuída aos movimentos sociais que participam do Fórum, tendo assim liberdade para elaborar documentos, declarações e de se mobilizarem. As objeções a forma do documento final são muitas, mas podem ser resumidas em dois pontos, o primeiro mostra que isso poderia acarretar num ideologia desmobilizadora que poderia tentar “unificar a diversidade” e engessar a pluralidade, o segundo ponto diz respeito a impossibilidade de se fazer um documento final democraticamente respeitando a pluralidade dos movimentos que se manifestam no Fórum. Dessa forma, segundo Whitaker:

É o caminho mais curto e mais rápido para se começar a imposição de um novo “pensamento único”, substitutivo daquele que contestamos e daqueles que já nos foram impostos em tempos que terminaram [...] já seria impensável que um documento final pudesse ser elaborado com a participação de todos – sua discussão ocuparia, sem resultados, todo o tempo de duração dos Fóruns. (WHITAKER, 2005, op. cit., p. 68).

Esse é um dos pontos mais controversos do Fórum, é aí que se encontram os principais ataques mostrando-o como um movimento que não produz práticas efetivas. O FSM é assim visto como um lugar sem rosto, que produz centenas de propostas e mobilizações, além de ser o local para a articulação. Como um lugar sem rosto o fórum radicaliza a democracia mantendo a pluralidade dos movimentos sociais. Mas o lugar vazio que se estabelece não elimina a condição do Fórum ser reconhecido como um autor e um ator político. O Fórum produz discurso e mobiliza ações através de suas instâncias que ao mesmo tempo assumem também o papel de representação. Enquanto evento, ele serve como espaço para as articulações e ações dos movimentos que dele participam. Enquanto processo, ele necessita da operacionalidade das suas instâncias que, para tal, atuam e falam em nome do Fórum. Esse fluxo se dá num movimento contínuo no qual não é percebido pelos que criticam, quanto pelos que defendem a negação da deliberação e do documento final.

Essa posição coloca o Fórum numa tensão que extrapola os seus próprios limites. Desde o seu início o FSM tem sido questionado com relação a sua eficácia, e em grande medida é a partir de suas propostas que ele é avaliado. A estrutura interna do Fórum não permite que se tenha um posicionamento unidirecional e abre espaço para a pluralidade de mobilizações e propostas. A horizontalidade nas relações que se estabelecem no Fórum e a sua experiência democrática amplia o alcance das mobilizações através da rede que se estrutura na ação desses movimentos, o que resulta em milhares de ações, na qual cada uma se complementa. O caráter amplo das ações não evidencia a força de um movimento centralizado e com ações centralizadas, mas de uma rede de ações sem centro e sem uma direção exclusiva que se propaga e se expande pelo mundo. A impossibilidade de construir documentos finais não impediu que se houvesse tentativas de se contrariar tal princípio básico do Fórum:

Não foram outras, de fato, a origem e a motivação da “Assembléia dos Movimentos Sociais”, que ao final da primeira edição do Fórum em Porto Alegre lançou seu primeiro “apelo á mobilização”, e vem reapresentando “apelos” a cada edição mundial ou regional do Fórum. (WHITAKER, 2005, op. cit, p. 139).

A Assembléia dos Movimentos Sociais é realizada sempre no dia final do Fórum dando uma impressão de documento final a seus apelos. Essas iniciativas se somam a muitas outras, o que torna esse documento final, apenas uma parte de vários outros documentos finais. O princípio da não-deliberação é questionado desde o primeiro Fórum, por entidades e movimentos que querem enquadrar o Fórum como um “movimento dos movimentos”. O Manifesto de Porto Alegre, assinado por 19 intelectuais<sup>11</sup> e publicado no final do Fórum de 2005, foi talvez a mais audaciosa intenção de se produzir um documento final do Fórum generalizando assim diversas propostas que foram debatidas no evento. Isso evidencia o caráter conflituoso da não-deliberação e da ausência de um documento final. Os sentidos do Manifesto de Porto Alegre mostram que o documento “não fala” em nome do Fórum: “Nós, signatários do ‘Manifesto de Porto Alegre’, que nos exprimimos a título estritamente pessoal, sem pretender, de modo algum, falar em nome do Fórum [...] (MANIFESTO DE PORTO ALEGRE, 2005)”. Apesar de não falar em nome do Fórum, o manifesto questiona o princípio básico da

<sup>11</sup> Os intelectuais signatários são esses: Adolfo Pérez Esquivel, Aminata Traoré, Armand Matellar, Atilio Boron, Bernard Cassen, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Galeano, Emir Sader, François Houtart, Frei Betto, Ignacio Ramonet, Immanuel Wallerstein, José Saramago, Ricardo Petrella, Roberto Sávio, Samir Amin, Samuel Luis Garcia, Tariq Ali e Walden Bello. (MANIFESTO DE PORTO ALEGRE, 2005).

não-deliberação presente na Carta de Princípios:

Entre as inumeráveis propostas que têm saído dos fóruns, um grande número delas conta sem dúvida com um amplo apoio junto aos movimentos sociais [...] identificamos doze destas propostas que, em conjunto, dão sentido à construção de outro mundo possível. Se fossem aplicadas, permitiriam que a cidadania começasse por fim a reapropriar-se de seu futuro. (id. *ibid.*).

O efeito de sentido homogeneiza as propostas elaboradas no Fórum, porque somente “em conjunto” se dá o “sentido” da “construção de outro mundo”. E a centralidade fica mais explícita quando se mostra que, somente aplicadas em conjunto, seria possível a cidadania “reapropriar-se de seu futuro”. O sentido de “reapropriar-se” remonta a um questionamento profundo que é feito com relação à eficácia das alternativas propostas no Fórum. A cidadania vai reapropriar-se do seu futuro somente quando entender as propostas inscritas no manifesto e começar aplicá-las. Reapropriar indica a denegação de apropriar que pode significar “tomar posse” ou “apossar-se” o que tem uma ligação com o significado de propriedade. O fato dos 19 intelectuais usarem esse termo produz um novo deslizamento de sentido quando confrontamos a palavra com as doze propostas “identificadas”. Nesse caso a frase, “identificamos doze destas propostas” pelo processo de paráfrase pode significar, “tomamos posse de doze destas propostas”, “nos apossamos de doze destas propostas”, “nos apropriamos de doze destas propostas”. Esses sentidos só podem ser construídos através do interdiscurso que evidencia o fenômeno da apropriação, porque a autoria do manifesto está nas mãos de 19 intelectuais, que “identificam” no Fórum 12 propostas “essenciais” para a construção de outro mundo possível. A tomada de posse das alternativas pelos intelectuais é um equívoco, um erro no discurso que pretendia não falar em nome do Fórum, ou seja, não tomar uma posição arbitrária frente a diversidade de movimentos sociais e entidades que formam o conjunto dessa rede. Nesse aspecto, os intelectuais reconhecem a posição arbitrária quando no parágrafo seguinte eles dizem:

Submetemos estes pontos fundamentais à apreciação dos atores e movimentos sociais de todos os países. São eles que, em todos os níveis - mundial, continental, nacional e local - poderão levar adiante os combates necessários para que se transformem em realidade. (MANIFESTO DE PORTO ALEGRE, 2005).

O manifesto funciona como um apelo à mobilização pelas 12 propostas “identificadas” pelos intelectuais. E este documento é submetido a um julgamento por parte dos movimentos sociais. Os signatários evidenciam, dessa forma não só a apropriação das alternativas, mas a apropriação do campo da fala desses movimentos, pois exprimem e assinam um documento, com propostas *dos* movimentos sociais, e que só podem ser levadas adiante *pelos* movimentos sociais. Por isso, o pedido de julgamento e o apelo à mobilização.

A repercussão do lançamento do Manifesto de Porto Alegre foi grande e a divergência entre os autores e os membros do Conselho Internacional foi visível, como noticiou Weissheimer:

A iniciativa de lançar o Manifesto de Porto Alegre causou um certo desconforto entre alguns integrantes do Conselho Internacional, pelo fato dela não ter sido discutida previamente nesta instância [...] Para um dos signatários do Manifesto de Porto Alegre, o sociólogo Emir Sader, a iniciativa pretende preencher um vazio diante da enorme multiplicidade de temas debatidos no FSM e de um certo risco de fragmentação das lutas correspondentes. (WEISSHEIMER, Agência Carta Maior, 2005).

O efeito midiático que assumiu o manifesto e a conseqüente reação do Conselho Internacional, sustentam os sentidos de que ele tem a intenção de ser um documento final e de que os intelectuais expressam opiniões em nome do Fórum. O manifesto é um documento que centraliza as propostas elaboradas pelos movimentos sociais, que na edição de 2005 teve 306 propostas apresentadas, o que se deve a uma crescente sistematização feita pelo FSM no intuito de torná-las mais visíveis e objetivas. As alternativas foram divididas em temas correspondentes aos eixos temáticos onde foram elaboradas e isso facilitou sua articulação e elaboração. A eficácia das propostas feitas pelos movimentos sociais é questionada no Manifesto de Porto Alegre num dos Fóruns que teve um maior planejamento na construção de uma planilha de ações e de sua divulgação. Dessa forma, podemos comparar as propostas feitas no Fórum com as propostas elaboradas pelo grupo de intelectuais. De um lado temos as propostas dos movimentos sociais articuladas de maneira horizontal na pluralidade e de outro, a sistematização centralizada feita por um grupo de intelectuais. Para tal, separamos o eixo intitulado “Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e a integração dos povos” que tem 20 propostas, para comparar com as propostas originárias no Manifesto de Porto Alegre que correspondem a este tema.

As propostas elaboradas no âmbito do Fórum Social Mundial de 2005 são sistematizadas dessa forma: objetivo da ação proposta; ação para realizar esse objetivo; nome da entidade proponente; nome da atividade do FSM 2005 que foi apresentada; âmbito da ação; palavras-chave; parcerias; e e-mail. Todas essas categorias são preenchidas pelo movimento ou articulação de movimentos que participou de alguma atividade do FSM. Dentro das 20 propostas apresentadas no eixo “Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e a integração dos povos”, quatro destas foram selecionadas pelo critério da amplitude mundial. A primeira tem o título, “Herramientas deliberativas para una participación de calidad”, é organizada pela entidade “Nova Centro para La Innovación Social”, e diz respeito à construção de ferramentas que facilitem a participação deliberativa assegurando uma real intervenção nas reuniões ou em fóruns pela internet:

### **Herramientas deliberativas para una participación de calidad**

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Dotarse de herramientas que faciliten la concreción de una participación deliberativa que asegure una real intervención de todos los participantes para dar sus pros y contras sobre los temas a tratar en las reuniones o en los foros por internet.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Dar a conocer y someter a evaluación diversos sistemas de participación para reuniones y por internet que se estan implantando.
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Nova, Centro para la Innovación Social
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Por una participación ciudadana de calidad
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	participación, deliberación, calidad, evaluación
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Organizaciones que desarrollan o usan sistemas de participación para mejorar la calidad de las reuniones seminarios, encuentros.. foros internet... que quieran compartir y evaluar sus experiencias.
<b>E-mail</b>	martí (@) novacis.org

A segunda tem o título “Let us create a World Parliament here and now!”, proposto pelas entidades Associação Beneficente para o Menor e The World Parliament Experiment, e tem a intenção de fazer ações para que seja criado a, longo prazo, um Parlamento Mundial efetivo para a criação de leis internacionais e, a curto prazo, a composição de um Parlamento Mundial alternativo e provisório com a finalidade de incutir uma pressão moral nos responsáveis pelas decisões mundiais:

### Let us create a World Parliament here and now!

<b>Objetivo da ação proposta</b>	In the long run: the creation of a world parliament elected by the people (based on one person, one vote) that is the most important institution for the creation of international law.  In the short run: the creation of a provisional world parliament that creates moral pressure on decision makers.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Creation of symbolic world parliaments in real life or on the internet site of the World Parliament Experiment: <a href="http://www.world-parliament.org">www.world-parliament.org</a> . Processes can be both direct and representative through delegated voting, that means you decide whether you want to be represented or represent yourself. Basic principles is that everybody can change anything at anytime, if there is enough support. So if you do not like any aspect of the project make a proposal to change that aspect! Elected representatives will introduce the results to the political process as claims to decision-makers. The core (sic) people support it, the more powerful it will be.
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Associação Beneficente (sic) para o Menor; The World Parliament Experiment
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Let us create a World Parliament here and now! Closing Session
<b>Âmbito da ação</b>	Global
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Global Governance
<b>Que outras parcerias existirão</b>	With all organizations that support the Coalition for a World Parliament and World Democracy or similar organization
<b>E-mail</b>	team (@) world-parliament.org

A terceira proposta se chama Plebiscito Universal, é organizada pelas entidades Centro Interdisciplinar de Saúde Mental; IPF – Instituto Psiquiátrico Forense; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem o intuito de conhecer a opinião da Humanidade sobre questões polêmicas universais:

## Plebiscito Universal

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Conhecer a posição da Humanidade sobre questões de grande abrangência e importância. Um exemplo de questão a ser proposta pode ser a taxaço internacional sobre a produção e comercialização de armamentos para gerar recursos para erradicar a fome; outro exemplo, saber o que pensa o conjunto dos seres humanos sobre a desativação do arsenal nuclear em todo o mundo.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	<p>Pesquisa de Opinião no Fórum Social Mundial: realizada para saber o que pensavam os participantes sobre a questão. 95 % das pessoas pesquisadas (mais de 1500 pessoas, de 25 países) aprovou a idéia de plebiscitos de abrangência universal.</p> <p>Apresentação da proposta em conferências-chaves do Fórum: realizada para conhecer a opinião de pensadores e idealizadores do Fórum. Bem acolhida por pessoas como Boaventura S. Santos, Oded Grajew, Manuel Castels e Gilberto Gil. O Ministro não só deu seu apoio como colocou seu ministério à disposição para auxiliar a idéia</p> <p>Desenvolvimento de software livre e página de informática</p> <p>Articulação com a organização do Fórum para realizar um novo estudo de plebiscito, de maior porte, para consultar a opinião da Humanidade sobre a idéia de plebiscito</p>
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Centro Interdisciplinar de Saúde Mental; IPF – Instituto Psiquiátrico Forense; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Pesquisa: Opinião dos Participantes do Fórum Social Mundial quanto à proposta de um Banco de Dados Universal da Humanidade
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Democracia Universal, Plebiscito Universal, Humanidade
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Comitê Organizador do Fórum Social Mundial, ONU, Anistia Internacional
<b>E-mail</b>	rsm (@) via-rs.net

E por último a quarta proposta, “World Democracy Forum”, diz respeito a elaboração de um Fórum Democrático Mundial voltado somente às soluções democráticas dos problemas globais sem protestos:

## World Democracy Forum

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Create a world Forum, like the world Social Forum, but devoted democratic solutions to global problems, not protests
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Forums, Workshops, cultural events, organizing, strategizing
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Coalition for a World Parliament and Global Democracy
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Organizing Toward a World Parliament
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Democracy, global, forum, world
<b>Que outras parcerias existirão</b>	UBUNTU, World Federalist Movement, United Nations Association
<b>E-mail</b>	dickburkhart (@) comcast.net

O Manifesto de Porto Alegre tem uma proposta que se enquadra no tema da construção de uma nova ordem democrática internacional e ela diz respeito à democratização das instâncias internacionais e da Organização das Nações Unidas (ONU):

12) Reformar e democratizar em profundidade as organizações internacionais, entre elas a ONU, fazendo prevalecer nelas os direitos humanos, econômicos, sociais e culturais, em concordância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso implica a incorporação do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da OMC ao sistema das Nações Unidas. Caso persistam as violações do direito internacional por parte dos Estados Unidos, transferir a sede da ONU de Nova York para outro país, preferencialmente do Sul. (Manifesto de Porto Alegre, 2005).

A primeira proposta elaborada pelo movimento Nova, Centro para la Innovación Social enfatiza a construção de ferramentas que facilitem a construção de consensos nas reuniões, assembléias, ou pela internet. Tem um caráter tecnológico e não político, e por isso ajuda como suporte para a construção de consensos, é uma proposta de cunho específico e utilitário.

A proposta que diz respeito à criação de um Parlamento Mundial é de ação política e busca uma ampla mobilização de movimentos sociais para se concretizar. O princípio norteador dessa proposta é a construção efetiva de um Parlamento Mundial, mas como isso é uma alternativa de longo prazo, a proposta gira em torno da criação de um Parlamento Mundial que funcionaria simbolicamente e pela internet, na qual qualquer pessoa pode ter acesso e escolher entre ser representada ou representar a si mesmo. Essa proposta tem um caráter educativo e simbólico, mas permite, porém, que as decisões tomadas no Parlamento Virtual, sejam encaminhadas ao processo político real como reivindicações com embasamento democrático. Essa proposta tem uma sustentação prática maior porque almeja uma construção contínua.

O Plebiscito Universal surge como uma alternativa mais ambiciosa mundialmente e uma possibilidade prática. Essa proposta se baseia no princípio de se conhecer a posição da Humanidade sobre questões mundiais. As ações para a realização desse objetivo são bem claras e a principal delas é a criação de um software específico para o plebiscito. Essa proposta tem uma amplitude considerável e aí pode residir sua dificuldade. A proposta de criar um Fórum Democrático Mundial ao estilo do FSM com a diferença de estar voltado às soluções democráticas globais, tem a facilidade de ter à disposição as experiências práticas do FSM, as ações são mais realistas e o fato que chama a atenção é a coalizão com o Parlamento Mundial, formando uma estrutura concisa.

A proposta indicada no Manifesto de Porto Alegre tem um caráter ousado, pois trata da democratização da Organização das Nações Unidas e a incorporação do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio à própria

estrutura da ONU e a possibilidade de transferir a sede da ONU para um país do Sul. A democratização das instâncias internacionais que já tem um funcionamento próprio é operacional, mas implica em transformações que se dão com a tomada de um poder transnacional que está atrelado às condições dos Estados-Nação. As ações para se conseguir tal objetivo são hipotéticas, pois não existem e como o próprio manifesto afirma, precisam da “apreciação dos atores”, porque os intelectuais por mais que sejam militantes, têm limites com relação à ação quando atuam como intelectuais. A ação indicada pelo Manifesto de Porto Alegre sugere uma concepção de poder de cima para baixo, aproximando-se de uma concepção tradicional de organização política onde existem os que mandam e os que obedecem.

Segundo Weissheimer, o conflito estabelecido entre a questão do documento final e da não-diretividade se deu entre duas correntes dentro do próprio Fórum que correspondem a visões diferentes sobre a atuação do Fórum com relação ao poder político:

Os conceitos de sociedade civil e de poder político estão no centro das divergências. Em linhas gerais, há duas concepções. Uma que quer manter o FSM nos limites da sociedade civil e que desconfia das pretensões de setores mais ligados a partidos políticos [...] A outra sustenta que o espaço da sociedade civil é importante mas insuficiente para a construção de um outro modelo de globalização. (WEISSHEIMER, Agência Carta Maior, 2005).

Essa contradição existe desde o primeiro Fórum, e é fruto da tensão entre contra-poder e antipoder. O primeiro lado sustenta a novidade de uma concepção radical de democracia onde não existe centro, rosto, líder etc., mas que é coesa e articulada numa rede de forma horizontal contestando assim os poderes tradicionais. O segundo lado acredita que o Fórum pensado sem uma centralidade objetiva vira meramente uma “festa” onde não se produzem ações efetivas. Os movimentos que apóiam o segundo grupo não conseguiram até agora exercer pressão suficiente para transformar o Fórum num “movimento dos movimentos”. Talvez a tarefa de achar um consenso unificador seja difícil de ser alcançada sem que seja ferido o princípio da pluralidade e conseqüentemente o de uma democracia radical.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação dos discursos produzidos pelo Fórum Social Mundial possibilitou a identificação de tensões decorrentes do processo de institucionalização de uma novidade política. A análise dos discursos produzida por essa novidade exigiu que se construísse uma ponte entre o discurso e a ação. Esses dois princípios emergiram na presente pesquisa como uma tensão racional ainda não resolvida pelas Ciências Sociais e principalmente pela Ciência Política. Dessa forma, tentamos traçar alguns fundamentos, mostrando que a tensão em si pode ser positiva, pois ambos os princípios são complementares e produzem conceitos que ajudam a interpretar a ação através do discurso e o discurso através da ação. O FSM, dessa forma, foi um objeto que chamou a si esses conceitos reformulando-os e reordenando-os. Traçamos assim, uma linha na qual a Análise do Discurso exerceu papel fundamental se articulando com a teoria da ação oriunda principalmente de Arendt e Habermas. O resultado objetivo de tal relação é a construção de um espaço público alicerçado numa democracia radical. A possibilidade de se juntar conceitos como interdiscurso, intersubjetividade, pluralidade, formação discursiva, ação comunicativa entre outros, emergiu no momento da análise e abriu espaço para o entendimento do Fórum como fruto de várias tensões. E a análise dessas tensões instalou novos objetos para a Ciência Política, como os conceitos de *sociedade civil internacional*, *cidadania global* e *espaço público internacional alternativo*, que por não constituírem temas centrais deste trabalho, podem ser objeto de discussão futura.

A primeira tensão diz respeito à espontaneidade e institucionalização. O Fórum entendido como espontâneo indica o processo de lutas, articulações e manifestações de vários movimentos sociais no âmbito mundial contra o neoliberalismo. Mostra assim, a emergência de um movimento contra-hegemônico que não é entendido apenas como um movimento, mas como uma rede mundial de movimentos sociais que extrai sua força da fragmentação e da dispersão. Ambos os conceitos são tidos tradicionalmente como fontes desmobilizadoras da ação política, mas dentro da novidade do Fórum surgem como conceitos agregadores e que instituem um novo espaço-tempo de luta contra-hegemônica e anti-capitalista. A espontaneidade está presente na horizontalidade da organização e na pluralidade que possibilitam ações internacionais em rede. A institucionalização se instala quando esse processo pretende ser permanente e busca meios políticos fundando um espaço público para a articulação dos movimentos sociais. A institucionalização é um modo de se perpetuar o processo, mas para isso é necessária a criação de uma instância, de um corpo político.

O Fórum Social Mundial surge no meio dessa tensão, e com a Carta de Princípios formula uma nova constituição que funda o seu espaço através de uma pluralidade radical e negando todos os princípios tradicionais de organização política. Para que esse espaço seja operacional são criadas instâncias dentro do FSM que obedecem aos princípios radicais de democracia originados na espontaneidade. O espaço do FSM não assegura apenas a pluralidade, mas estabelece, desde o princípio, relações de poder que estão nas bases dos conflitos do Fórum. Os conflitos e disputas por poder gerados na tensão entre espontaneidade e institucionalização não são destrutivos, pelo contrário, são constitutivos de um espaço público internacional e, portanto, são frutos de uma democracia radicalmente horizontal.

A radicalidade é expressa na Carta de Princípios e em outros documentos do FSM na *negação* das relações de poder tradicionais. Essa negatividade pode ser classificada em dois tipos, a *negação interna*, na qual as relações de poder tradicionais são evitadas na construção política do Fórum, e a *negação externa*, na qual são negadas todas as formas de opressão, dominação e exclusão do capitalismo. Através das duas negações o Fórum se enquadra como uma alternativa, mostrando os caminhos de uma utopia construída intersubjetivamente na ação e no discurso de uma rede internacional de movimentos sociais. A negatividade é entendida positivamente na construção de um “outro mundo”. O “não” do Fórum se aprofunda na alteridade, a proposição “outro mundo é possível” está na negação, mas também na possibilidade. Só pode existir outro mundo na negação do mundo concreto. A possibilidade é presente e não futuro, por isso está alinhada não somente com a realidade, mas também com a ação, o espaço e o *processo permanente*.

A estrutura que condiciona a *permanência* do FSM é formada pela negatividade do poder, mas essa negatividade que se encontra na Carta de Princípios não consegue evitar a existência de relações de poder e conseqüentemente de conflitos. As instâncias permanentes que são construídas pelo FSM, como o Conselho Internacional, Comitê Organizador e Secretariado Internacional, são objetos de disputas por predominância, representatividade e operacionalidade. Existe, dessa forma, uma tensão entre antipoder e contra-poder. O *antipoder* é visto como o princípio de negação radical das relações de poder que se expressam nos documentos do Fórum, isso possibilita a formação de instâncias políticas alternativas que se moldam na horizontalidade e no respeito à pluralidade. O *contra-poder* está contido nas novas relações de poder que são formadas nas instâncias políticas do FSM. Esse novo tipo de relação é horizontal e alternativo. As relações que se dão na disputa entre (a maior ou menor predominância das) as instâncias do FSM, no decorrer do processo, são um exemplo das disputas

e conflitos existentes, diferentes das organizações verticais, e por isso, passam por outras formas de experiências políticas.

Mas é preciso enxergar além dessa tensão, pois o Fórum como antipoder não nega sempre as relações de poder no âmbito das instâncias internas, mas consegue ser um lugar de negação dos poderes tradicionais por suas ações externas. E o Fórum como um contra-poder, não apenas funda instâncias operacionais, mas radicaliza na forma de funcionamento, moldando um contra-poder mais democrático e horizontal.

Por isso, as alternativas propostas pelo FSM devem ser observadas com outros olhos. Enquanto um espaço público que nega as formas tradicionais de poder, é óbvio que suas propostas de transformação para um outro mundo não se darão no sentido tradicional de eficácia política. Assim, a eficácia política que o Fórum pode ter é mediadora. Ele abre espaço para o aprofundamento da análise da realidade, para a discussão de alternativas, para a experimentação de novas práticas políticas, para a criação de novas iniciativas.

Mas esse aspecto de mediação que o FSM suscita, não é aceito por uma parte dos seus próprios participantes, que o identificam supostamente como uma festa. O Fórum não pode ser considerado como uma mera espetacularização da política, pois sua eficácia está em manter a pluralidade direcionada para a construção de alternativas dentro de um espaço público internacional. Como o Fórum é o lugar onde os movimentos sociais se encontram, se articulam e se mobilizam, a característica de mediação é evidente, mas se fosse somente entendido nesse aspecto o Fórum não seria um processo que ultrapassa tempo e espaço e se concretiza na ação dos movimentos e entidades que o constituem. O Fórum também exerce a função de ator e autor, mobiliza uma estrutura institucional grande e objetiva, possibilita a construção de um espaço público internacional e alternativo, intensifica a formação de uma cidadania global e fortalece a sociedade civil internacional. A rede de relações contra-hegemônicas e intersubjetivas que constitui o Fórum, possibilita a proposição de alternativas que exercem o poder de se situar entre a utopia e a realização prática. A multiplicidade dos atores políticos não é uma característica vaga e efêmera do Fórum, mas sim uma intensificação da sua força política. Transformar a utopia em possibilidade é a característica das propostas que norteiam a construção de um *outro mundo possível*.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro : Graal, 1983.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In.: GENTILI, Pablo; SADER, Emir. (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 9-23.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. RAPOSO, Roberto (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 8ª ed. 1997.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas : Editora da UNICAMP. 1995.

CARTA DE PRINCÍPIOS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. São Paulo, 2001 Disponível em. <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 26 de agosto de 2003.

CASANOVA, Pablo González. Causas de la rebelión en Chiapas. Archivo EZLN, 2001. Disponível em [http://www.ezln.org/archivo/antecedentes/causas\\_de\\_la\\_rebelion\\_en\\_chiapas.htm](http://www.ezln.org/archivo/antecedentes/causas_de_la_rebelion_en_chiapas.htm). Acesso em 10 de Outubro de 2006.

CHESNAIS, François; SERFATI, Claude e UDRY, Charles-André. **L’avenir du “mouvement anti-mondialiste”**. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 03 de maio de 2001.

CI - CARÁTER, RESPONSABILIDADES, COMPOSIÇÃO E FUNCIONAMENTO. São Paulo, 2001. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 23 de abril de 2003.

CI - DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE DACAR. Dacar – Senegal, 2001. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 23 de abril de 2003.

CI - DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre, 2002. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 29 de Julho de 2003.

CI - DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE BARCELONA. Barcelona – Espanha, 2002. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 29 de Julho de 2003.

CI - DOCUMENTO SOBRE A REUNIÃO DE BANGCOC. Bangcoc – Tailândia, 2002. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 29 de Julho de 2003.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo, Unesp/Boitempo, 1997.

FREITAG, Barbara; ROUANET, Sérgio Paulo. Introdução. In. **Habermas**: sociologia. FREITAG, Barbara; ROUANET; Sérgio Paulo (orgs.). São Paulo, Ática, 2001.

GUPTA, Amit Sen; PURKAYASTHA Probir. **World Social Forum**: Adding to the Debate. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>> Acesso em 20 de abril de 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa: Tomo I**: Racionalidad de la acción y racionalidad social. Madrid, Taurus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Habermas**: sociologia. FREITAG, Barbara; ROUANET; Sérgio Paulo (orgs.). São Paulo, Ática, 2001.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**: o significado da revolução hoje. São Paulo, Viramundo/Boitempo, 2003

INGRAM, David. **Habermas e a dialética da razão**. (trad.) BATH, Sérgio. Brasília, UNB, 1994.

LEITE, José Corrêa. **Fórum Social Mundial**: a história de uma invenção política. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

MACEDO, André Duarte de. A dimensão política da filosofia kantiana segundo Hannah Arendt. In: Arendt, Hannah. **Lições sobre a filosofia política de Kant**. André Duarte de Macedo (Trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

MANIFESTO DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre, 2005. Disponível em <[http://www.ceas.com.br/cadernos/cc215\\_m\\_PA.htm](http://www.ceas.com.br/cadernos/cc215_m_PA.htm)>. Acesso em 30 de maio de 2006.

METODOLOGIA DO FSM 2005. Disponível em <[http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id\\_menu=5\\_4&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=5_4&cd_language=1)> Acesso em, 21 de novembro de 2005.

MORAES, Reginaldo C. Corrêa de. **Liberalismo e Neoliberalismo: uma introdução comparativa**. Campinas: Primeira Versão- IFCH/UNICAMP, nov. 1997

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes. 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise e Discurso: princípios e procedimentos**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PAIVA, Rita. O Discurso e a Ação: a volta do ator e a narração como opção metodológica. **Plural: Sociologia**, São Paulo USP n. 6, p. 76-102, 1º sem. 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP. 1995.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3.ed. Campinas : Pontes, 2002.

PORTO ALEGRE CONVOCA PARA AS MOBILIZAÇÕES. Porto Alegre, 2001. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=movsoc2001>> acesso em 19 de abril de 2003.

POSSENTI, Sirio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba : CRIAR, 2002.

PROPOSTA DE MOBILIZAÇÃO: Fórum Social Mundial 2005. São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 21 de novembro de 2005.

REGRAS DE FUNCIONAMENTO DO CI DO FSM. Miami, EUA, 2003. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 30 de abril de 2004.

RESOLUÇÕES DA REUNIÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL. Porto Alegre, 2003. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 29 de julho de 2003.

REUNIÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL NA ITÁLIA. Passignano sul Trasimeno – Itália, 2004. Disponível em. <[http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias\\_01.php?cd\\_news=1019&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=1019&cd_language=1)>. Acesso em 06 de dezembro de 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: HELLER Agnes [et al.]. **A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p. 33-75.

\_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Fórum Social Mundial**: manual de uso. São Paulo, Cortez, 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. O caráter dos novos movimentos sociais. In.: SCHERER-WARREN, Ilse e KRISCKE, Paulo J. (orgs.) **Uma revolução no Cotidiano?** São Paulo, Brasiliense. 1987.

SILVESTRE NETO, Wilson Silva. **EZLN: mandar obedecendo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais – CLCH. Londrina, UEL, 2003.

SOTO, Willian Gomez. A análise do discurso nas Ciências Sociais. In: Pesquisa social e empírica: métodos e técnicas. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.9, p. 161-187, 1998.

TEIVAINEN, Teivo. **Twenty Two Theses on the Problems of Democracy in the World Social Forum**. Disponível em. <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 15 de abril de 2004.

THERBORN, Göran. A crise e o futuro do capitalismo. In. GENTILI, Pablo; SADER, Emir. (org.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p. 39-50.

VARGAS, Virginia. **El Foro Social Mundial III y las tensiones en la construcción del pensamiento global alternativo**. Mujeres del Sur, 2003. Disponível em <[http://www.mujeresdelsur.org.uy/fsm/2003/fsm\\_doc03.htm](http://www.mujeresdelsur.org.uy/fsm/2003/fsm_doc03.htm)> Acesso em 26 de novembro de 2004.

\_\_\_\_\_. **Ciudadanias globales y sociedades civiles globales**: Pistas para el analisis. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/biblioteca/36\\_virginia\\_vargas.html](http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/biblioteca/36_virginia_vargas.html)> Acesso em 14 de dezembro de 2006.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. Isso aqui não é Woodstock, adverte sociólogo. **Agência Carta Maior**. Disponível em <[http://fsm2005.rits.org.br/apc-aa-fsm2005/fsm2005/quinto\\_dia\\_conteudo.shtml?x=154](http://fsm2005.rits.org.br/apc-aa-fsm2005/fsm2005/quinto_dia_conteudo.shtml?x=154)> Acesso em 30 de maio de 2006. Jan. 2005.

WHITAKER, Francisco. **Fórum Social Mundial: origens e objetivos**. Disponível em. <http://www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 03 de maio de 2001

\_\_\_\_\_. **O Desafio do Fórum Social Mundial: um modo de ver**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Loyola, 2005.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002

\_\_\_\_\_. **O que é política?** GUARANY, Reinaldo (Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTRO, Mary Garcia. **Algumas provocações sobre a cultura política e cidadania**. Fórum Social Mundial. Disponível em <<http://www.forumsocialmundial.org.br>> Acesso em 03 de maio de 2001.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6.ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2002.

GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michael Pêcheux**. Campinas : Ed. UNICAMP. 1993.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa: Tomo II: crítica de la razón funcionalista**. Madrid, Taurus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. (trad.) COUTINHO, Carlos Nelson. Brasiliense, São Paulo, 1983.

LEFORT, Claude. **Pensando o Político: ensaio sobre a democracia, revolução e liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991

LOWY, Michael. **A luta contra o capital global não tem fronteiras**. Disponível em. <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 03 de maio de 2001.

MARTINS, Antonio. **Três provocações sobre o futuro do Planeta Porto Alegre**. Disponível em. <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2004.

PETRELLA, Ricardo. **A "primeira planetária"**. Para construir uma "outra Globalização": o Welfare mundial. Disponível em. <http://www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 03 de maio de 2001.

QUIJANO, Aníbal. **El Nuevo Imaginario Anticapitalista**. Disponível em. <<http://www.forumsocialmundial.org.br>>. Acessado em 15 de abril de 2004.

**ANEXOS**

### **Nota de Informação do Comitê Organizador**

No Fórum Social Mundial de Porto Alegre desencadeamos uma forte resistência ao neoliberalismo, pela construção de um outro mundo. Nada poderá conter esse processo.

Para aumentar ainda mais nossa força, precisamos desencadear em todo o mundo essa resistência, realizando Fóruns Sociais Mundiais em muitos outros países.

Para isso, o Comitê Organizador do Fórum Social Mundial de Porto Alegre propõe-se a:

1. Realizar Fóruns Sociais Mundiais todos os anos;
2. Realizar estes Fóruns na mesma data do Fórum Econômico de Davos;
3. Com base em uma carta de princípios e orientações, reestabelecidos a partir da experiência do Fórum que hoje encerramos, bem como de consultas que serão feitas junto aos seus participantes, realizar em Porto Alegre um novo Fórum em 2002; ao mesmo tempo que estimular a realização, na mesma data, de Fóruns em outros lugares do mundo.
4. No curso desse processo, constituir um Conselho Internacional do Fórum Social Mundial;
5. Realizar em 2003 um Fórum Social Mundial num outro país em que tenham sido conseguidas as melhores condições de realização dos Fóruns de 2002;
6. Realizar em 2004 uma nova rodada de Fóruns em muitos países, e assim sucessivamente.

O Comitê Organizador do Fórum Social Mundial de Porto Alegre preparará até abril de 2001:

-- a carta de princípios e orientações para a realização dos Fóruns de 2002;

-- a lista de lugares que se dispuseram a realizar os Fóruns de 2002, além do Fórum de Porto Alegre.

Os documentos, conferências, declarações e propostas dos participantes do Fórum Social Mundial que hoje estamos encerrando serão colocados à disposição de todos através da Internet, nas páginas do [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br) e [www.worldsocialforum.org](http://www.worldsocialforum.org).

Porto Alegre, 30 de janeiro de 2001

8/6/2002

### **Carta de Princípios do Fórum Social Mundial**

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por tod@s que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, e ampliam seu alcance, definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões.

**1.** O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.

**2.** O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie.

**3.** O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.

**4.** As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de tod@s @s cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.

**5.** O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.

**6.** Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instancia de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.

**7.** Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.

**8.** O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.

**9.** O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.

**10.** O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.

**11.** O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.

**12.** O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.

**13.** O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.

**14.** O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

*Aprovada e adotada em São Paulo, em 9 de abril de 2001, pelas entidades que constituem o Comitê de Organização do Fórum Social Mundial, aprovada com modificações pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial no dia 10 de junho de 2001.*

## CI - Caráter, responsabilidades, composição e funcionamento

Entre os dias 9 e 11 de junho de 2001, realizou-se a primeira reunião do Comitê Internacional (CI) do FSM. Na ocasião foram debatidos e aprovados os seguintes termos relativos ao caráter, responsabilidades, composição e funcionamento do CI.

**1) Caráter** A criação do CI expressa a concepção do FSM como um processo permanente, de longo prazo, que visa construir um movimento internacional aglutinador de alternativas ao neoliberalismo e por uma nova ordem social, e que proporciona o encontro da multiplicidade e diversidade de propostas. Para tal, o CI será uma instância permanente, que assegurará a continuidade do FSM para além de 2002, atuando de forma a consolidar o processo de mundialização do FSM. O CI terá um papel protagonista na orientação das diretrizes políticas e na definição dos rumos estratégicos do FSM. Os Comitês Organizadores nacionais terão atribuições organizativas e de facilitação, estando articulados com o CI. O CI deverá existir como um espaço que se articula de forma permanente e aberta com outros movimentos e lutas sociais. O CI não será uma instância de poder e nele não haverá mecanismos de disputa de representação, nem de votos. O CI deve contemplar em sua composição um equilíbrio em relação à diversidade regional e de setores da sociedade, e não será uma estrutura burocrática com a pretensão de representação da sociedade civil. A representatividade do CI resultará de seus acertos, ou seja, de sua capacidade de mundializar, enraizar, dar organicidade e continuidade ao FSM.

**2) Responsabilidades** Tendo como objetivo central a ampliação e consolidação do processo de mundialização do FSM, os membros do CI deverão assumir responsabilidades de natureza política e operacional, tais como: - Formular as estratégias do FSM; - Manter a articulação permanente com movimentos, campanhas, iniciativas, lutas e eventos internacionais; - Divulgar o FSM em seus países e regiões, promovendo a ampla participação e debate sobre as questões e propostas identificadas pelo FSM; - Promover e apoiar a realização de FSMs, identificando possibilidades de locais e mobilizando a participação; - Assegurar a articulação política, temática e operacional entre os FSMs; - Promover e apoiar a criação de Comitês em seus países; - Estruturar, junto com os comitês organizadores dos FSMs, o temário, a metodologia, o formato, a identificação e convite a palestrantes e expositores; - Captar recursos financeiros.

**3) Composição** O CI constitui-se de um núcleo inicial onde ainda existem desequilíbrios regionais (baixa participação da África, Ásia e mundo árabe) e setoriais: jovens, negros, entre outros, que devem ser solucionados. O CI considera que o enfrentamento destes desequilíbrios e lacunas deve ser visto como uma meta a ser alcançada através de processos de consulta, onde as regiões e atores necessitam de tempo. As sugestões de inclusão de novos membros, que resultarem destas consultas, devem ser submetidas à avaliação do CI, que por sua vez formalizará o convite. O CI deverá fazer um esforço de captação de fundos que viabilizem a participação de redes cuja falta de recursos possa vir a ser um empecilho à sua participação. Serão considerados, desde logo, membros do CI as entidades/organizações convidadas para a primeira reunião e que não puderam comparecer. A composição do CI obedecerá aos seguintes critérios: - Adesão à Carta de Princípios; - Equilíbrio geográfico/regional e que contemple a diversidade; - Participação dos setores: sindical, movimentos sociais, ONGs e outros; - Participação de cabeças de redes mundiais e regionais; - Compromisso com a continuidade do FSM e com as responsabilidades indicadas acima. - Não há um número pré-determinado de membros. - Serão participantes os representantes de entidades, organizações internacionais e regionais, redes e articulações internacionais. Haverá duas formas de participar do CI, estando garantido o direito a voz em todos os casos: a) Membros permanentes; b) Convidados ocasionais e observadores - não são membros, mas sua participação é considerada importante em função de um dado momento da conjuntura internacional ou da dinâmica de organização do FSM;

**4) Funcionamento** Concebido como um espaço dinâmico, que espelha as iniciativas da sociedade, cada membro fornecerá contribuições ao CI de acordo com sua atuação, e deverá explicitar seus compromissos para com o funcionamento do CI. A este respeito, durante a reunião houve uma proposta de criação de grupos de trabalho que produzam convergências em relação às agendas dos membros. O esforço de captação de recursos deverá ser iniciado o mais breve possível. A montagem de mecanismos de animação e comunicação também é uma necessidade imediata, e deverá ser posta em prática o quanto antes para ativar a articulação entre os membros, e entre estes e os Comitês Organizadores dos FSMs 2002. Visando dinamizar o funcionamento do CI, os membros deverão designar um representante e um suplente. Cada membro terá um assento nas reuniões do CI. A próxima reunião do CI será realizada em Dakar, Senegal, no final de outubro de 2001 (onde, entre diversos outros aspectos,

será decidido o local do FSM 2003). Em seguida, o CI se encontrará novamente em Porto Alegre, imediatamente antes do início do FSM 2002. **Comitê Organizador Brasileiro**

8/6/2002

## CI - Documento sobre a reunião em Dacar

**Dacar, 30 de outubro a 1o. de novembro de 2001** O Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, reunido em Dacar (Senegal), nos dias 30 de outubro a 1o. de novembro de 2001, possibilitou a mobilização de importantes organizações e movimentos sociais africanos, que vem se tornando mais ativamente envolvidas no movimento internacional contra a globalização neoliberal. Esta mobilização será direcionada para a organização do primeiro Fórum Social Africano, em Bamako, programado para janeiro de 2002. As proposições advindas desse encontro, assim como também outros fóruns preparatórios realizados em outras regiões do mundo, terão contribuições importantes no sucesso do Fórum Social Mundial, a ser realizado em Porto Alegre, de 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002. Durante o encontro em Dacar, o Conselho Internacional decidiu que o Comitê Organizador Brasileiro continuará a assumir seu papel de coordenador do Fórum Social Mundial em 2002, 2003 e nos demais anos. A reunião do Comitê Internacional do Fórum Social Mundial em Dacar contou com a presença do Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, que reafirmou sua concordância política ao FSM e sua disponibilidade para apoiar a realização do FSM 2002 em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Este relatório é composto de três partes: uma síntese dos debates sobre a situação internacional, um relato das principais decisões tomadas e, em anexo, as propostas colocadas por uma ou várias organizações que compõem o Conselho Internacional. O texto, a seguir, não pretende ser exaustivo. Ele simplesmente relata a maioria das intervenções feitas na reunião, sem mencionar, necessariamente, todos os pontos de vista que foram colocados. Ficou claro na reunião que, da mesma forma que o próprio Fórum Social Mundial, o Conselho Internacional não deve se manifestar como uma entidade. Conforme estabelece a Carta de Princípios adotada em São Paulo, em junho de 2001, o Fórum constitui um espaço de diálogo e de proposições em que há o respeito à diversidade entre todos aqueles que participam. **I - Síntese dos debates sobre a situação internacional** O primeiro Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre, em janeiro de 2001, colocou em evidência as dificuldades e as devastações desencadeadas pelo processo da economia neoliberal globalizada. Espaço de propostas alternativas a nível planetário, o FSM reforçou o desejo por "um outro mundo" em numerosas regiões do planeta, principalmente na África. O Fórum constituiu uma referência e um ponto de apoio para as lutas sociais e colocou na defensiva os dirigentes, a mídia, os governos e as instituições a serviço dos mercados financeiros e das empresas multinacionais. Incapazes de contestar o balanço desastroso de suas políticas, essas forças só puderam reagir tentando criminalizar os movimentos sociais que se opõem ao neoliberalismo. Depois do 11 de setembro, elas avançam ainda mais, tentando utilizar a seu favor a emoção provocada pelos atentados criminosos em Nova York e Washington, que todos os membros do Fórum Social Mundial condenaram unanimemente. Ao pretender lutar contra o terrorismo do qual recusam analisar as raízes profundas que instrumentalizam a pobreza, os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra, apoiados pela maioria do continente europeu e por uma coalizão de interesses estrangeiros, se comprometeram em uma guerra da qual a primeira vítima é o povo afegão. Os acontecimentos do dia 11 de setembro constituem assim um cômodo pretexto para desviar os povos de suas próprias agendas de luta e para impor a globalização neoliberal. Assim, enquanto numerosas conferências internacionais foram anuladas, a da OMC, prevista para ser realizada em Qatar (do dia 9 a 13 de novembro), está assegurada, apesar de sua proximidade geográfica com a zona de conflitos. Trata-se, ao envolver a OMC na coalizão que participa da guerra, de acelerar a mercantilização do mundo e de impor restrições aos países do Sul, principalmente, no que se refere aos direitos de investimentos e de propriedade intelectual. Ao mesmo tempo, os governos tomam medidas que atentam contra a liberdade, enquanto empresas demitem milhares de trabalhadores dizendo que a crise é consequência do dia 11 de setembro. Na verdade, o início da recessão americana, cujos efeitos contagiam o resto do mundo, data de mais de um ano. É preciso recusar, de forma categórica, tanto a ditadura dos mercados, o integrismo e o fanatismo neoliberal, como os regimes ditatoriais ou autoritários e o integrismo e fanatismo religioso. É somente através da construção de um mundo novo mais justo, livre de toda forma de

racismo, mais solidário, que respeite os direitos das mulheres e que valorize o meio ambiente, assim como da solução dos conflitos não resolvidos, e em primeiro lugar o da Palestina, que serão erradicadas as condições que dão origem ao terrorismo e que a lógica de guerra possa ser substituída por uma lógica de paz. O que devem prevalecer não são os imperativos do comércio ou das finanças ou da lei do mais forte, e sim os valores comuns da humanidade: todos os direitos para todos os seres humanos. Se houver globalização, que seja a globalização dos direitos humanos. Certas reivindicações feitas por organizações e movimentos que participam do Conselho Internacional do FSM - em particular a abolição dos paraísos fiscais e da especulação financeira, a anulação da dívida externa dos países do Sul, o papel regulador do Estado na economia, o direito ao acesso a medicamentos a preços razoáveis - são evocadas, e até algumas vezes postas em prática por aqueles que, há poucas semanas, eram absolutamente contra essas práticas: os dirigentes dos Estados Unidos! Mesmo que se trate de razões circunstanciais para apoiar as grandes empresas americanas, o governo dos Estados Unidos - "guia" do neoliberalismo mundial - mostra, publicamente, o caráter escandaloso das "receitas" que tentam impor ao resto do planeta, principalmente, por meio do FMI, do Banco Mundial e da OMC. Portanto, os Estados Unidos legitimam, involuntariamente, certas propostas feitas no primeiro FSM e estimula o seu aprofundamento no segundo Fórum Social Mundial, convocado para Porto Alegre, do dia 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002. Os membros do Conselho Internacional do FSM, reunidos em Dacar, entre os dias 30 de outubro e 1 de novembro de 2001, renovam seu apelo a todas as forças do movimento social, a todos os sindicatos, aos políticos de diferentes nações, bem como aos representantes das correntes filosóficas e espirituais, a fazer de Porto Alegre um momento de convergência de proposições alternativas ao neoliberalismo, um trampolim para as lutas sociais e um motivo de esperança para o conjunto dos povos.

**II - As principais decisões da reunião do Conselho Internacional**

**1-** O Conselho Internacional do FSM confirma a realização do FSM 2003 em uma cidade que será escolhida brevemente. Entretanto, esta decisão deve ser tomada pelo Comitê Organizador Brasileiro antes da realização do FSM 2002.

**2-** Para a escolha da cidade que receberá o FSM 2003, deverão ser considerados critérios políticos, condições de infraestrutura, existência de um certo tecido associativo e o respeito à autonomia do FSM.

**3-** Um grupo de trabalho foi organizado para preparar decisões que deverão ser tomadas antes do próximo FSM 2002. Este grupo, cujo mandato termina na próxima reunião do Conselho Internacional - em 28 de janeiro de 2002 - **deverá:**

- Definir e propor critérios que irão determinar a escolha da cidade onde se realizará o FSM 2003.
- Elaborar proposições sobre a periodicidade do FSM e sua descentralização.
- De imediato e antes do fim de dezembro, estudar a possibilidade de organizar o FSM 2003 na Índia ou em outra cidade do Hemisfério Sul. Um grupo deverá, eventualmente, visitar a Índia nas próximas semanas.
- Propor programas e recomendações referentes à institucionalização do Conselho Internacional. Este grupo de trabalho será composto de:
  - 3 membros da África
  - 3 da América Latina
  - 1 da Ásia
  - 2 da América do Norte (Estados Unidos e Canadá)
  - 3 da Europa
  - 3 do Comitê Brasileiro

**4-** O Comitê Internacional do FSM discutiu o programa do FSM 2002. Este programa incluirá a realização de conferências simultâneas sobre os quatro grandes temas já definidos. Estas conferências serão divididas em vários subtemas (ver a proposição apresentada pelo Comitê Organizador Brasileiro). Alguns participantes pediram que um esforço de coerência e racionalização seja empreendido nas escolhas das conferências e dos seminários. As propostas para a realização dos seminários temáticos deverão chegar ao secretariado, no máximo, até meados de novembro. Esses prazos deverão ser considerados com uma certa flexibilidade para permitir uma boa integração das proposições africanas.

**5-** O Comitê Internacional saúda a iniciativa de se fazer um Fórum Social Africano em Bamako, em janeiro de 2002. As organizações do movimento social africano se encontraram durante dois dias em Dacar para preparar este Fórum. A realização do Fórum de Bamako será um acontecimento importante para consolidar o movimento social africano e para reforçar sua presença no FSM.

**6-** Várias iniciativas que serão realizadas no FSM2002 foram apresentadas por membros do Comitê Internacional (ver anexo).

- Plano de ação internacional para o desenvolvimento e erradicação da fome e da miséria no mundo.
- Conferência para a construção da paz.
- Seminário para testemunhar a situação das mulheres vítimas de guerra.
- Tribunal para a anulação da dívida e para as reparações.
- Os caminhos para a paz: construção de um caminho de pedras gravadas, em Porto Alegre.
- Lançamento de um < caucus > sobre a dignidade e os direitos humanos.
- Lançamento de um < caucus > africano em Porto Alegre.

**7-** O Comitê Internacional discutiu várias outras questões relativas a organização do FSM2002.

**7-1** Financiamento: depois de tomar ciência da fragilidade da situação financeira, foi feito um apelo aos membros do Comitê Internacional para trazer suas contribuições e se mobilizar

com o objetivo de obter os recursos necessários. **7-2 Comunicação e visibilidade:** o Comitê Internacional estabeleceu uma estratégia de comunicação em vários níveis: • Em relação às organizações financeiras internacionais e os defensores do neoliberalismo, os membros do Comitê avaliam ser necessário realizar ações ofensivas para tirar a legitimidade desses atores. Os membros deverão agir em seu próprio nome para criar espaços de comunicação. Em relação à opinião pública mundial - e em particular do movimento social - será importante dar credibilidade ao princípio de que é possível construir um mundo de paz e de alternativas ao neoliberalismo. **Fórum Social Mundial 2003 - Informe do Grupo de Trabalho** O Grupo de Trabalho que recebeu a missão de avaliar as possibilidades de realizar o Fórum Social Mundial de 2003 na Índia ou em outro país, reunido para definir seu plano de trabalho, ao final da reunião do Conselho Internacional do FSM em Dakar, fixou da seguinte forma seus próximos passos e correspondentes datas: • desde agora, recolher todos os nomes de organizações da Índia que poderiam se integrar a um Comitê indiano, transmitindo esses nomes àquelas organizações com as quais já temos contacto, em especial a Sidharta (contato Gustavo Marin), a quem pedimos que organizasse nossos encontros na Índia em Dezembro. • até 20 de novembro, estabelecimento dos critérios para a escolha de um local para o FSM 2003 (responsáveis: Bernard Cassen e Chico Whitaker); • de 2 a 10 de dezembro, cinco membros do Grupo de Trabalho participarão da Assembléia Mundial organizada em Lille, França, pela Aliança por um Mundo Responsável e Solidário; possibilidade de encontrar, nessa Assembléia, um bom número de representantes de organizações indianas, entre os quais Sidharta; • dia 3 de dezembro, à noite, reunião em Lille daqueles que se encontrem nessa cidade, para fazer um balanço das informações já obtidas e preparar a viagem à Índia; • viagem provável à Índia do 13 ao 19/20 de dezembro (a decidir quem poderá viajar - Gustavo Marin, Gustavo Cotas e Chico Whitaker estariam disponíveis; a verificar ainda Walden Bello). • em 20 de novembro, reunião em Paris para conclusões, e até o fim do ano apresentação, ao Comitê de Organização do FSM, das propostas que resultarem.

22/6/2002

## CI - Documento sobre a Reunião de Porto Alegre

**28 E 29 DE JANEIRO DE 2002**

**Resoluções do Conselho Internacional do FSM** • Conselho Internacional se reuniu nos dias 28 e 29 de janeiro para definir as perspectivas futuras do Fórum Social Mundial. • A reunião fortaleceu a idéia de que o FSM, muito mais do que um evento, está se consolidando como um processo e um movimento abertos, que se mundializam e criam raízes em todos os continentes. A própria composição do Conselho Internacional demonstra a ampliação das forças sociais que, em todo o planeta, se comprometem de forma permanente com o FSM. • Conselho Internacional avaliou que a realização de um FSM anual e centralizado é fundamental para o encontro e a articulação da multiplicidade de forças que se opõem à globalização neoliberal. Além disso, o próprio evento tem um impacto público importante para a dinamização do movimento. Finalmente, o Conselho Internacional considerou que o efetivo processo de mundialização e enraizamento do FSM exige uma crescente mobilização nas regiões, de forma a ampliar a participação de todos os continentes. **Considerando este quadro, o Conselho Internacional decidiu o seguinte:** **1)** No segundo semestre, serão realizados, em diferentes partes do mundo, edições continentais ou regionais do Fórum Social Mundial; **2)** Realizaremos, o III Fórum Social Mundial novamente em Porto Alegre e na mesma data do Fórum Econômico Mundial. **3)** O Conselho Internacional do FSM terá um papel decisivo em articular a dinâmica dos Fóruns Regionais ou Continentais e do Fórum Social Mundial centralizado. Este será o tema principal da reunião do Conselho que realizaremos de 28 a 30 de abril de 2002.

## CI - Documento sobre a reunião de Barcelona

**Ateneu Popular 9 Barris, Barcelona, 28 a 30 de Abril de 2002** Agenda Reunião dos Comitês Organizadores dos FSM Continentais e Temáticos com a Secretaria do FSM **Data:** 3, 4 e 5 de Junho **Local:** São Paulo - Brasil **Contatos na secretaria:** Maíra Junqueira [fsm2003inter@uol.com.br](mailto:fsm2003inter@uol.com.br) <<mailto:fsm2003inter@uol.com.br>> **Próxima reunião do Conselho Internacional Data:** 13 a 15 de agosto de 2002 **Local:** Bangcoc - Tailândia **Contatos na secretaria:** Carolina Gil [fsm2003ci@uol.com.br](mailto:fsm2003ci@uol.com.br) <<mailto:fsm2003ci@uol.com.br>> **Pauta da Reunião I)** Avaliação e estratégia do movimento internacional e papel do FSM **II)** Definição das questões e desafios do período **III)** Metodologia dos Fóruns Sociais Mundiais, Fóruns Continentais 2002 e Mundial 2003 **IV)** Arquitetura do Processo do FSM. **V)** Critérios e método para a incorporação de novos membros ao CI **VI)** Encaminhamentos **Observação:** na reunião do Conselho Internacional em Barcelona os debates sobre esses temas foram muito ricos e esse relatório não pretende reproduzi-los em sua totalidade e complexidade. Esse documento, discutido no Comitê Organizador brasileiro, apresenta apenas as conclusões alcançadas na discussão dos diversos temas e recupera alguns dos outros pontos debatidos em cada um deles. Avaliação e estratégia do movimento internacional, papel do FSM e definição das questões e desafios do período

**Conclusões da Discussão** **1)** O 11 de setembro de 2001 condensou elementos de uma nova conjuntura mundial caracterizada, entre outras coisas, pela agressiva atuação no cenário internacional do governo dos EUA (unilateralismo, recusa a convenções internacionais, diminuição do já frágil protagonismo do "sistema ONU", militarização dos conflitos, aumento dos gastos com a indústria de armamentos, protecionismo para sua economia e imposição do liberalismo aos países subdesenvolvidos etc.). No entanto o 11 de setembro não interrompeu a luta dos movimentos, como se constatou em Porto Alegre 2002 e em manifestações recentes como as de Barcelona e da Itália, que deram continuidade ao processo iniciado em Seattle. A luta pela paz, destacada pela atual conjuntura, não anula a luta contra a globalização neoliberal. Ambas são componentes centrais de nossa agenda. **2)** A força do FSM reside na capacidade de movimentos sociais e organizações, redes e campanhas de tomar iniciativas e criar espaços de encontros e debate, respeitando a Carta de Princípios. **3)** Houve uma constatação no CI de que essa nova conjuntura "cobra" do FSM a tomada de iniciativas. Mas tal demanda deve ser respondida dentro dos marcos da Carta de Princípios. O FSM é um espaço (não uma rede ou uma organização internacional) cujos contornos políticos estão definidos por contraposição à atual ordem neoliberal mundial e pela afirmação dos valores e objetivos inscritos na Carta. O FSM tem um método que lhe é peculiar e pode tomar iniciativas nesse marco. Tendo como referência a Carta de Princípios, o FSM não toma posições nem define formas de ação política, suas iniciativas vão no sentido de abrir sua agenda, como espaço de encontro e debate da cidadania mundial, às questões palpitantes ou relevantes na luta por um outro mundo. **4)** O Conselho Internacional tem, entre suas funções, a de identificar essas questões e definir tais iniciativas. Por exemplo, a organização de um evento, na forma de um FSM temático em que uma determinada questão é tratada. As propostas dos FSMs temáticos focados na Palestina (Solução de conflitos) e na Argentina (Crise do modelo neoliberal) surgiram nesse contexto. Estes casos não devem ser vistos como abordagem de problemas locais, o que levaria a uma multiplicidade de Fóruns temáticos, mas sim como temas que ultrapassam as questões locais pela sua abrangência e universalidade. **5)** Por outro lado, deve-se lembrar sempre que nos FSM de nível internacional ou continental, os temas podem ser propostos aos participantes dos Fóruns tanto pelo CI, por meio de conferências, seminários e outros meios, como pelos próprios participantes do Fórum, por meio de oficinas que eles mesmos organizem, sob sua responsabilidade.

**Relato de outros pontos discutidos** **1.** Considerando a avaliação de conjuntura e o processo do FSM, foi verificado que há necessidade de uma discussão de estratégia. No FSM 2001, o foco foi a crítica ao neoliberalismo; no FSM 2002, buscamos centrar os debates das conferências nas alternativas ao neoliberalismo. Diversas perguntas surgem relacionadas às alternativas que queremos colocar em pauta: Quais são as vias a percorrer? Quais são os rumos que devemos seguir? Como conquistá-las? **2.** A discussão sobre "estratégia" demanda abordar um conjunto de temas interligados: a política, a democracia direta e democracia representativa, o poder político, as organizações políticas, os sistemas de representação e sua crise, a relação entre sociedade civil e esfera política, etc. **3.** Por outro lado, constatou-se também que não podemos dar por encerrada a fase do debate de alternativas que em várias áreas foi ainda muito incipiente. **4.** Fala-se muito de transformações da realidade, mas pouco se discute a transformação dos próprios movimentos sociais: também é preciso democratizar e mudar os movimentos. **5.** Há te-

mas que, em geral, são considerados da esfera do "privado" (e, em conseqüência, não são discutidos) mas que têm incidência direta sobre os direitos das pessoas: é o caso dos direitos reprodutivos e sua relação com a situação das mulheres no mundo. Foi lembrado que essas dimensões foram pouco tratadas no FSM 2002, mas ao mesmo tempo, houve em Porto Alegre manifestações de grupos anti-abortistas. **6.** Em relação ao papel do FSM e do CI na conjuntura, discutiu-se se o FSM deveria intervir como ator e desta forma tomar iniciativas no cenário internacional. No entanto, a Carta de Princípios foi reafirmada e o FSM deve manter-se como espaço de convergências e sínteses, no qual não há uma definição centralizada da ação dos movimentos. **7.** Em relação à crise na Palestina provocada pela recente ofensiva militar do governo de Israel: a ida de membros do Conselho Internacional à Palestina não foi feita em nome do Conselho Internacional ou do FSM, mas sim fez parte de uma iniciativa de entidades membros do CI no sentido de monitorar a observância dos direitos humanos e de verificar as condições de se fazer um FSM temático na Palestina. **8.** As estruturas do FSM podem abrir espaços para a circulação de propostas e iniciativas que surjam entre as organizações/redes que são membros do CI. Estas propostas e iniciativas são de responsabilidade de cada organização ou rede (não envolvem, portanto, o conjunto dos e das participantes do CI, nem podem ser realizadas em nome do FSM). Dentro desta orientação, e para evitar ambigüidades, iniciativas do tipo da citada no item anterior, que porventura venham a ser tomadas no futuro, deverão estabelecer bem claramente esse caráter de iniciativas de entidades e não do FSM ou do seu Conselho Internacional. **9.** Foi proposto que se criasse, dentro do CO, uma instância que analisaria as propostas que se pretendesse fazer circular entre organizações que participam dos Fóruns, para verificar se tais propostas não colidiriam com a Carta de Princípios do FSM. Essa questão foi no entanto remetida à análise do Grupo de Trabalho sobre Regimento Interno, a que se faz referência no item "Arquitetura do processo do FSM".

**Metodologia dos FSM Conclusões da Discussão**

- 1)** A Carta de Princípios deve ser a baliza para a organização e realização dos FSMs continentais e temáticos.
- 2)** Os FSMs continentais e o FSM 2003 fazem parte de um mesmo processo, deverão trabalhar com uma mesma compreensão metodológica e deverão considerar um conjunto temático básico comum.
- 3)** São subsídios para essa discussão o documento de metodologia do FSM 2002, o documento apresentado pelo CO brasileiro em Barcelona e outros documentos de avaliação do FSM escritos por membros do CI.
- 4)** Sobre a participação dos partidos políticos, a Carta de Princípios é clara. O FSM é um espaço da sociedade civil mundial, mas não de toda a sociedade civil. O CI através da Carta definiu os contornos do FSM. No caso, os partidos políticos são parte da sociedade civil, mas não do FSM, por isso não podem ter delegados ao FSM nem integrar instâncias organizadoras do FSM. No entanto, paralelamente ao FSM podem existir iniciativas que dialoguem com essas organizações - tal como vem ocorrendo em Porto Alegre com o Fórum de Autoridades Locais e o Fórum Mundial de Parlamentares. Através delas têm participado do FSM membros de partidos políticos que detêm mandatos eletivos, que dele participam em caráter pessoal, sem representar partidos, como estabelecido na Carta de Princípios. Esse é um caminho para que as propostas dos movimentos e organizações sociais dialoguem diretamente com aqueles e aquelas que ocupam cargos no estado. Por outro lado, até direções partidárias têm participado do FSM em Porto Alegre, mas sempre na condição de convidadas pelos organizadores do FSM para fazer conferências ou dar testemunhos. Os próprios participantes do FSM podem também fazer convites similares para as oficinas que organizam sob sua responsabilidade. De qualquer forma, a relação dos movimentos e organizações sociais com os partidos foi um tema que os participantes da reunião de Barcelona consideraram que deve ser aprofundado no CI e no FSM.
- 5)** Devemos manter a pluralidade de formas de debates e convergências no FSM: conferências, seminários, oficinas etc, as primeiras sob a responsabilidade dos organizadores e as segundas sob a responsabilidade dos participantes que as propuserem.
- 6)** A organização de FSMs continentais é central na internacionalização do processo. A metodologia e o temário foram colocados como pontos de articulação entre as iniciativas continentais, visando a unidade dos processos. Neste sentido, estarão presentes, dentro dos FSMs continentais, temáticas regionais mas também temáticas comuns a todos eles.
- 7)** O FSM está desafiado a encontrar formas de incorporar a nova geração política no seu processo. Daí que deva ser dada especial atenção ao processo do acampamento intercontinental da juventude assim como ao temário emergente dos movimentos e organizações que refletem essa geração.
- 8)** Considerou-se importante, também, buscar superar a fragmentação setorial e se estimular a busca de convergências e de mais articulações no III FSM

**Relato de outros pontos discutidos**

- 1.** Houve uma discussão no sentido da importância da observância da Carta de Princípios. Algumas vozes apontaram no sentido de que isso poderia dificultar iniciativas

locais, já que existem dinâmicas diversas nas diferentes regiões e continentes. Mas, a maior concordância foi no sentido de ressaltar a importância da Carta de Princípios, lembrando-se que os processos continentais e o processo de Porto Alegre são um processo único. Sendo assim, a Carta de Princípios e a metodologia devem ser um eixo para todos. **2.** Outro ponto importante relativo à metodologia do processo de 2003 foi a participação da juventude na dinâmica do FSM. Isso passaria pela incorporação mais orgânica de suas iniciativas. Também foram destacados na discussão os temas de gênero e dos direitos humanos.

**Arquitetura do Processo do FSM Conclusões da Discussão**

- 1)** Reconheceu-se o papel do CI enquanto espaço de diálogo e debate político, assim como seu decisivo apoio ao processo FSM.
- 2)** O documento apresentado pelo CO foi aceito como referência, mas não como uma resolução fechada. Sua implementação se dará de forma gradativa na medida em que o processo de mundialização construa as bases políticas para sua implantação.
- 3)** De acordo com o proposto nesse documento, o CO assume a condição e denominação de "Secretaria do FSM". No espírito do documento, foram tomadas medidas com a perspectiva da transformação do CI em um "Comitê Internacional" (por exemplo, a criação dos GTs), mas para sua plena concretização esse processo ainda deverá ser avaliado pelo próprio Conselho.
- 4)** Foram constituídos três GTs que deverão trabalhar até Bangkok. Estes Grupos de Trabalho não tem caráter permanente, são grupos ad hoc sobre temas precisos e se desfazem tão logo suas tarefas estejam terminadas. Na reunião em Barcelona foram listadas as organizações interessadas em compô-los, mas continuam abertos à participação de outras entidades do CI. Esses GTs não deliberam, eles farão o debate sobre seus temas específicos e sistematizarão propostas nas suas respectivas áreas para que sejam discutidas finalmente na próxima reunião do CI em Bangkok. Os três Grupos de Trabalho são:
  - Comunicação
  - Regimento interno e Critérios de participação do CI
  - Metodologia e Temário
- 5)** O tema da Memória do FSM ficou diretamente sob a responsabilidade do CO/Secretaria do FSM.
- 6)** O Grupo de Trabalho de Regimento Interno e Critérios de Participação elaborará propostas de mecanismos de ampliação da participação do CI para serem discutidos na reunião de Bangkok. Deverá também fazer uma proposta de regimento interno que regule o funcionamento do CI e de suas reuniões.
- 7)** Serão criados mecanismos de informação sistemática para e entre os membros do CI.
- 8)** Será feito um novo levantamento completo dos dados (representantes titular e suplente, formas de contato, critérios quanto à sua incorporação etc.) das organizações membro do CI para ser divulgado aos membros do CI.
- 9)** A composição do CI segundo sua atual lista de membros continuará até a reunião de Bangkok. As solicitações de novas adesões circularão no CI para conhecimento de todos e consideração em Bangkok, segundo os mecanismos que sejam adotados a partir da proposta a ser então apresentada pelo Grupo de Trabalho do Regimento Interno.
- 10)** O Comitê Organizador/Secretaria do FSM, junto com o CI, tem um compromisso com a mais ampla mundialização do processo do FSM. Neste sentido pode apoiar iniciativas de fóruns continentais e temáticos, sem a pretensão de dirigi-los.
- 11)** Visando garantir a coerência e articulação entre os diversos FSMs (continentais, temáticos e internacional) foi definida uma reunião entre CO/Secretaria e pelo menos dois representantes de cada FSM Continental e Temático (nos dias 03 e 04 Junho em São Paulo). É necessário garantir que essa representação seja diversa em termos de países e setores.
- 12)** Existem tarefas que serão compartilhadas entre o CI e Secretaria e outras que serão remetidas diretamente à Secretaria. Entre estas últimas estão a sistematização de relatório das reuniões do CI e envio para os membros, manutenção do site, organização da memória, acompanhamento dos Comitês Organizadores dos diversos FSMs, dinamização da comunicação, etc.

**Relato de outros pontos discutidos**

- 1)** A necessidade de esclarecimento da forma de tomada de decisão dentro do CI e dos critérios de participação dentro deste Conselho.
- 2)** Algumas falas foram colocadas no sentido da ampliação do poder do CI. Essa ampliação passaria pelo estabelecimento de critérios claros de participação, de regras claras de funcionamento e pela atribuição de responsabilidades ao CI.
- 3)** Outras visões apontaram a fragilidade do CI, principalmente no que se refere a sua composição desbalanceada regionalmente. Outro ponto de fragilidade refere-se a seu curto período de existência, e a mudança de participantes a cada reunião, sendo ainda arriscada a sua passagem de Conselho para a forma de Comitê (conforme apontada no documento de estrutura).

**Encaminhamentos sobre Fóruns Continentais e Temáticos**

- 1)** Os seguintes FSMs foram encaminhados para o ano de 2002:
  - Continentais**
  - FSM Europa** - na Itália, em Florença, de 7 a 9 de novembro
  - FSM Américas** - no Equador, em Quito de 27/10 a 01/11
  - FSM Índia** - na Índia, em local a ser definido. Este FSM buscará ampliação para se tornar asiático.
  - FSM África** - Existe uma mobilização para a organização de um FSM africano, porém a discussão será aprofundada em reunião em Junho próximo. As entidades envolvidas na organização buscarão a mobilização da

população e de entidades africanas para que esta seja uma iniciativa de todo o Continente. Foi dado informe que também se discutia a perspectiva de uma iniciativa afro-asiática, ainda pouco definida.

**Temáticos FSM Panamazônico** - em Belém do Pará (Brasil) **FSM - Solução negociada de conflitos** - O caso Palestina (local ainda a ser discutido por Comitê Organizador a ser formado) **FSM - Crise do modelo neoliberal** - O caso Argentina Foi recebida a proposta de um FSM a ser realizado em Nova Zelândia; na reunião foi apresentado um encaminhamento para que essa seja considerada uma iniciativa nacional, ainda que dentro de uma perspectiva de construção do processo Ásia-Pacífico; a questão deverá ser discutida com os proponentes e as organizações da região. **2)** Todos esses FSM Continentais e Temáticos devem constituir Comitês de Organização com a abrangência de países e atores que envolvem. **3)** Foi proposta a realização de um FSM Mediterrâneo para 2003. Foi recebida ainda uma proposta de realização de um FSM temático sobre "Direitos coletivos dos povos e o respeito à diversidade como escola de democracia", que seria realizado na Galizia, Espanha.

**Encaminhamentos Gerais** **1)** Próxima reunião do CI em Bangkok (Tailândia) de 12 a 14 de Agosto de 2002. **2)** Foi proposta uma reunião de membros do CI com os movimentos sociais asiáticos, aproveitando o encontro de Bangkok, a ser realizada em data a ser consultada com os/as companheiros/as de Bangkok (se será 11 ou 15 de Agosto). **3)** O CO/Secretaria do FSM e o CI estão firmemente comprometidos com o processo de mundialização do FSM. Como parte da estratégia de mundialização, já em 2001 foi identificada a necessidade de se realizar o FSM também em outros países de outros continentes, além do Brasil. Nesse sentido, o CI, após sua reunião de Dakar, encaminhou consultas com organizações da Índia sobre a possibilidade do FSM ser realizado nesse país em 2003. Como resultado desse encaminhamento, a delegação índia presente ao FSM 2002 fez em fevereiro em Porto Alegre a proposta para que o FSM 2004 seja nesse país; essa oferta foi reiterada pela representação índia na reunião em Barcelona. O CI reunido em Barcelona considerou que poderia indicar a Índia como país em que se realizará o FSM 2004, deixando no entanto esta decisão sujeita à avaliação do FSM Índia 2002 pelo CI (o que será feito na reunião que acontecerá nas vésperas do FSM 2003 em Porto Alegre). Houve, ainda, uma proposta, que não chegou a ser discutida, para que - sendo o FSM 2004 na Índia - em 2005 o FSM voltasse para Porto Alegre, repetindo-se nos anos seguintes uma alternância desse tipo, com o FSM sendo realizado, a cada dois anos, em diferentes países do mundo. De acordo com o proponente, isso daria um sentido de continuidade ao processo além do que existe uma dimensão simbólica da realização do FSM em Porto Alegre. **4)** Os 3 GTs se reuniram no dia 30 de abril. Os relatos dos encaminhamentos tirados nessas reuniões estão em anexo.

## CI - Documento sobre a reunião de Bangcoc

**Relatório da reunião do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial** Or Por Lor Building Chulalongkorn University Hospital, Bangcoc, **13 a 15 de Agosto de 2002** **Agenda:** Próxima reunião do Conselho Internacional **Data:** 11 a 13 de novembro de 2002 **Local:** Florença - Itália **Contatos na secretaria:** Carolina Gil [fsm2003ci@uol.com.br](mailto:fsm2003ci@uol.com.br) <<mailto:fsm2003ci@uol.com.br>>**1. Conjuntura** Neste primeiro momento da reunião Walden Bello fez uma análise da conjuntura mundial, conforme texto no anexo 1. Neste texto Walden Bello faz uma breve descrição da crise do capitalismo global. Esta crise seria como a maior desde a Grande Depressão e é apresentada como a intersecção de quatro crises: • crise de legitimidade do capitalismo neoliberal • crise de superprodução • crise da democracia liberal • crise de “super expansão” Em seguida Walden apresenta as formas de resistência ao neoliberalismo. Esta resistência se dá na formação de uma massa crítica em alguns lugares no nível nacional, mas podemos verifica-la com maior força internacionalmente como constatado de Seattle a Porto Alegre. No momento atual, segundo o texto, estamos testemunhando um segundo momento nesta trajetória da resistência: diversos movimentos de resistência ao neoliberalismo se tornaram uma massa crítica com impacto nas políticas nacionais. Por outro lado, as forças de direita também crescem aproveitando-se da crise do neoliberalismo, como por exemplo Le Pen na França. O texto aponta que no futuro próximo teremos pela frente uma grande Batalha, a de Cancun. Em setembro de 2003 ocorrerá no México, a quinta reunião ministerial da OMC e a OMC é o elo fraco do sistema capitalista global. O objetivo seria derrotar este elo fraco para reverter a globalização. Outro ponto central do debate foi questão do militarismo. Ele foi sistematizado por um grupo de trabalho coordenado por François Hou-

tart (CETRI) em um texto anexo a press release (ver anexo 2). **2. O processo FSM** Foi feito o informe sobre o processo do Fórum temático Argentina (Buenos Aires, dias 22 a 25 de Agosto). O grupo de trabalho da Índia fez o informe sobre o Fórum Social Asiático que ocorrerá entre os dias 2 a 7 de Janeiro de 2003 em Hyderabad. Também foi dado um informe da iniciativa da Palestina. Foi formado um comitê com organizações palestinas e internacionais com o objetivo de organizar um Fórum em Ramallah no dia 24/12/2002. Idéia é de fazer uma reunião de preparação em Florença durante o Fórum Europeu para avançar na preparação da iniciativa. O grupo de trabalho do Fórum Europeu fez o informe sobre sua iniciativa. Um dos temas da discussão foi a questão dos partidos políticos e sua relação com o Fórum Europeu. Foi formado um Grupo de Trabalho integrado por François Houtart, Chico Whitaker, Gigi Francisco e Diane Matte para aprofundar a discussão do tema. O encaminhamento aprovado ao final da reunião foi que o grupo de trabalho do FSE aprofundará, em sua reunião de Barcelona de 5 e 6 de outubro, a discussão sobre a questão da participação de partidos políticos a partir do que a Carta de Princípios estabelece sobre a questão. **3. Metodologia** A Secretaria do FSM fez uma apresentação do texto, seguida de uma discussão inicial em plenária. Depois foram formados dois grupos que se reuniram para discutir a proposta. Num segundo momento, estes grupos apresentaram o resultado do seu trabalho para a plenária. Estas propostas estão incorporadas ao texto que seguirá em breve. Foi formado um grupo de responsáveis por cada um dos cinco eixos temáticos, com membros da secretaria do FSM e do Conselho internacional. Este grupo trará propostas de subtemas e nomes de painelistas para cada um dos cinco eixos. Este grupo é aberto para os membros do CI. Em uma discussão inicial, pensou-se em diminuir os eixos temáticos para três, mas ao final foram aprovados os cinco eixos temáticos. **Os cinco eixos são:** **1.** Desenvolvimento Democrático e Sustentável **2.** Princípios e Valores, Direitos Humanos, Diversidade e Igualdade **3.** Mídia, Cultura e Contra-Hegemonia **4.** Poder Político, Sociedade Civil e Democracia **5.** Ordem Mundial Democrática, Combate a Militarização e Promoção da Paz A estrutura metodológica formada por: painéis, mesas de diálogo e controvérsias, seminários, conferências, oficinas, FSM pelo mundo foram aprovadas. Foi feito um pedido de uma explicação mais detalhada do que seriam as mesas de diálogos e controvérsias. Outro ponto debatido foi a inscrição de partidos políticos como observadores no FSM 2003. **4. Regimento Interno** A Secretaria do FSM fez uma apresentação do texto elaborado pelo Grupo de Trabalho de Regimento Interno, e a partir daí foi feita uma discussão em plenária. Em seguida foram formados dois grupos de trabalho que se reuniram para discutir a proposta. Num segundo momento, estes grupos apresentaram o resultado do seu trabalho para a plenária. Estas propostas estão incorporadas ao texto que lhes será encaminhado em breve. As propostas e emendas trazidas pelos grupos serão incorporadas a proposta do Grupo de Trabalho de Regimento Interno. Este grupo, formado em Barcelona, será mantido até a próxima reunião do Conselho Internacional em Florença. O GT de Regimento Interno permanece aberto para a incorporação de outros membros do CI. **5. Comunicação** Foi feito um informe sobre comunicação pela secretaria do FSM, ressaltando a importância de se identificar regiões onde o FSM ainda é pouco conhecido e identificar parceiros para a divulgação do FSM nestas regiões. De imediato, é importante que sejam identificadas organizações dispostas a contribuir no trabalho da comunicação. Um exemplo de contribuição é a colocação de um link do site do FSM nas páginas dos Fóruns Regionais, além disso é importante que notícias sobre o FSM estejam presentes nos matérias de divulgação das entidades do CI. Outra forma de contribuição é o envio de sugestões de pauta para boletim e site do FSM. As reuniões de pauta da secretaria são feitas toda segunda-feira as 14:00 horas, as sugestões podem ser enviadas para os e-mails: [fsm2003imprensa@uol.com.br](mailto:fsm2003imprensa@uol.com.br) <<mailto:fsm2003imprensa@uol.com.br>> e [fsm2003site@uol.com.br](mailto:fsm2003site@uol.com.br) <<mailto:fsm2003site@uol.com.br>>. A APC ofereceu ajuda para fazer reunião de pauta on-line. **6. Rede de Parlamentares** Foi feito um informe sobre a construção de uma rede de parlamentares junto com outras redes com o objetivo de seguir as atividades de interesse dos movimentos populares nos parlamentos. Foi ressaltada a importância de que esta rede estivesse atuando em sintonia com o FSM. Deve ocorrer, em São Paulo, uma reunião com a presença de uma delegação européia e de organizadores de um Fórum do Parlamentares, em outubro após as eleições brasileiras. **7. Fórum de Autoridades Locais** O Fórum de Autoridades Locais ocorrerá em Porto Alegre durante os dias 21 e 22 de janeiro. Está programada uma reunião para o dia 05/11 em Florença para articulação do Fórum de Autoridades Locais. **8. Acampamento da Juventude** Foi feito informe sobre o acampamento da juventude. O Acampamento tem como um de seus principais objetivos incorporar sua programação ao Fórum Social Mundial e a internacionalização do Acampamento. Para tanto foi proposta a realização de duas reuniões, uma em Florença

durante o Fórum Social Europeu e outra no México próximo à reunião da OCLAE. **9. Palestina** Foi ressaltada a importância da criação de mecanismos para ultrapassar os obstáculos impostos a realização de um Fórum na Palestina. Foi criado um grupo de apoio internacional para com o objetivo de conduzir campanhas internacionais com o intuito de minimizar e ultrapassar estes obstáculos. Faz parte deste grupo a Secretaria do FSM, a Grupo de Trabalho do Fórum Europeu e a Arab NGO Network for Development e será indicado um membro do Fórum Asiático. O grupo é aberto e o apoio do CI como um todo é fundamental para viabilizar a iniciativa. **10. Encaminhamentos**

- 1.** Grupo de responsáveis por cada um dos cinco eixos temáticos, com membros da secretaria do FSM e do Conselho Internacional, trará propostas de subtemas e nomes de painelistas para cada um dos cinco eixos. As propostas de subtemas devem ser encaminhadas até dia 15/09. A primeira versão do programa completo incluindo indicação de nomes até 15/10 e programação definitiva até final de outubro.
- 2.** Grupo de Trabalho de Regimento Interno incorporará propostas e emendas ao texto de Regimento Interno que será enviado em breve e novamente discutido em plenária na próxima reunião do CI em Florença.
- 3.** Novo informe sobre a mobilização para Cancun, por ocasião da quinta reunião ministerial da OMC, será dado em Florença. A divulgação da proposta que Walden Bello encaminhará proximamente para que os movimentos sociais e organizações que queiram participar dessa mobilização a incorporem em suas agendas, será feita pelo site do FSM e pelas redes e entidades.
- 4.** Reunião do Acampamento da Juventude em Florença durante o FSE e em Guadalajara, México, próximo a reunião da OCLAE.
- 5.** Será formada uma lista de discussão para o Grupo de Apoio Internacional para o Fórum na Palestina.
- 6.** Sugestões de pauta para boletim e site do FSM devem ser enviadas para os seguintes e-mails: [fsm2003imprensa@uol.com.br](mailto:fsm2003imprensa@uol.com.br) <<mailto:fsm2003imprensa@uol.com.br>> e [fsm2003site@uol.com.br](mailto:fsm2003site@uol.com.br) <<mailto:fsm2003site@uol.com.br>>.
- 7.** Foram levantados alguns temas na reunião do CI em Bangcoc, são eles: relação partidos políticos e movimentos sociais, papel do Conselho Internacional, papel do Conselho Internacional em relação a campanhas, maior integração do CI. Alguns destes pontos serão discutidos no grupo de trabalho de Regimento Interno e apresentados em Florença, e outros serão incorporados à agenda desta reunião.

## RELEASE DE IMPRENSA DA REUNIAO DE BANGKOK

### Press release: Synthesis of the World Social Forum International Council Meeting held in Bangkok

*13-15 August 2002* The World Social Forum (WSF) is an open space created by and for social movements and other civil society organizations, opposed to neoliberal globalization. The WSF is a process that provides opportunities for critical reflection and construction of truly democratic and radical alternatives. Even though the WSF is above all a process, its most visible expressions have been the two massive events organized in Porto Alegre, Brazil with tens of thousands of participants from all over the world. In the first one, held in January 2001, the criticism of global capitalism was of fundamental importance. In the second, held in February 2002, the emphasis shifted towards formulating alternatives. In the program of the next global WSF event in Porto Alegre on 23-28 January 2003, strategies of social transformation will play a prominent role. The Bangkok meeting of the WSF International Council has debated and constructed a tentative structure for the program, which will be further developed and open to suggestions from movements and organizations around the world. Apart from being the focus of the next main event, the questions of strategy have also become increasingly important in the general WSF process. The most important strategic question for the future of the WSF is its geographical expansion and its deepening to reach out to all marginalized people and communities. This can be considered one part of the search for peoples' globalization, as opposed to neoliberal globalization. Rising fundamentalism, militarism and communalism, and their accentuation by neoliberalism, have become increasingly important concerns for the WSF process. The expansion and deepening of the WSF is happening in various dimensions. This Bangkok meeting of the WSF International Council - gathering for the first time in Asia - has been one step in the process. More importantly, the organizing of various regional, national and thematic social forums in different parts of the world is making the WSF a truly global process. For the WSF the incorporation and contribution of Asian social movements and other social actors is highly important. The organization of the first Asian Social Forum in Hyderabad, India, on 2-7 January 2003, will bring in and reinforce the Asian dimension of the WSF process. The other important forums constructed within the WSF process include the thematic forum on neoliberalism, organized in Buenos Aires, Argentina, next week, and the regional European Social Forum against Neoliberalism, War and Racism, that will be held on 7-10 November 2002 in Florence, Italy. Other regional and thematic forums, including one for peace and against war and occupation in Palestine, are being planned. Of the current issues discussed during this Bangkok meeting of the WSF International Council, one that merits further elaboration deals with the questions of war and peace. The next meeting of the WSF International Council will take place immediately after the European Social Forum, on November 11-13 in Florence, Italy. The WSF International Council invites all movements and civil society organizations seeking democratic alternatives to capitalist power to take part in the WSF process. We want to provide a space for critical articulation between democratic struggles engaging the indigenous, women, workers and other excluded groups. In our fight for a genuinely democratic world, we are opposed to violence and fundamentalism. We are particularly concerned about the ongoing imperialist violence and the preparations for another war on Iraq. For another world to be possible, we must renew our efforts to construct a culture of international peace, solidarity and social inclusion. The WSF International Council, Bangkok, 15 August 2002

**PRESS RELEASE On militarization and war versus peace and security** As the US government is imposing on the world its own agenda and definition of the "war on terror" and of the "axis of evil", it becomes necessary to analyze in depth the real function of these strategic moves. We condemn and rule out the use of terror as a method of political action, but we cannot ignore its breeding grounds, its mechanisms, its use by undemocratic governments and the reasons of its strong hold amongst a large number of dispossessed people in the world. We condemn also any form of State terrorism. The historical links between capitalism and war have to be recalled at this juncture. This was first the case of mercantile capitalism, with numerous wars in Asia, Africa and Latin America and with slavery, and later on of industrial capitalism with the colonial wars. We cannot forget that these wars have caused more deaths than each of the two world wars; which too were also linked to a great extent with the crisis of the economic system. It is therefore not astonishing that today, the logic of the capitalist system in its neoliberal phase of expansion, facing crises of accumulation and legitimacy, would lead

towards a multiplicity of wars; making use of existing conflicts, or of real socio-political issues like narco-trade and terrorism. As a matter of fact, since the last world war, the so-called “low intensity conflicts” have been causing millions of civilian victims, especially women. (Since 1945 the war casualties amongst women went from 5% to 80%). Weapons based on new technologies are putting the whole of humankind in danger, as also the Earth that supports it. The rising world economic imperialism greatly adds to the possibility of their actual use. War is clearly being used to stabilize the neoliberal structure and the industrial-military complex. Today, even if many local and internal conflicts are to a large extent related, directly or indirectly, to globalization, concerns exist about specific situations: - The instrumentalization of struggles against narco-trade and terrorism for the geo-strategic control of the world, with the interventions of the US, particularly in Colombia, and extensions in Latin America, and of course in Afghanistan, and extensions in Central and South East Asia; with the relative support of most of the European countries. It needs to be recognized that the war against terrorism in Afghanistan hides the imperialist designs of the US and its oil companies to establish a route for extracting oil and gas from Central Asia. - The planned war against Iraq by the US government, linked with the control of Middle East petroleum - The lack of support to the Palestinian cause and the absence of an efficient condemnation of the occupation, together with the economic and military cooperation to the government of Israel by the US are a part of the geo-strategy of the US and some European States. - The Indo-Pakistani conflict as a base for a growing involvement of the US in the region, with portents of a nuclear war and of increasing violence on religious and ethnic grounds, is related to a broader strategy and also to interests of weapons traders and manufacturers. - The extension of NATO to new countries of Eastern Europe by the end of 2002 will extend the US military control over Europe, with the collaboration of European allies, in the same logic as that of wars in Yugoslavia. The US government, significantly, wants to use NATO on a case by case basis, reserving the right to act unilaterally if some of its allies express reservations. Simultaneously, Russia is being given carte blanche to conduct its own “war on terror” in Chechnya. Therefore, the convergence between peace movements and all other movements is of crucial importance; internationally, regionally and locally, and should be accomplished in various forums. The search for political solutions, the promotion of movements against war and in favor of peace, the building of a culture of peace and social inclusion, are part and parcel of the preoccupations of all those who call for a strong mobilization in order to establish the vision that “Another World is indeed Possible.” (*Working group of members of the International Council coordinated by François Houtart*)

### **Resoluções da reunião do Conselho Internacional, em Porto Alegre, Brasil - 21 e 22 de janeiro de 2003**

*Orientações adotadas pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial na reunião dos dias 21 e 22 de janeiro de 2003, em Porto Alegre* O Conselho Internacional do Fórum Social Mundial adota as seguintes orientações para a continuidade do processo FSM, após a sua edição de 2003, em Porto Alegre: 1. Impulsionar a continuidade dos eventos do processo FSM, que tem caráter amplo, aberto e plural, trabalha com a diversidade de resistências, organizações e propostas, assegurando o pleno respeito à sua Carta de Princípios. O FSM deve ser um processo incremental, de aprendizado e crescimento coletivos. 2. Aprofundar o processo de experimentação de práticas e sistemas de organização horizontalizados baseados na co-responsabilidade. 3. Estimular a multiplicação de eventos regionais, nacionais, locais e temáticos, que se intercomunique horizontalmente, sem que se articulem como preparatórios. Tais encontros devem ter o seu valor político próprio. 4. Organizar as discussões e a busca de alternativas nos fóruns. As atividades programadas pelos organizadores dos fóruns devem ter o mesmo peso dos seminários e das oficinas propostas pelos participantes. Deve-se estimular o caráter internacional desses fóruns. 5. Realizar o evento mundial de 2004 do processo do Fórum Social Mundial na Índia, e em 2005, em Porto Alegre. 6. Independentizar a data de realização do evento mundial do processo do Fórum Social Mundial da data de realização do Fórum Econômico Mundial de Davos, mas mantendo-o sempre no mesmo mês do ano. Criar um “Dia Mundial de Marcha contra o Neoliberalismo e a Guerra e por um Outro Mundo Possível”, em algum dos dias em que se realize o Fórum de Davos. 7. Reunir o Conselho Internacional do FSM em junho de 2003, em janeiro e junho de 2004, em sessões de trabalho de maior duração e organizadas em grupos de trabalho e em plenárias. A tarefa

do CI será avaliar, a partir de análises sistemáticas da conjuntura mundial - em diálogo com as entidades e organizações mobilizadas no mundo contra o neoliberalismo, sistematizando a memória do processo do Fórum e apoiando-se em grupos de trabalho adhoc - a continuidade do processo, o respeito à Carta de Princípios na realização dos Fóruns Regionais e Temáticos, a identificação de temas para o trabalho do CI, para os eventos mundiais e para os Fóruns temáticos a serem estimulados, e a identificação de regiões do mundo em que o processo precisa se expandir, em aliança com movimentos e organizações dessas diferentes regiões. 8. Ampliar a composição do Conselho Internacional integrando as redes internacionais e regionais, movimentos e organizações que aceitem a Carta de Princípios do FSM e solicitem sua integração, e representantes dos Comitês Organizadores dos Fóruns Regionais e Temáticos. 9. Dar continuidade às funções da atual Secretaria do Conselho Internacional, internacionalizando-a progressivamente, com as funções de: - estimular e apoiar os fóruns regionais e temáticos; - facilitar a realização das reuniões do CI e seus grupos de trabalho; - assegurar o processo de comunicação do FSM; - assegurar a sistematização da memória do processo; - apoiar a busca de fundos para o processo FSM.

## **Foros Sociales Regionales y Temáticos**

Los Foros Sociales Regionales forman parte del proceso de construcción y mundialización del Foro Social Mundial. Así como el FSM, los Foros Regionales son espacios abiertos de encuentros para el debate democrático de ideas, la formulación de propuestas y el intercambio libre de experiencias de entidades y movimientos de la sociedad civil que se oponen a la globalización neoliberal. Se llaman de "regionales" porque ocurren en un ámbito macro-regional. Siguen la metodología y los criterios políticos estipulados por la Carta de Principios del FSM y tienen como objetivo aproximar el Foro Social Mundial a la realidad de los movimientos y entidades sociales en las diferentes regiones del mundo y viceversa. En el período que antecedió al FSM 2003, fueron realizados los Foros Sociales Europeo, Asiático y Panamazónico. Los Foros Sociales Temáticos tienen como objetivo atender a la demanda de profundización de los debates de cuestiones específicas, consideradas prioritarias en la coyuntura mundial por el Consejo Internacional del FSM. En el año 2002, fue realizado el Foro Social Temático Argentina, que discutió los efectos de las políticas neoliberales sobre los países en desarrollo y el Foro Social Palestina, que discutió resoluciones de conflicto enfocando la cuestión Israel-Palestina.

23/07/2003

#### **Regras de funcionamento do CI do FSM**

*O Conselho Internacional do FSM adota, a partir de sua reunião de Junho de 2003, em Miami, um conjunto prático de procedimentos para seu funcionamento. Através desses procedimentos, busca assegurar que todos seus membros possam continuar trabalhando conjuntamente.*

1. O processo de internacionalização do FSM avançou muito no último ano, abrindo novas oportunidades, estabelecendo novos desafios e exigindo mudanças na articulação das atividades no processo FSM. É necessário garantir, nessa nova etapa, um bom funcionamento do Conselho Internacional, para que este possa responder por sua responsabilidade nesse processo como espaço aberto.

2. Para cumprir com mais eficácia suas funções previstas nas orientações adotadas na reunião do CI, em 21/22 de janeiro de 2003, em Porto Alegre, o CI passará a trabalhar organizado em seis Comissões, que são as seguintes:

a. **ESTRATÉGIAS:** aprofundar as análises das estratégias, das iniciativas e das ações dos agentes do neoliberalismo, bem como das iniciativas dos que se contrapõem à dominação neoliberal (movimento mundial anti ou alter mundialista), visando a facilitar o debate de estratégias de resistência e de construção do "outro mundo possível";

b. **CONTEÚDOS:** coleta (memória), sistematização (análise e organização temática) e divulgação entre os participantes do processo do Fórum (por meios eletrônicos, publicações escritas e organização de seminários de discussão) de análises e propostas de novas iniciativas e alternativas para a resistência ao neoliberalismo e a construção do "outro mundo possível", surgidas em fóruns já realizados, bem como o estímulo para intensificarem-se as relações e as iniciativas dos participantes do processo em torno de tais propostas, avaliando-se a pertinência de realização de fóruns temáticos de aprofundamento de questões específicas;

c. **METODOLOGIA:** sistematização e consolidação da metodologia de organização dos fóruns, com base na Carta de Princípios e a partir da experiência dos fóruns realizados, uma vez que essa metodologia assegura o caráter de espaço aberto que respeita a diversidade e a pluralidade e se constitui na principal força;

d. **EXPANSÃO:** apoiar o desenvolvimento de fóruns sociais regionais, nacionais ou locais com base nessa metodologia, assim como a expansão do processo às áreas geográficas do mundo em que as organizações da sociedade civil ainda não o conheçam suficientemente, para que tomem a iniciativa de promover fóruns ou participem dos que se realizem nessas áreas, ajudando igualmente que esta expansão se reflita na composição do CI;

e. **COMUNICAÇÃO:** construção de sistemas de informação do processo FSM para além de sua esfera e entre seus participantes, identificando métodos de trabalho à distância para o CI e as Comissões;

f. **FINANÇAS:** construção de um sistema solidário internacional de financiemen-

to das atividades do processo do FSM;

3. Para trabalhar segundo essa organização, os membros do CI distribuíram-se, na reunião de Miami, nessas seis Comissões. Cada Comissão encarregar-se-á de uma das funções.

4. Cada Comissão estabelecerá, a seu modo, o calendário de trabalho e a forma de desenvolver suas atividades. As Comissões apresentarão, na próxima reunião do Conselho, um primeiro balanço das atividades, que deverá ser previamente divulgado a todos seus membros. O CI faz o monitoramento e a avaliação das atividades das Comissões.

5. Na reunião do CI, de Junho de 2004, as Comissões apresentarão seus trabalhos, previamente divulgados a todos os membros do Conselho, para discussão conjunta. As discussões feitas nessa reunião do Conselho deverão incentivar a continuidade do trabalho das Comissões, podendo levar à determinação de temáticas e à criação de novas Comissões e orientações para o FSM 2005.

6. As Comissões terão entre suas prioridades acompanhar e apoiar a realização do Fórum Social Mundial 2004, em Mumbai.

7. Sobre sua composição, o CI adota os critérios enunciados a seguir:

a. obrigação dos membros de aceitar a Carta de Princípios e de aplicá-la em sua prática cotidiana;

b. buscar a participação no CI de organizações de todos os continentes e regiões e a diversificação de tipos e áreas de atuação de organizações, com o fim de obter maior equilíbrio geográfico, racial, setorial, etário e de gênero;

c. participação ativa nos trabalhos de pelo menos uma das Comissões do CI ou do Comitê Organizador de Fóruns Sociais Regionais ou temáticos;

d. Comitês Organizadores de Fóruns Regionais ou Temáticos, assumidos pelo CI como parte do processo internacional do FSM, assim como dos Fóruns Sociais Mundiais, poderão participar do CI com um/a delegado/a e um/a suplente, nos 12 meses anteriores e nos 12 meses posteriores ao evento que organizarem.

8. O procedimento de ingresso de novos membros será o seguinte:

a. a solicitação será apresentada por escrito à Secretaria do FSM, com o aval de pelo menos dois membros do CI. A seguir, a Secretaria comunicará a todos os membros do CI com pelo menos trinta dias de antecedência da reunião do CI;

b. o candidato deverá confirmar uma existência de pelo menos, a princípio, 02 anos;

c. o candidato deverá fornecer, por escrito, a aceitação da Carta de Princípios;

d. o candidato deverá, ainda, garantir uma participação ativa nos trabalhos de pelo menos uma das Comissões do CI ou do Comitê Organizador de Fóruns Sociais Regionais ou temáticos;

e. a candidatura deverá ser aprovada pelo CI, com base no parecer de um Grupo de Trabalho designado pelo CI no encontro anterior;

f. as organizações que já tenham solicitado adesão ao CI serão avaliadas segundo os mesmos critérios.

9. Uma organização poderá apresentar sua candidatura para ser colaboradora de uma das Comissões do CI. Essa solicitação será apresentada e aprovada pela Comissão respectiva, sem que isso implique que a colaboradora se torne membro do CI.

10. A solicitação para participação de observadores nas reuniões do CI será avaliada pelo mesmo Grupo de Trabalho encarregado de emitir parecer sobre os novos membros.

11. No que se refere às funções do Secretariado do FSM e suas relações com o CI, o primeiro princípio determina que as decisões políticas do processo FSM são tomadas pelo CI, toda vez que se reunir em assembléia.

12. O Secretariado do FSM é um organismo técnico e de prestação de serviço, formado pelo antigo Comitê de Organização brasileiro juntamente com o Comitê de Organização do lugar em que seja realizado o Fórum Social Mundial. A divisão de funções e tarefas entre o antigo Comitê de Organização brasileiro e os referidos Comitês será decidida por eles mesmos. Por ocasião da revisão desse documento, será discutida também a continuação do processo de internacionalização da Secretaria a partir de junho 2004.

13. As funções do Secretariado, conforme decidido na reunião do CI de janeiro de 2003, em Porto Alegre, são as seguintes:

- estimular e apoiar os Fóruns Regionais e temáticos;
- facilitar a realização das reuniões do CI;
- garantir o processo de comunicação do FSM;
- assegurar a sistematização da memória do processo;
- apoiar a obtenção de fundos para o processo FS.

14. A função de facilitar as reuniões das Comissões do CI deve ser agora agregada a essas funções, devendo o Secretariado trabalhar em consonância com essas Comissões, apoiando seu trabalho e recebendo delas contribuições para a realização dos Fóruns e das reuniões do CI.

15. O Secretariado deverá apresentar, em cada reunião do CI, um informe sobre suas atividades e um informe financeiro depois da realização de cada Fórum Social Mundial. Ambos informes deverão ser enviados a todos os membros do CI

pelo menos 15 dias antes de sua reunião.

16. O Boletim do FSM divulgará regularmente informações sobre as atividades desenvolvidas no processo FSM.

17. Será garantida a livre intercomunicação entre os membros do CI, que deverão dispor de uma relação sempre atualizada dos devidos endereços. A Secretaria do FSM assegurará o funcionamento de uma lista fechada de discussões pela Internet, a ser utilizada por todos os membros do CI, por intermédio da qual se buscará a máxima transparência em informações fornecidas ou solicitadas sobre as atividades desenvolvidas no processo FSM

18. O CI, em sua reunião de junho de 2003, em Miami, também começou a discutir a proposta de Regulamento Interno do CI, preparado pelo Grupo de Trabalho criado com tal missão, e decidiu dar continuidade a essa discussão e a das presentes regras pela lista fechada do CI na Internet, devendo retomá-la em sua próxima reunião visando a avançar no processo de esclarecimento e sistematização do funcionamento do CI. Um Grupo de Trabalho especial será constituído nessa reunião do CI, para sistematizar a discussão.

19. Todos os pontos deste documento serão objeto de avaliação e revisão em 01 ano.

(Miami, 26/06/03)

**Nota: outras definições adotadas posteriormente na reunião sobre a aplicação dessas regras.**

20. O CI decidiu que, até sua próxima reunião em Mumbai (janeiro, 2004), as funções do Grupo de Trabalho de avaliação de candidaturas de novos membros, mencionada no ponto 8.e, e de participação de observadores (item 10) serão cumpridas pela Comissão de Expansão (ponto 2.d).

21. O CI definiu que a discussão de regulamento interno (a que se refere o item 18) só será retomada posteriormente ao FSM em Mumbai. O novo GT ficou constituído por CBJP-Brasil (Chico), IPS (Savio), ALAI (Sally), Rede Global de Economia Solidária (Carola), NIGD-IOC (Vijay) e CUT (Gustavo-Brasil).

22. A próxima reunião do CI será em janeiro em Mumbai, Índia. Haverá duas partes: um dia antes do FSM, haverá uma sessão para socializar informações sobre o evento entre os/as membros do CI; após o encerramento do evento, haverá outra sessão para tratar da agenda de discussões que estejam pendentes (balanço do FSM em Mumbai, trabalho das Comissões, etc.). De acordo com o definido no ponto 14, o Secretariado organizará a agenda da próxima reunião do CI em diálogo com as Comissões.

Traduzido por Sonia Maria Hercz – Brasil  
Revisado por Lucia Leiria – Brasil

04/02/2004

**Propuestas adoptadas en la reunión del CI / FSM el 23 de Enero de 2004 en Mumbai, India**

1. Las 06 Comisiones del CI continuarán funcionando para desarrollar sus planes de trabajo, considerando las siguientes definiciones del CI.
2. Quedan mantenidas las 06 Comisiones, al mismo tiempo que el CI estimula a que siempre que necesario haya articulación y diálogo entre las mismas.
3. El FSM 2005 será, como los anteriores y en acuerdo con la Carta de Principios, un espacio abierto para actividades auto-organizadas por las organizaciones participantes, según las prioridades definidas por ellas mismas – considerándose las limitaciones de logística. Se recomienda que sea anticipada lo más posible la fecha límite de inscripciones de actividades.

Sin embargo, en Porto Alegre 2005 deberá ser dado un nuevo paso en nuestro proceso, con vistas a avanzar en una metodología de trabajo y en un formato de FSM que estimule desde antes y durante el FSM el diálogo, la identificación de convergencias en lo que respecta a temas y estrategias, las articulaciones y la formulación de planes de acción, respetada la diversidad y la multiplicidad de objetivos y estrategias, las divergencias, el pluralismo, la diversidad de opiniones y todos los valores consignados en nuestra Carta de Principios.

Todas las propuestas de miembros del CI que apunten en esa perspectiva deberán ser enviadas a las **Comisiones de Metodología** y de **Temáticas y Contenidos** como insumo para su trabajo.

Este es el rumbo general que las **Comisiones de Metodología** y **Temáticas y Contenidos** deben considerar al desarrollar, para la próxima reunión del CI, sus propuestas sobre cómo avanzar el proceso y cuál debe ser el formato del FSM en Porto Alegre.

4. La **Comisión de Finanzas** deberá elaborar para la próxima reunión del CI un documento que avance en nuestros criterios en relación a la solicitud de fondos.

El déficit referente a la organización del FSM 2004, en India, es también responsabilidad del CI; propuestas de cómo cubrirlo serán discutidas en la **Comisión de Finanzas** y con el **Secretariado (Brasil y India)** a partir de informe detallado de los gastos de Mumbai.

La **Comisión de Finanzas** también deberá discutir una estrategia de financiamiento del proceso a largo plazo.

6. El CI aprueba la constitución de un Fondo de Solidariedad para viabilizar la participación - tanto en el CI como en los eventos FSM - de delegaciones de excluidos en general, luchadores/as contra el patriarcado y las diversas formas de opresión, de bajos ingresos. El formato, las reglas y la forma de administración de ese Fondo serán definidas en la próxima reunión, a partir de una propuesta de la **Comisión de Expansión** en articulación con la **Comisión de Finanzas**.

7. La **Comisión de Expansión** deberá también:

- 7.1.- someter al CI una propuesta de ampliación /detallamiento de los criterios para admisión de nuevos miembros (*expansión a través del CI*),
- 7.2.- remitir a la lista electrónica del CI hasta finales de febrero toda la documentación en relación a los pedidos de incorporación (recibidos entre Barcelona y Miami), para deliberación en la próxima reunión del CI,
- 7.3.- elaborar una política de expansión del FSM en cuanto proceso y a través de los eventos
- 7.4.- elaborar en articulación con la **Comisión de Metodología** una propuesta de articulación entre FSM Temáticos, Regionales y Mundial.

8. La **Comisión de Estrategias** deberá presentar al CI en su próxima reunión un plano de trabajo. En la próxima reunión del CI, una de las sesiones será dedicada al debate estratégico con temario y metodología definidos por la **Comisión de Estrategias**.

9. La **Comisión de Comunicación** deberá presentar un plan para la próxima reunión del CI si-

guiendo el esquema sistematizado en Mumbai.

10. El CI confirma la realización del FSM en Porto Alegre en 2005 que deberá acontecer en las mismas fechas del Foro Económico Mundial de Davos.

11. La próxima reunión del CI tendrá como foco el tratamiento de los temas antes mencionados. Deberá tener un carácter estricto de reunión de trabajo. Con esos criterios y para reducir costos, será realizada en Italia, los días 5 a 7 de abril de 2004.

Para resolver el problema de que ese lugar es una desventaja para el Sur, en términos de costos de viaje, será estudiada la posibilidad de hacer un cálculo de los gastos, según la cual la suma de los costos de los pasajes de todos los participantes confirmados será dividido por el número total de participantes, cabiendo a cada uno pagar este valor medio. Ello significará que los y las delegados/as europeos/as, además de pagar su pasaje deberán contribuir con un valor extra y los/las delegados/as del sur recibirán un reintegro de parte de los costos de sus pasajes (metodología cuya viabilidad depende de las exigencias administrativas de cada organización)..

12. La reunión del CI hizo una primera discusión sobre periodicidad, rotatividad de la sede y sobre el local del FSM después de Porto Alegre 2005. Las **Comisiones de Metodología y Expansión** deberán llevar un documento sobre esos temas al próximo CI para su discusión.

13. Sobre la denuncia de estupro en la delegación de África del Sur durante el FSM en Mumbai:

13.1.- las organizaciones de mujeres elaborarán una nota para ser publicada en el sitio del FSM;

13.2.- la Marcha Mundial de Mujeres escribirá una propuesta de política de como prevenir y tratar los casos de violencia contra las mujeres en los eventos/procesos del FSM que será discutida por las organizaciones de mujeres y posteriormente será objeto de deliberación en la próxima reunión del CI.

14. El CI garantizara apoyo al Campamento Intercontinental de la Juventud y promoverá una integración real del Campamento en el proceso/evento FSM 2005. El Secretariado discutirá con la comisión de organización del campamento un plan para materializar esa propuesta.

15. Considerando los actos de cierre de los últimos FSM, el CI hará una cuidadosa evaluación de los mismos (su función, formato y objetivos).

**Nota:** el **punto 11.** *"La próxima reunión del CI... será realizada en Italia, los días 5 a 7 de abril de 2004"* podría aún ser modificado en común acuerdo con nuestros/as anfitriones/as italianos/as y los/as miembros del CI, para comenzar antes del 5 (el 3 o el 4 de Abril) y terminar antes del 7 etc.

[http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id\\_menu=5\\_4&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=5_4&cd_language=1)

extraído dia 21de novembro de 2005.

18.10.2004

### **Metodologia do FSM 2005**

Na quinta edição do Fórum Social Mundial, a construção da programação seguiu uma nova metodologia, que busca ampliar a convergência, multiplicar os diálogos durante o evento e evitar a repetição desarticulada de atividades sobre o mesmo tema. O programa do encontro foi constituído a partir das atividades autogestionadas propostas pelas organizações participantes do FSM 2005.

A nova metodologia aprovada pelo Conselho Internacional em abril de 2004 teve como primeiro passo prático a realização de uma Consulta Temática, um questionário amplamente divulgado que buscou identificar que lutas, questões, problemas, propostas e desafios as diversas organizações que participam do processo FSM consideram importante discutir no FSM 2005 e que atividades tinham a intenção de organizar em Porto Alegre. Da análise das respostas pelas comissões de Metodologia e Conteúdo do Conselho Internacional, resultaram 11 espaços temáticos que organizaram todas as atividades propostas para o FSM 2005:

01. Afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos – Como alternativa à mercantilização

e ao controle das transnacionais

02. Arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos
03. Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas
04. Defendendo as diversidades, pluralidade e identidades
05. Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário
06. Economias soberanas pelos e para os povos – Contra o capitalismo neoliberal
07. Ética, cosmovisões e espiritualidades – Resistências e desafios para um novo mundo
08. Lutas sociais e alternativas democráticas – Contra a dominação neoliberal
09. Paz e desmilitarização – Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida
10. Pensamento autônomo, reapropriação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias
11. Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e integração dos povos

Também foram identificado 3 eixos transversais:

01. Emancipação social e dimensão política das lutas
02. Luta contra o capitalismo patriarcal
03. Luta contra o racismo

### **Grupos aglutinadores**

Uma das grandes novidades da metodologia de 2005 foi a formação dos grupos aglutinadores, que são conjuntos de organizações que trabalham em torno de temas comuns e que estão abertas a articularem suas atividades com as das de outras organizações.

### **Inscrições antecipadas**

Neste novo desenho de metodologia para a construção da programação, foi fundamental que as diversas organizações participantes do processo FSM realizassem antecipadamente sua(s) proposta(s) de atividade, mesmo que esta(s) ainda não tivessem um formato definitivo. Essa iniciativa permitiu que outras entidades pudessem visualizar as atividades inscritas por meio da consulta pública disponível no site de inscrições. Foi com base nessa pesquisa que foi possível iniciar o processo de aglutinação de atividades.

Em 2005, ao propor uma atividade autogestionada, cada organização teve de vinculá-la a um dos 11 espaços temáticos definidos. A novidade é que essa informação estava disponível numa consulta pública, de forma que outras organizações tivessem acesso aos contatos das entidades inscritas e aos conteúdos das atividades propostas. Para possibilitar esse processo, o site das inscrições contou com um sistema de busca para as organizações encontrarem as demais entidades com temas e propostas em comum, seja por palavra-chave ou por propostas (de atividades e por espaço temático).

Além disso, outro importante instrumento para articular as diversas propostas, temas, lutas, desafios, campanhas foram as palavras-chave. Em 2004, a ficha de inscrição conteve uma lista inicial com 117 sugestões, formulada a partir da Consulta Temática e das palavras-chaves das edições anteriores do FSM.

Clique **aqui** para ter mais informações sobre as inscrições.

### **Para saber mais:**

Site do questionário da consulta temática

Relato da reunião das comissões de Metodologia e de Conteúdos e Temáticas (São Paulo, 23 e 24/08/2004)

Documento sobre espaços transversais (São Paulo, 23 e 24/08/2004)

20.02.2005

### **Reunião do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial**

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2005.

O Conselho Internacional do processo Fórum Social Mundial (FSM) decide sobre o FSM 2006:

- 1.O FSM 2006 será realizado de forma descentralizada, em diferentes lugares do mundo. Essa decisão visa à expansão e enraizamento do processo.
- 2.Integrarão o FSM 2006 os eventos realizados em diferentes regiões e países cujas organizações se proponham a compartilhar princípios metodológicos construídos em comum, em consonância com a Carta de Princípios.
- 3.O processo FSM 2006 terá início com a realização de eventos na mesma data do Fórum de Davos.
- 4.As propostas de eventos para o FSM 2006 deverão ser apresentadas antes de abril e formuladas em diálogo entre as instâncias organizativas do processo FSM.
- 5.A deliberação final sobre os eventos do FSM 2006 será tomada na reunião do Conselho Internacional

do FSM em abril.

6. Na reunião de abril, o Conselho Internacional definirá a arquitetura do processo FSM 2006, compreendendo também uma composição do Secretariado Internacional, adequada aos novos desafios.

7. Até abril, o Secretariado Internacional do FSM, composto por parte brasileira e parte indiana, continuará desenvolvendo suas funções.

8. Os organizadores dos eventos do processo FSM 2006 sistematizarão e divulgarão suas experiências visando socializá-las.

9. O Conselho Internacional apoiará de forma efetiva os processos regionais e temáticos em curso.

O Conselho Internacional do processo Fórum Social Mundial decide sobre o FSM 2007:

1. O FSM 2007 será realizado na África.

2. A organização do FSM 2007 será de responsabilidade das organizações africanas. O Conselho Internacional compartilhará esta responsabilidade.

3. As organizações africanas apresentarão, na reunião do Conselho Internacional, o calendário e programa de trabalho para o FSM 2007.

4. O Conselho Internacional desenvolverá desde já uma ativa solidariedade para com o processo do FSM 2007 na África.

[http://www.ceas.com.br/cadernos/cc215\\_m\\_PA.htm](http://www.ceas.com.br/cadernos/cc215_m_PA.htm)

# Cadernos do CEAS

N. 215 - Janeiro/Fevereiro 2005

---

## MANIFESTO DE PORTO ALEGRE

Desde o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre (RS), em janeiro de 2001, o fenômeno dos fóruns sociais se estendeu a todos os continentes, inclusive nos níveis nacional e local. O Fórum favoreceu a emergência de um espaço público planetário da cidadania e de suas lutas, assim como a elaboração de propostas de políticas alternativas à tirania da globalização neoliberal impulsionada pelos mercados financeiros e as transnacionais, cujo braço armado é o poder imperial dos Estados Unidos.

Por sua diversidade, assim como pela solidariedade entre os atores e os movimentos sociais que o compõem, o *movimento altermundista* se transformou em uma força que já é levada muito em conta em todo o planeta. Entre as inumeráveis propostas que têm saído dos fóruns, um grande número delas conta sem dúvida com um amplo apoio junto aos movimentos sociais. Nós, signatários do *Manifesto de Porto Alegre*, que nos exprimimos a título estritamente pessoal, sem pretender, de modo algum, falar em nome do Fórum, identificamos doze destas propostas que, em conjunto, dão sentido à construção de outro mundo possível. Se fossem aplicadas, permitiriam que a cidadania começasse por fim a reapropriar-se de seu futuro.

Submetemos estes pontos fundamentais à apreciação dos atores e movimentos sociais de todos os países. São eles que, em todos os níveis - mundial, continental, nacional e local - poderão levar adiante os combates necessários para que se transformem em realidade. Nós não temos nenhuma ilusão sobre a real vontade dos governos e das instituições internacionais em aplicar espontaneamente estas propostas.

**A) Outro Mundo Possível deve respeitar o direito à vida de todos os seres humanos, mediante novas regras econômicas. Para tanto, é necessário:**

1) Anular a dívida pública dos países do Sul, que já foi paga várias vezes e que constitui, para os Estados credores, os estabelecimentos financeiros e as instituições financeiras internacionais a melhor maneira de submeter a maior parte da humanidade à sua tutela e mantê-la na miséria;

2) Aplicar taxas internacionais às transações financeiras (especialmente a *Taxa Tobin* às transações especulativas de divisas), aos investimentos diretos no estrangeiro, aos lucros consolidados das transnacionais, à venda

de armas e às atividades que emitem de forma substantiva gases que produzem o efeito estufa;

3) Desmantelar progressivamente todas as formas de paraísos fiscais, jurídicos e bancários, que nada mais são do que refúgios do crime organizado, da corrupção e de todos os tipos de tráficos, fraudes e evasões fiscais, operações delituosas de grandes empresas e, inclusive, de governos;

4) Cada habitante do planeta deve ter direito a um emprego, à proteção social e à aposentadoria, respeitando a igualdade entre homens e mulheres, sendo este um imperativo de políticas públicas nacionais e internacionais;

5) Promover todas as formas de comércio justo, rechaçando as regras de livre comércio da Organização Mundial do Comércio (OMC) e colocando em execução mecanismos que permitam, nos processos de produção de bens e serviços, dirigir-se progressivamente a um nivelamento por alto das normas sociais (tal como estão consignadas nas convenções da Organização Internacional do Trabalho-OIT) e ambientais. Excluir totalmente a educação, a saúde, os serviços sociais e a cultura do terreno de aplicação do Acordo Geral Sobre o Comércio e os Serviços (AGCS) da OMC. A convenção sobre a diversidade cultural, que atualmente está sendo negociada na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), deve fazer prevalecer explicitamente o direito à cultura sobre o direito ao comércio;

6) Garantir o direito à soberania e segurança alimentar de cada país, mediante a promoção da agricultura campesina. Isso pressupõe a eliminação total dos subsídios à exportação dos produtos agrícolas, em primeiro lugar por parte dos Estados Unidos e da União Européia. Da mesma maneira, cada país ou conjunto de países deve poder decidir soberanamente sobre a proibição da produção e importação de organismos geneticamente modificados (OGM) destinados à alimentação;

7) Proibir todo tipo de patenteamento do conhecimento e dos seres vivos (tanto humanos como animais e vegetais), do mesmo modo que toda a privatização de bens comuns da humanidade, em particular a água;

**B) Outro Mundo Possível deve encorajar a vida em comum em paz e com justiça, para toda a humanidade. Para tanto, é necessário:**

8) Lutar, em primeiro lugar, por diferentes políticas públicas contra todas as formas de discriminação (sexismo, xenofobia, anti-semitismo e racismo). Reconhecer plenamente os direitos políticos, culturais e ambientais (incluindo o domínio de recursos naturais) dos povos indígenas;

9) Tomar medidas urgentes para colocar um fim à destruição do meio ambiente e à ameaça de mudanças climáticas graves devido ao efeito estufa resultante, em primeiro lugar, da proliferação do transporte individual e do uso excessivo de energias não-renováveis. Começar a implementar outro modelo de desenvolvimento fundado na sobriedade energética e no controle democrático dos recursos naturais, em particular a água potável, em uma escala planetária;

10) Exigir o desmantelamento das bases militares estrangeiras e de suas tropas em todos os países, salvo quando estejam sob mandato expresso da Organização das Nações Unidas (ONU);

**C) Outro Mundo Possível deve promover a democracia desde o plano local até o global. Para tanto, é necessário:**

11) Garantir o direito à informação e o direito de informar dos cidadãos mediante legislações que: a) ponham fim à concentração de veículos em grupos de comunicação gigantes; b) garantam a autonomia dos jornalistas diante dos acionistas e c) favoreçam a imprensa sem fins lucrativos, em particular a dos meios alternativos e comunitários. O respeito destes direitos implica contra-poderes cidadãos, em particular na forma de observatórios nacionais e internacionais de meios de comunicação;

12) Reformar e democratizar em profundidade as organizações internacionais, entre elas a ONU, fazendo prevalecer nelas os direitos humanos, econômicos, sociais e culturais, em concordância com a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Isso implica a incorporação do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da OMC ao sistema das Nações Unidas. Caso persistam as violações do direito internacional por parte dos Estados Unidos, transferir a sede da ONU de Nova York para outro país, preferencialmente do Sul.

*Porto Alegre (RS), 29 de janeiro de 2005.*

**Adolfo Pérez Esquivel, Aminata Traoré, Armand Matellar, Atilio Borron, Bernard Cassen, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Galeano, Emir Sader, François Houtart, Frei Betto, Ignacio Ramonet, Immanuel Wallerstein, José Saramago, Ricardo Petrella, Roberto Sávio, Samir Amin, Samuel Luis Garcia, Tariq Ali e Walden Bello**

[http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias\\_01.php?cd\\_news=1019&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=1019&cd_language=1)

#### **Reunião do Conselho Internacional na Itália**

Entre os dias 4 e 7 de abril passado, foram realizadas em Passignano sul Trasimeno, na Itália, as reuniões do Conselho Internacional e de suas comissões. No dia 04, foram realizadas as reuniões das comissões de Metodologia e de Conteúdo e Temáticas, Expansão, Estratégias, Finanças e Comunicação. Nos dias 5 e 6, aconteceu a reunião plenária, na Isola Polvese (próxima a Passignano sul Trasimeno). No dia 7, as comissões tornaram a se reunir e, depois, apresentaram seus informes na plenária final. Em breve, será divulgado no site do FSM o informe geral mais detalhado da reunião.

#### **Periodicidade do FSM**

Ao contrário do que foi divulgado recentemente pela imprensa, ainda não foi definida a periodicidade do encontro mundial do FSM. A decisão final sobre esse assunto deverá ser apresentada apenas na próxima reunião do Conselho Internacional, que acontecerá em janeiro de 2005, em Porto Alegre.

Veja, logo abaixo, o consenso final em relação a esse tema:

“Reafirmamos que o quinto FSM será realizado em Porto Alegre, na mesma data em que o Fórum Econômico Mundial, em Davos, em 2005. Afirmamos que o FSM será realizado na África em 2007 e o Conselho Internacional sustentará proces-

soos inclusivos em todas as partes da África para facilitar esse evento.

O CI dá mandato às comissões de Expansão, Metodologia e Finanças para que elaborem e coloquem em circulação dentro dos próximos 3 meses uma proposta para as formas de atividades do FSM que serão organizadas em 2006. Esta proposta será debatida nos próximos 6 meses para ser decidida de maneira consensual no próximo CI, em 2005, em Porto Alegre.

O CI dá mandato às comissões de Expansão, Estratégias, Metodologia e Finanças de elaborar para o próximo CI um projeto de arquitetura do FSM (do CI, do Secretariado e do processo inteiro do FSM), que deverá ser debatido e aprovado naquela reunião.

O CI, enfim, em vista da edição 2005 do FSM em Porto Alegre, prolonga o mandato do Secretariado até aquela data.

Isola Polvese, 06 de abril de 2004".

#### **Metodologia do processo: rumo ao FSM 2005**

No primeiro dia da reunião plenária (05/04), o Conselho Internacional aprovou a proposta geral de metodologia do processo FSM, que buscará envolver ativamente os diversos atores na preparação do FSM. Entre outros pontos, a metodologia prevê a construção da grade temática de maneira participativa, a partir de uma ampla consulta a ser realizada nos próximos meses. Além disso, a proposta também visa facilitar o encontro entre os que querem desenvolver planos de ações e permitir um amplo diálogo não apenas por tema, como inter-setorialmente e transversalmente. Até o final de abril, serão anunciados no site e boletim do FSM mais detalhes sobre o processo rumo ao FSM 2005

#### **Novas adesões ao Conselho Internacional**

Na plenária do dia 6 de abril de 2004, realizada em Passignano sul Trasimeno, na Itália, o Conselho Internacional aprovou a recomendação feita pela Comissão de Expansão de aceitar o ingresso de 19 organizações que apresentaram candidaturas ao Conselho entre a reunião de Barcelona, em abril de 2002, e a reunião de Miami, em junho de 2003:

Alternatives Russia

Asamblea de los Pueblos del Caribe (APC)

Babels

COMPRA - Convergencia de los Movimientos de los Pueblos de las Américas

CRID - Centre de Recherche et d'Information pour le Développement

Euromarches

Federación Mundial de Juventudes Democráticas

Fédération démocratique internationale des femmes (FDIF)

Fundació per la Pau / International Peace Bureau (IPB)

GLBT South-South Dialogue

Grupo de Trabalho Amazônico (GTA)

The International Network of Street Papers (INSP)

Instituto Paulo Freire (IPF)

Peace Boat

Projeto K  
Rede CONSEU (Conferencia de Naciones sin Estado de Europa)  
UBUNTU - Foro Mundial de Redes de la Sociedad Civil  
Union Internacional de Estudiantes  
World Association of Community Radio Broadcasters (Amarc)

**Novos fóruns regional e temático: Caribe e Alternativas ao Livre Comércio**

Na última reunião do CI, realizada na Itália em abril passado, também foi confirmada a realização de um Fórum Social Caribenho, em 2005, em local ainda a ser definido, e de um fórum temático sobre Alternativas ao Livre Comércio, a ser realizado paralelamente à reunião da OMC em Hong Kong, em outubro deste ano.

## Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e a integração dos povos

### Bring us together

Objetivo da ação proposta	Allow for more human interaction between the global south and the global north
Ação para realizar esse objetivo	subsidize travel for more people from the global south
Qual organização/quais organizações proponentes	Institute for public Accuracy
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	Toward Global Democracy
Âmbito da ação	Mundial
Uma ou duas palavras-chave	Dialogue
Que outras parcerias existirão	-----
E-mail	-----

### Campanha para a auto-incorruptibilidade cosmoética

Objetivo da ação proposta	Esclarecer a sociedade de que a corrupção só pode ser eliminada a partir da superação da autocorrupção
Ação para realizar esse objetivo	Campanhas sociais, palestras públicas, cursos
Qual organização/quais organizações proponentes	Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia; UNICIN
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	Estado Mundial
Âmbito da ação	Mundial
Uma ou duas palavras-chave	Cosmoética, incorruptibilidade
Que outras parcerias existirão	-----
E-mail	iipcpoa (@) terra.com.br

### Como deve ser governado o mundo?

Objetivo da ação proposta	Propiciar a participação dos chineses e indianos na visão da governabilidade mundial
Ação para realizar esse objetivo	Proporcionar a organização de um FSM na China, buscando o diálogo com Chineses, Indianos e Brasileiros
Qual organização/quais organizações proponentes	Fondation Charles Léopold Mayer pour le Progrès de l'Homme
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	COMO DEBE SER GOBERNADO EL MUNDO? RESPUESTAS DE LOS CHINOS Y LOS INDIOS
Âmbito da ação	Mundial
Uma ou duas palavras-chave	Diálogo intercultural, governabilidade regional e mundial
Que outras parcerias existirão	Comitê Organizador do FSM; Equipe do Mural de Propostas
E-mail	gustavo (@) alliance21.org

## Crear un sistema que permita a las organizaciones después del Foro articular las propuestas presentadas

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Desarrollar un sistema que facilite a las organizaciones una libre articulación para impulsar las propuestas recogidas en este Mural de Propuestas.  Cada organización debería poder indicar que quiere apoyar una propuesta enviando automáticamente un mensaje a la organización que presentó la propuesta para que esta pueda, si lo cree conveniente, añadirla a la lista de organizaciones que apoyan la propuesta.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Pedir a los responsables del Mural de Propuestas que estudien esta idea y que la programen en esta web.
<b>Qual organização/quals organizações proponentes</b>	Nova, Centro para la Innovación Social
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Por una participación ciudadana de calidad
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	articular, mural de propuestas,
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Que las organizaciones exponen sus necesidades para articular sus propuestas y ver como se pueden resolver.
<b>E-mail</b>	marti (@) novacis.or

## Criação de um observatório de acompanhamento das iniciativas quadripartite e sua efetiva implementação

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Acompanhar as iniciativas Quadripartite e mobilizar a opinião pública a favos da implementação de taxações internacionais antes ou durante a assembléia das nações unidas em setembro de 2005
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Mobilização da opinião pública e pressão sobre os governos
<b>Qual organização/quals organizações proponentes</b>	Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais; Attac France; Coordination SUD (Solidarité - Urgence - Développement); ACCION
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Novos Mecanismos de Financiamento ao Desenvolvimento
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Taxations internationales
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Organisations de la campagne "Action mondiale contre la pauvreté" et organisation de la société civile des pays qui adhèrent à l'initiative quadripartite
<b>E-mail</b>	rouille (@) cirad.fr, tiphagne (@) coordinationsud.org

## Criação de rede prealização das metas do milenio

<b>Objetivo da ação proposta</b>	União entre todos países do mundo
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	A onu deve ajudar nesse processo com apoio de ongs e dos governos
<b>Qual organização/quals organizações proponentes</b>	Ufrgs-universidade federal do rio grande do sul
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Metas do Milênio
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	União-pressão
<b>Que outras parcerias existirão</b>	attac(movimento) e todos que se interessarem
<b>E-mail</b>	email-spazambuja (@) yahoo.com.br

### Democracia Participativa: Experiências e reflexões

Objetivo da ação proposta	Refletir e articular experiências de ação e de investigação sobre democracia participativa
Ação para realizar esse objetivo	Estreitar vínculos através de ferramentas virtuais com participantes e analista de democracia do mundo
Qual organização/ quais organizações proponentes	Red Argentina de Ciencia Política Mariano Moreno
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	Democracia Participativa, experiencias y reflexiones. Politólogos por una mundialización democrática
Âmbito da ação	Local
Uma ou duas palavras-chave	Democracia Participativa, Ciência política
Que outras parcerias existirão	-----
E-mail	info (@) redcienciapolitica.org

### EVITAR O DESCARTÁVEL PARA DIMINUIR A EXTRAÇÃO DA MATERIA PRIMA

Objetivo da ação proposta	CONSCIENTIZAÇÃO DE QUE SE REAPROVEITA COM ZELO O QUE A NATUREZA NOS DÁ MENOS EGOÍSMO AO COMODISMO EXAGERADO DE CONFORTO, RESULTANDO NA AGRESSÃO À NATU.
Ação para realizar esse objetivo	COMEÇAR UM TRABALHO PELAS ESCOLAS ONDE OS ALUNOS PODEM SER GERADORES DE ESTATÍSTICA DE DEVASTAÇÃO DO PLANETA VERSUS EXPECTATIVA PARA UM FUTURO PRÓXIMO.
Qual organização/ quais organizações proponentes	International Jesuit Network for Development; Greenpeace Brasil
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	Governança, democracia e participação
Âmbito da ação	Mundial
Uma ou duas palavras-chave	HOMEM SEM PATRIA
Que outras parcerias existirão	COMUNIDADES, IGREJAS, ESCOLAS, GRUPOS SOCIAIS E POLÍTICOS
E-mail	edamariareis (@) yahoo.com.br

### Foro Temático entorno a la situación de las diferentes poblaciones refugiadas del mundo

Objetivo da ação proposta	PROPICIAR UN ESPACIO DE ENCUENTRO DONDE LAS POBLACIONES REFUGIADAS DEL MUNDO PUEDAN DISEÑAR ESTRATEGIAS COMUNES
Ação para realizar esse objetivo	ARTICULAR FORMAS DE ACCION COLECTIVA ENTRE LAS DIFERENTES POBLACIONES REFUGIADAS DEL MUNDO
Qual organização/ quais organizações proponentes	coordinadora de asociaciones de amistad y solidaridad con el pueblo saharai COORDINADORA EUROPEA DE SOLIDARIEDAD EN EL SAHARA OCCIDENTAL
Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida	Otros muros: el caso del Sahara occidental
Âmbito da ação	Mundial
Uma ou duas palavras-chave	FORO TEMATICO, REDES, REFUGIADOS
Que outras parcerias existirão	RED GLOBAL DE LAS POBLACIONES REFUGIADAS DEL MUNDO
E-mail	administrazioa (@) saharaelkartea.org, ucs-sku (@) euskalfondoa.org

## Habitação digna

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Habitação para todos com dignidade e organização
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Comunidade organizada fazer parceria com órgãos competentes
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	Ass. Comunitária dos amigos morada da colina
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Juventude e Transformação Social
<b>Âmbito da ação</b>	Local
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	habitação digna
<b>Que outras parcerias existirão</b>	PGM; MP
<b>E-mail</b>	ilmo (@) bol.com.br

## Herramientas deliberativas para una participación de calidad

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Dotarse de herramientas que faciliten la concreción de una participación deliberativa que asegure una real intervención de todos los participantes para dar sus pros y contras sobre los temas a tratar en las reuniones o en los foros por internet.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Dar a conocer y someter a evaluación diversos sistemas de participación para reuniones y por internet que se estan implantando.
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	Nova, Centro para la Innovación Social
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Por una participación ciudadana de calidad
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	participación, deliberación, calidad, evaluación
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Organizaciones que desarrollan o usan sistemas de participación para mejorar la calidad de las reuniones seminarios, encuentros.. foros internet... que quieran compartir y evaluar sus experiencias.
<b>E-mail</b>	martí (@) novacis.org

## Let us create a World Parliament here and now!

<b>Objetivo da ação proposta</b>	In the long run: the creation of a world parliament elected by the people (based on one person, one vote) that is the most important institution for the creation of international law.  In the short run: the creation of a provisional world parliament that creates moral pressure on decision makers.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Creation of symbolic world parliaments in real life or on the internet site of the World Parliament Experiment: <a href="http://www.world-parliament.org">www.world-parliament.org</a> . Processes can be both direct and representative through delegated voting, that means you decide whether you want to be represented or represent yourself. Basic principles is that everybody can change anything at anytime, if there is enough support. So if you do not like any aspect of the project make a proposal to change that aspect! Elected representatives will introduce the results to the political process as claims to decision-makers. The core people support it, the more powerful it will be.
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	Associação Beneficente para o Menor; The World Parliament Experiment
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Let us create a World Parliament here and now! Closing Session
<b>Âmbito da ação</b>	Global
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Global Governance
<b>Que outras parcerias existirão</b>	With all organizations that support the Coalition for a World Parliament and World Democracy or similar organization
<b>E-mail</b>	team (@) world-parliament.org

## L'humanité a rendez vous avec elle-même. Appel à un engagement mutuel

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Eveiller à l'urgence de la situation et des défis planétaires: environnementsaux (risques climatiques ect...), pauvreté, inégalités et humiliations, armes de destruction massive, terrorisme, guerres, dialogues entre civilisations
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Lancer un appel pour que, face à cette urgence, chacun puisse porter individuellement et collectivement la transversalité des luttes et des comportements (du respect des droits jusqu'à l'objection de conscience)  Faire une large consultation sur les urgences essentielles des personnes  Réunir les preuves des dangers majeurs signalés
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Centre d'Etudes pour le Développement de l'Amérique Latine (réseau Banyan Tree); Mouvement Transversal Scienculture; ODE (Droits des enfants)
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	L'humanité a rendez-vous avec elle même
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	engagement, transversalité, droits de l'homme
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Tosu ceux qui se sentent concernés
<b>E-mail</b>	appel.banyan (@) caracoleando.org

## Plebiscito Universal

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Conhecer a posição da Humanidade sobre questões de grande abrangência e importância. Um exemplo de questão a ser proposta pode ser a taxaço internacional sobre a produção e comercialização de armamentos para gerar recursos para erradicar a fome; outro exemplo, saber o que pensa o conjunto dos seres humanos sobre a desativação do arsenal nuclear em todo o mundo.
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Pesquisa de Opinião no Fórum Social Mundial: realizada para saber o que pensavam os participantes sobre a questão. 95 % das pessoas pesquisadas (mais de 1500 pessoas, de 25 países) aprovou a idéia de plebiscito de abrangência universal.  Apresentação da proposta em conferências-chaves do Fórum: realizada para conhecer a opinião de pensadores e idealizadores do Fórum. Bem acolhida por pessoas como Boaventura S. Santos, Oded Grajew, Manuel Castels e Gilberto Gil. O Ministro não só deu seu apoio como colocou seu ministério à disposição para auxiliar a idéia  Desenvolvimento de software livre e página de informática  Articulação com a organização do Fórum para realizar um novo estudo de plebiscito, de maior porte, para consultar a opinião da Humanidade sobre a idéia de plebiscito
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Centro Interdisciplinar de Saúde Mental; IPF – Instituto Psiquiátrico Forense; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Pesquisa: Opinião dos Participantes do Fórum Social Mundial quanto à proposta de um Banco de Dados Universal da Humanidade
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Democracia Universal, Plebiscito Universal, Humanidade
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Comitê Organizador do Fórum Social Mundial, ONU, Anistia Internacional
<b>E-mail</b>	rsm (@) via-rs.net

### Préparation d'une journée internationale (avril ou mai) sur les taxations internationales

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Création d'un groupe non-gouvernemental d'appui aux initiatives proposées par une coalition de gouvernements (Bresil, France, Chili, Espagne) dont l'objectif serait la création d'une ou de plusieurs taxes internationales pour financer certains OMD (Sida, accès à l'eau potable, éducation pour tous).
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Mobilisation dans le cadre de la campagne internationale "Action mondiale contre la pauvreté" en direction des parlementaires européens
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais Coordination SUD (Solidarité - Urgence - Développement) Attac France organisations de la campagne: "2005: plus d'excuses"
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Novos Mecanismos de Financiamento ao Desenvolvimento
<b>Âmbito da ação</b>	Continental
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Taxations internationales, Objectifs du millenaire pour le developpement (OMD), Campagne d'opinion publique
<b>Que outras parcerias existirão</b>	Syndicats, collectivities locales, organisations de la campagne: "Action mondiale contre la pauvreté"
<b>E-mail</b>	rouille (@) cirad.fr

### Redes Solidárias para as organizações sociais saharais

<b>Objetivo da ação proposta</b>	que as organizações sociais Saharais junto a outras do Sul partilhem e construam soluções para suas dificuldades
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Organizar encontros entre redes com esas organizações
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	coordinadora de asociaciones de amistad y solidaridad con el pueblo saharai; COORDINADORA EUROPEA DE SOLIDARIEDAD EN EL SAHARA OCCIDENTAL
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Otros muros: el caso del Sahara occidental
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	REDES, MUJERES, ORGANIZACIONES SOCIALES, SAHARA
<b>Que outras parcerias existirão</b>	RED SUR-SUR DE ORGANIZACIONES SOCIALES
<b>E-mail</b>	administrazioa (@) saharaelkartea.org, ucs-sku (@) euskalfondoa.org

### Témoignage d'un partenariat de développement durable entre la ville d'Aubervilliers en France et la ville de Bouly en Mauritanie

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Etablir des réseaux de collaboration active
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Présentation d'un film, échange et solidarité
<b>Qual organização/ quais organizações proponentes</b>	forum social aubervilliers; Association Bailleine pour le Développement et l'Insertion
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	film / débat
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	collaboration active, développement durable, société civile, migration
<b>Que outras parcerias existirão</b>	autres expériences de développement durable
<b>E-mail</b>	nath.incorvaia (@) free.fr

### Visita a los campamentos de poblacion refugiada Saharavi en Tindouf - Algeria

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Dar a conhecer as condições de vida das populações refugiadas no Saharaui
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Organizar visita das organizações integradas ao FSM ao acampamento
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	coordinadora de asociaciones de amistad y solidaridad con el pueblo saharai
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Otros muros: el caso del Sahara occidental
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Refugiados, visitas, sahara
<b>Que outras parcerias existirão</b>	red global de las poblaciones saharavis
<b>E-mail</b>	administrazioa (@) saharaelkartea.org, ucs-sku (@) euskalfondoa.org

### World Democracy Forum

<b>Objetivo da ação proposta</b>	Create a world Forum, like the world Social Forum, but devoted democratic solutions to global problems, not protests
<b>Ação para realizar esse objetivo</b>	Forums, Workshops, cultural events, organizing, strategizing
<b>Qual organização/quais organizações proponentes</b>	Coalition for a World Parliament and Global Democracy
<b>Em qual atividade do FSM a proposta foi apresentada, discutida, acolhida</b>	Organizing Toward a World Parliament
<b>Âmbito da ação</b>	Mundial
<b>Uma ou duas palavras-chave</b>	Democracy, global, forum, world
<b>Que outras parcerias existirão</b>	UBUNTU, World Federalist Movement, United Nations Association
<b>E-mail</b>	dickburkhart (@) comcast.net